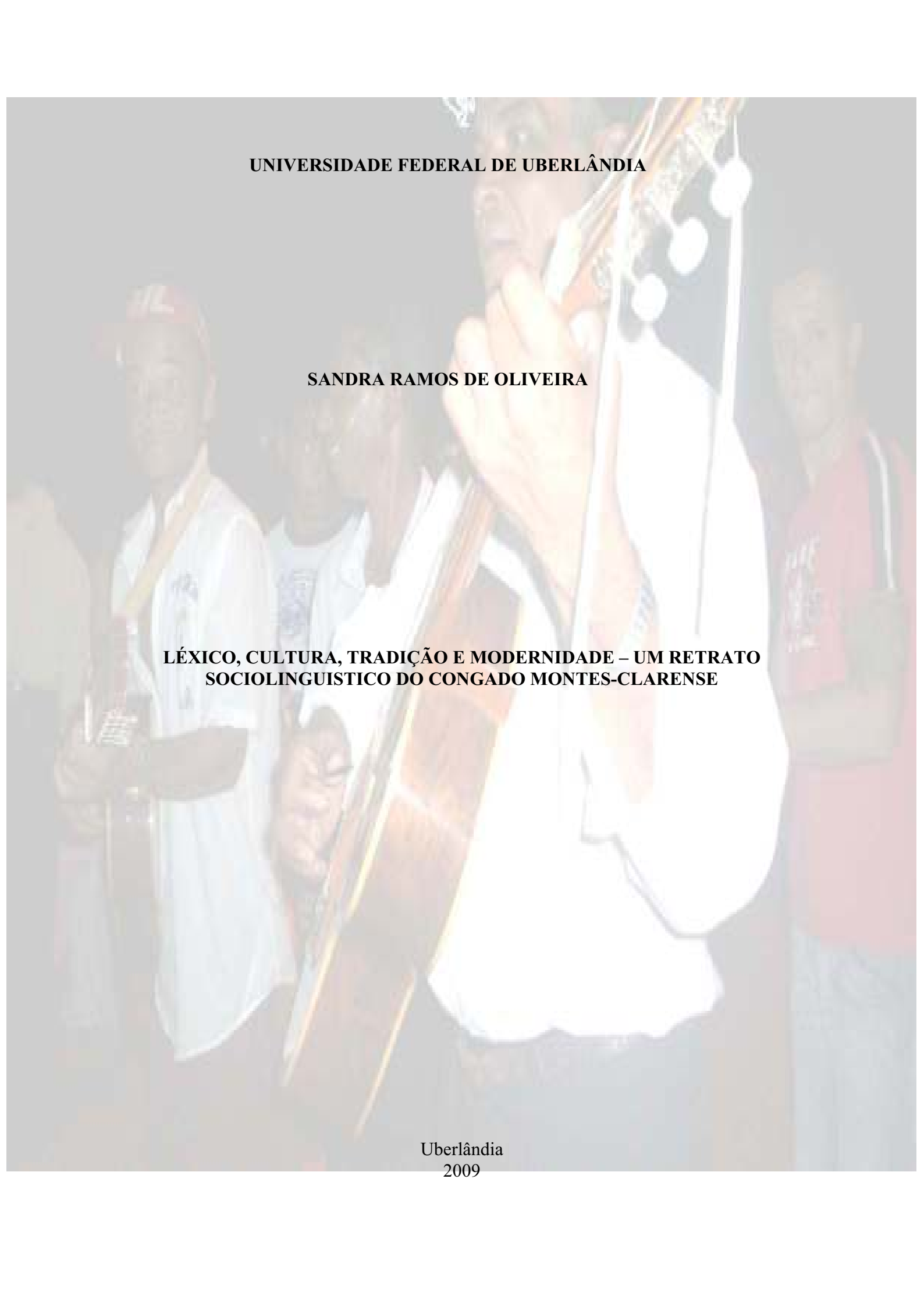


A faded background image showing a group of men playing musical instruments, likely Congado. The central figure is a man in a white shirt playing a large, upright stringed instrument, possibly a viola or a similar traditional instrument. To his left, another man in a white shirt and a red cap is also playing a similar instrument. To the right, a man in a red shirt is visible. The image is semi-transparent, allowing the text to be overlaid.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

SANDRA RAMOS DE OLIVEIRA

**LÉXICO, CULTURA, TRADIÇÃO E MODERNIDADE – UM RETRATO
SOCIOLINGÜÍSTICO DO CONGADO MONTES-CLARENSE**

Uberlândia
2009

SANDRA RAMOS DE OLIVEIRA

**LÉXICO, CULTURA, TRADIÇÃO E MODERNIDADE – UM RETRATO
SOCIOLINGUISTICO DO CONGADO MONTES-CLARENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano

Uberlândia
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586i Oliveira, Sandra Ramos de, 1974-
Léxico, cultura, tradição e modernidade : um retrato sociolinguístico

do Congado MontesClarense / Sandra Ramos de Oliveira. - 2009.

209 f. : il.

Orientadora: Waldenice Moreira Cano.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui bibliografia.

1. Lexicologia - Teses. 2. Congadas - Teses. 3. Montes Claros (MG) - Cultura popular - Teses. I. Cano, Waldenice Moreira. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 804.0-3

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela luz, pela força e pela presença constante em minha vida.

Ao meu filho Gabriel Henrique, “companhêlo” a quem eu amo até o infinito e mais.

À minha querida mãe Maria, exemplo de força e perseverança.

Aos meus familiares pelo apoio e em especial a Dade minha irmã querida pela ajuda, a Willian pelo companheirismo e a Alex por acreditar em mim.

Às minhas grandes e especiais amigas Liliane, Alba, Anacris e Socorro pela amizade verdadeira, pela força, apoio e contribuição em todos os sentidos...

Aos professores Waldenice, Evandro, Waldenor e Ernesto pelos ensinamentos e por contribuírem profundamente para o meu conhecimento e crescimento profissional.

Aos amigos de Uberlândia, por tornarem especiais, alegres e memoráveis os momentos vividos nessa cidade, nomeadamente Rosa Eliza, Milton e Lucas pela hospitalidade, amizade e pelo carinho incondicionais.

A Solene e Eneida pela competência e boa vontade.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa me apoiando e incentivando durante os anos dedicados ao mestrado o meu agradecimento profundo e sincero.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo a identificação, análise e descrição de aspectos do léxico utilizado pelos componentes dos grupos folclóricos em Montes Claros por meio da construção de um campo léxico-semântico do congado montesclareense para verificar em que medida ele expressa a realidade social, histórica e cultural dos grupos de Catopés, Marujos e Caboclinhos que realizam, anualmente, suas festividades no mês de agosto na referida cidade. A análise aqui apresentada não teve a pretensão de esgotar as lexias relacionadas às Festas, limitou-se àquelas encontradas no *corpus* escolhido que contemplavam a relação entre o léxico e a cultura na formação da identidade lingüística do povo de Montes Claros. Buscando apresentar a relação entre léxico e cultura, este estudo concebe a cultura como um sistema de práticas e é através da análise lexical que busca-se, aqui, detectar as práticas sociais dos grupos de Congado montes-clarenses e constatar sua relação com a cultura local, para tanto, adotou-se uma abordagem sócio-etnolingüística e princípios teóricos da Lexicologia e da Semântica, enfatizando-se o processo de construção do significado. Constatou-se que, na construção das cantigas de cada grupo, o significado é determinado por elementos lingüísticos e não lingüísticos, demonstrando uma particularidade semântica que representa uma forma de pensar, agir e viver dos congadeiros.

Palavras-chave: léxico, cultura, Catopés, Marujos, Caboclinhos, campo léxico-semântico, sociolingüística.

ABSTRACT

This investigation was aimed at identifying, analyzing and describing the lexical aspects used by the members of folk groups from Montes Claros through the construction of a lexical-semantic field of the congado Montesclarenses, verifying how much it reports the social, historical and cultural reality of *Catopês*, *Marujos* and *Caboclinhos* groups which yearly do their festivities in August in this city. This analysis didn't have the intention of exhausting the *lexias* related to the Fests. It limited to those ones which were found out in the chosen corpus which are connected to the relation between the lexicon and the culture in the formation of the linguistic identity of people from Montes Claros. This study was aimed at presenting the relation between the lexicon and culture, conceiving culture as a system of practices. It is through the lexical analysis that it intended to detect the social practices of Montes Claros' *Congado* groups and evidence their relation with the local culture. It was adopted a sociolinguistics approach and the theoretical principles of lexicology and semantics, emphasizing the process of meaning construction. It was evidenced that in the songs creation of each group the meaning is determined by linguistic and non-linguistic elements, showing a semantic peculiarity which represents the way of thinking, behaving and living of *Congadeiros*.

Palavras-chave: lexicon, culture, Catopês, Marujos, Caboclinhos, lexical-semantic field, sociolinguistics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ENTRELACANDO CONCEITOS: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.....	17
1.1 Relação sociedade e cultura	18
1.1.1 Os Catopês	21
1.1.2 A Marujada	25
1.1.3 Os Caboclinhos	29
1.2 Relação entre língua e sociedade	35
1.3 Relação entre língua e cultura	38
1.4 Relação entre língua, sociedade e cultura	42
1.4.1 Cultura erudita X cultura popular	43
1.4.2 Léxico	45
1.4.2.1 Lexias	47
1.4.3 Teoria dos campos léxicos	50
2 METODOLOGIA	54
2.1 Procedimentos para montagem do <i>corpus</i>	54
2.2 Procedimentos para análise dos dados	56
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	58
3.1 Descrição dos dados	60
3.2 Análise dos dados	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXO 1: Mapa de localização da cidade de Montes Claros	82
ANEXO 2: Corpus	83
APÊNDICE 1: Entrevistas	91
APÊNDICE 2: Quadro das lexias extraídas das cantigas de Paula (1979)	101

Lista de esquemas

Esquema 1: Configuração das lexias nas Festas de Agosto e sua distribuição entre os grupos do Congado.....	62
--	----

Lista de abreviações

Adj. – Adjetivo
Adv. – Advérbio
Ant. – antigo (a)
Ar. – árabe
Art. Def. – artigo definido
Art. Pron. – artigo pronominal
Biol. – Biologia
Bot. – Botânica
Cat. – Catalão
Class. – Clássico
Contr. – contração
Deriv. – derivado
Dev./ Deverb. – Deverbal
Ext. (acepção) – extensiva
f. – feminino
Fig. – Figurado
Fis. – Física
Fr. – francês
Germ. – Germânico
Gr. – Grego
Lat. – latim
LC – Lexia composta
LS – Lexia simples
m. – masculino
Met. – Metereologia
Pop. – Popular
Pred. – predicativo
Prep. – Preposição
Pron. dem. – pronome demonstrativo
Pron. Exc. – Pronome exclamativo
Pron. Int. – pronome interrogativo
Pron. – Pronome
Quimb. – quimbundo
Rel. – Religião
Sf. Bras. – Substantivo feminino brasileiro
Sf. Pop. – Substantivo feminino popular
Sf. – Substantivo feminino
Sm bras. – Substantivo masculino brasileiro
Sm. pop – substantivo masculino popular
Sm. – substantivo masculino
Tb. – Também
Var. – variante
Vb. bi. – Verbo bitransitivo
Vb. pr. – Verbo pronominal
Vb. t. c. – verbo transitivo circunstancial
Vb. t. d. – verbo transitivo direto
Vb. t. i. – verbo transitivo indireto
Vb. t. – verbo transitivo

v./Vb. – verbo
Vulg. – Vulgar
Zool. – Zoologia

Lista de figuras

Fig. 1 – Cavalhada nas Festas de Agosto, nas primeiras décadas dos anos 1900.....	19
Fig. 2 e 3- Apresentação dos grupos de congado no passado e na atualidade.....	20
Fig. 4 – Mestre dos Catopês.....	21
Fig. 5 – Terno de Catopês	23
Fig. 6 – Detalhe do capacete	23
Fig. 7 – Detalhe traseiro do capacete	23
fig. 8 – Penacho	23
Fig. 9 e 10 – Caixas	23
fig. 11 – Pandeiro	23
fig. 12 – Violões	23
Fig. 13, 14 e 15 – Tambores, caixas, flauta e tamborins	24
Fig.16 – Mestre da Marujada	25
Fig. 17 e 18 – Integrantes da Marujada.....	26
Fig. 19 – Porta Estandarte da Marujada	26
fig. 20 – Encenação da Marujada	26
Fig. 21 e 22 – Encenação da Marujada	27
Fig. 23 – Mestre do terno de Caboclinhos	29
Fig. 24, 25, 26, 27 – Detalhes dos Caboclinhos: terno composto por muitas crianças.....	30
Fig. 28 e 29 – Caboclinhos: vestimentas e enfeites feitos com penas de aves multicoloridas	31

INTRODUÇÃO

A escolha do objeto de estudo deste trabalho se deu, inicialmente, por acreditarmos que a inter-relação língua/cultura/sociedade não se apresenta como algo resolvido, pelo contrário, constitui-se em um campo de vastas e distintas controvérsias, uma preocupação constante dos estudiosos das ciências humanas que vêm tentando, ao longo da história, caracterizar essa relação por meio das mais diversas correntes de pensamento.

Como é sabido, o estudo de uma língua envolve também a análise de aspectos sociais, culturais e históricos do grupo que a toma como instrumento de comunicação diária e de interação social, porque o fato linguístico está sempre associado a um sujeito que vive em sociedade. Assim, o estudo do léxico pode apresentar elementos significativos para a vida de uma sociedade e para a caracterização da realidade sócio-histórica e cultural dos seus falantes já que o léxico é constituído por um conjunto de vocábulos que representam a herança sociocultural de uma comunidade e, em vista disso, torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem.

Considerando que o objeto de nossa investigação – os grupos de Congado – existe em praticamente todas as cidades do estado de Minas Gerais, assumindo em cada uma delas, características específicas, optamos por delimitar o nosso universo de investigação à cidade de Montes Claros, situada ao extremo norte do estado de Minas Gerais – região do falar baiano, segundo Zágari (1997) enquanto a revista *O Folclore e as Festas de Agosto em Montes Claros* (1995, p. 2) opta por afirmar que lá “ há o encontro de dois Brasis: O Brasil nordeste e o Brasil sul. Nos trajes do vaqueiro desta região se fundem as características das duas regiões brasileiras. Montes Claros é um pouco da Bahia e um pouco de Minas”. Portanto, partindo do pressuposto de que o português falado no Brasil apresenta uma realidade heterogênea, levantamos algumas hipóteses que nos nortearam nesta pesquisa. Presumimos que:

- a religiosidade é um aspecto marcante das festas de agosto e aspectos da cultura local estão presentes nessas festas, assim, encontraremos desde lexias relacionadas aos aspectos religiosos e à cultura até lexias relacionadas aos sujeitos que participam - e fazem - as festas.

- em razão de o léxico poder revelar aspectos históricos, sociais e culturais de uma língua, o vocabulário constituinte das cantigas mostraria a estreita relação entre língua e cultura, especialmente a cultura das festas folclóricas tão presente na vida de grande parte dos moradores não só da cidade, mas de todo o Norte de Minas;
- por se tratar de uma região povoada, em outros tempos por tribos indígenas, e marcada pelo trabalho escravo nas fazendas, encontraríamos unidades lexicais de origem indígena ou africana, ou que designassem objetos que fizessem parte da cultura desses povos.

Como, em nossos dados, verificamos diferentes formas de lexias, para descrevê-las, embora apresentemos as terminologias de autores como Pottier (1978), optamos por adotar a classificação de Biderman (2001), que distingue somente as lexias simples das complexas. Nesse sentido, procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- Que lexias encontradas no *corpus* analisado compõem o campo léxico-semântico das festas folclóricas montes-clarenses?
- Que subcampos léxico-semânticos podem ser formados a partir da identificação de traços significativos comuns entre os grupos de lexias?

Com base nas hipóteses e nesses questionamentos, objetivamos verificar, descrever e analisar o léxico coletado nas letras das cantigas folclóricas dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos, agrupando as lexias em campos semânticos e documentando a relação entre o léxico e a cultura na formação da identidade linguística do povo de Montes Claros; além de levantar aspectos socioculturais da região estudada, para detectar possíveis influências não-linguísticas na configuração do léxico local.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de letras das cantigas dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos — grupos folclóricos que formam o Congado em Montes Claros e que realizam suas festividades anualmente no mês de agosto, desde a fundação da referida cidade — extraídas da obra de Hermes de Paula, “Montes Claros — sua história, sua gente e seus costumes”, por acreditarmos que esse autor procura transmitir as realizações linguísticas expressas pela cultura, consideradas não eruditas, de maneira clara, objetiva e muito fiel à manifestação oral das cantigas cantadas pelos

componentes dos grupos de congado, durante a realização das festas folclóricas. A partir desse *corpus*, selecionamos os dados (lexias simples e compostas), e procuramos descrevê-los e analisá-los à luz da Sociolinguística e dos princípios teóricos da Lexicologia e da Semântica, enfatizando o processo de construção do significado.

Por fim, a presente pesquisa foi estruturada em três capítulos. O primeiro é dividido em seções e subseções nas quais tratamos da apresentação dos sujeitos da pesquisa, ou seja, o grupo social investigado e sua relação com a cultura local – as Festas de Agosto – apresentando recortes da cultura popular nos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos; da língua e seu vínculo com a sociedade, posteriormente com a cultura e, por fim, apontamos a relação língua, sociedade e cultura. Apresentamos também o quadro teórico que serviu como base para a análise dos dados, sendo apresentadas contribuições de estudiosos da linguagem para a explicação dos fatos da língua. Buscamos, também, mostrar contribuições da Sociolinguística para a explicação de fenômenos da linguagem em distintas situações de uso da língua na vida social, e da Etnolinguística que trata das relações entre língua e cultura, ambas abordando a linguagem através de aspectos linguísticos e não-linguísticos (religiosidade, danças, expressão corporal, história, cultura, sociedade, etc). Além disso, neste capítulo, abordamos a teoria do signo linguístico, no que se refere à relação signo/significado, a definição de lexias para, em seguida, tratar das teorias dos campos léxico-semânticos.

O segundo capítulo versa sobre as questões metodológicas, isto é, descreve o contexto de ocorrência das lexias nas cantigas folclóricas dos ternos de congado e, em seguida, relata os procedimentos de coleta, descrição e análise dos dados.

O terceiro capítulo apresenta a descrição e análise dos dados, considerando a teoria dos campos léxicos e analisando subcampos e microcampos de unidades lexicais no campo léxico-semântico das Festas de Agosto – folclore montes-clarense.

Finalmente, tecemos nossas considerações sobre a pesquisa realizada e, a seguir, incluímos, nos anexos, as letras das cantigas que constituem o nosso *corpus* e, no apêndice, as transcrições das entrevistas, algumas fotos de mestres, dançantes e da cidade, assim como o quadro das lexias extraídas das cantigas com seus respectivos significados, comprobatórios da nossa pesquisa e esclarecedores das nossas considerações acerca do objeto de estudo. Enfatizamos que essa pesquisa pretende ser uma leitura das inegáveis relações entre a realização da língua e da cultura, características do povo montes-clarense, sendo somente uma das diversas possíveis

sobre este objeto, sob a perspectiva de que o léxico serve à cultura e por ela é servido, o que podemos afirmar tomando como base as pesquisas e estudos desenvolvidos sobre cultura, sociedade e linguagem.

1 ENTRELAÇANDO CONCEITOS: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

Como já explicitamos anteriormente, partimos do pressuposto de que, ao se conhecer a língua de um povo, também se conhece sua identidade. Ainda que se possa abordar a relação língua – cultura – sociedade, a partir dos diversos elementos que compõem o ato de fala, mas em razão de ser impossível abrangê-los na sua totalidade, esta pesquisa limita seu objeto de análise ao léxico dos grupos de congado montes-clarense, buscando construir campos léxico-semânticos para demonstrar sua regularidade linguística.

Como a língua é um sistema complexo, seu estudo só se torna possível, na medida em que seu léxico é entendido como um conjunto de unidades lexicais que não se apresentam como signos isolados, mas sim, como elementos sujeitos a uma escala de valores dada pelo contexto. Dividindo-se esse sistema (a língua) em subsistemas (campos, subcampos e microcampos léxico-semânticos), ficam claras as suas regularidades e até a presença de uma mesma lexia em vários deles; assim, a estrutura lexical da língua é parcialmente visualizada, a partir do estudo de cada um desses subsistemas.

É por meio da do léxico que a língua revela as especificidades de determinado local, bem como das crenças e dos costumes do grupo social que ali vive. A importância do léxico e o seu papel como elemento revelador de aspectos socioculturais de uma comunidade tornam-se/ mais evidentes na comunicação cotidiana e/ou no ato de nomear, seja pela criação seja pela conservação das palavras. Biderman (1978, p. 139), afirma que:

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Com base nas ideias dessa autora com as quais corroboramos, podemos afirmar que o léxico é, então, o elemento que mais amplamente espelha aspectos da vida social e da cultura, bem como da linguagem utilizada pelo povo de Montes Claros, já que se constitui num inventário aberto, impossível de ser estudado na sua totalidade por apresentar um número incontável de campos léxico-semânticos, mas que reflete as diferentes formas como esse povo concebe a realidade.

1.1 Relação sociedade e cultura

A cidade de Montes Claros possui uma grande diversidade de manifestações culturais que constituem o principal meio de difusão dos seus costumes e da manutenção de sua tradição, reunindo, num mesmo ritual, fé, devoção, festa e música.

Suas festas religiosas possuem aspectos semelhantes às demais do país; são manifestações culturais tradicionais que expressam em grau máximo a religiosidade e o catolicismo popular, caracterizando-se pela homenagem a um santo padroeiro ou pela devoção de uma comunidade que lhe canta louvores.

É muito pequeno o número de documentos escritos que trazem dados sobre o surgimento do congado em Montes Claros, por essa razão os relatos orais são considerados importantes fontes para o conhecimento da história dos ternos.

Foi a partir de consulta a documentos diversos, jornais, ao *site* montesclaros.com e à obra *Montes Claros – sua história, sua gente, seus costumes* (PAULA, 1979), que encontramos informações sobre a realização do Congado em Montes Claros e, além desses documentos, realizamos também entrevistas com dançantes e mestres dos ternos de congado da cidade. Apesar das diversas lacunas históricas existentes há textos que registram a existência dos ternos de Congado nessa cidade desde muito cedo, como a Revista Folclore (1995, p. 5), as atas da Câmara Municipal de Montes Claros, que relatam a realização das festividades desde 1839. Segundo consta na obra de Paula,

(...) A mais antiga notícia sobre o assunto é datada de 23 de maio de 1839, quando ‘Marcelino Alves pediu licença pra tirar esmolos para as festas de Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo que pretendia fazer nesta freguesia’(...) Catopês, Cavalhadas, Volantins e quaisquer outros divertimentos que não ofendam a moral pública. (PAULA, 1979, p. 138)

Ainda segundo Paula (1979, p. 138), em Montes Claros, na segunda quinzena do mês de agosto – sempre por volta dos dias 16, 17 e 18 –, são realizadas, há aproximadamente 168 (cento e sessenta e oito) anos, as Festas de Agosto – uma das mais importantes manifestações culturais tradicionais da cidade, quando o Congado se apresenta para a sociedade local. Nessas festas, além das práticas religiosas, tais como missas, bênçãos e levantamento de mastros, são realizadas as homenagens a Nossa Senhora do Rosário (Catopês ou Dançantes), São Benedito (Caboclinhos ou Caboclada)

e ao Divino Espírito Santo (Marujada). Os festeiros enfeitam e dão cores às ruas centrais da cidade, cantando e dançando ao ritmo dos seus tambores.

A tradição popular conta que a primeira Festa de Agosto realizada foi em honra de Nossa Senhora da Conceição, com leilões e barraquinhas, novena e procissão. A partir de então, passou-se, nessa festa, a homenagear Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo. Durante ela, realizavam-se a Cavalhada, com seus cavaleiros ricamente vestidos, disputando torneios medievais e representando o rapto da princesa cristã pelo rei mouro e o consequente enfrentamento dos dois grupos – o que hoje já não acontece –, assim como também as apresentações do “Bumba-Meu-Boi”.



FIG. 1- Cavalhada nas Festas de Agosto, nas primeiras décadas dos anos 1900.

Atualmente, o Congado montes-clarense está subdividido em três Ternos de Catopês, duas Marujadas e um grupo de Caboclinhos, chefiados, respectivamente, por:

MZ¹ – chefe do primeiro grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário e também presidente da Associação dos Grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros;

¹ Esse código e os que estão abaixo elencados referem-se a sujeitos cuja identidade é do conhecimento dos pesquisadores, e foram utilizados para a preservação da identidade dos sujeitos.

JBF – chefe do segundo grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário;
JECN – chefe do grupo de Catopês São Benedito;
JCC – chefe da primeira Marujada;
MM – chefe da segunda Marujada;
JPS – chefe dos Caboclinhos ou Caboclada.

Esses seis grupos que compõem atualmente o Congado montes-clarense constroem uma cadeia de transmissão iniciada na memória do Congado Colonial, revivida e atualizada a cada ano, em cada nova apresentação, misturando-se ao universo sociocultural em que vivemos, no qual os mais variados valores culturais dialogam, mas os verdadeiros significados de uma “tradição” se mantêm, sem perder sua essência, suas raízes histórico-culturais e seus traços identitários. A seguir, descrevemos cada grupo que compõe o Congado montes-clarense, a saber, os Catopês, a Marujada e os Caboclinhos.



FIG. 2 e 3- apresentação dos grupos de congado ontem e hoje

1.1.1 Os Catopês

“Quilombo espalhou suas raízes
E fez sua semente germinar
Em ricas terras mineiras
Do milho verde vem o canto pelo ar

Grupos de negros legendários
Catôpes tradicionais
Fazem do festejo do rosário
Cenários dos nossos ancestrais...”

Rona Gonzaguinha/ Xixa/ Dom Marcos /Edinho / Minho.



FIG. 4 – Mestre dos Catopês fotografado por Xu Medeiros

Uma antiga reportagem do jornal de Montes Claros de 17 de agosto de 1916 já registra a existência de ternos de congado em Montes Claros e no *site montesclaros.com* é possível visualizarmos imagens de dançantes datadas de 1900. De acordo com documentos antigos e com mestres e dançantes dos grupos de congado, a história do surgimento desses grupos é cheia de lacunas, mas em conversa sobre o tema, JBF nos conta “...óia... ieu num sei direitio dessa estóra, não sabe? (risos)... Mais o qui meu pai contava é qui foi nu tempu dus iscravo, sabe? Diz qui aqui ni Monsclaro só tinha umas quato casa! Ta pá mais di cem ano... É tempo dimais, né? Mais dêss dessa época dos iscravo essas festa já acunticia pu aqui... assim contava meu pai, né?” JBF afirma ainda que “...Pra mim... u povu fala na na né ((tossiu))... comu diz a lenda né... é dos africanu.”

Quando pedimos a MZ que nos contasse sobre a cidade e a criação do primeiro terno de catopês e ele nos informa que “*Montes Claro antigamente era uma vila piquininha que chamava Arrail da Formiga. Aqui inda num tinha nada, só umas casinha aqui, aculá... Aí, chego por aqui uma famia de gente pritim, mais pritim mermo, vindo lá das banda do Serro! (risos) Foi intão qui o grupo de Catopé qui já tinha aqui foi dividido ni dois, aí passo a tê o terno de Nossa Senhora do Rosário e o terno de São Binidito. Só muitios ano dipois é qui foi criado o segundo terno de Nossa Senhora do Rosário.*

Atualmente, há em Montes Claros três “ternos” de Catopês, os quais preservam as influências da cultura africana, no que tange à sua coreografia, suas músicas e seus rituais (REVISTA VERDE GRANDE, 2005, p. 40). Apresentam-se em duas colunas e têm obrigação de organizar e acompanhar o “reinado” – reminiscência das festas de Chico Rei em Ouro Preto (PAULA, 1979, p. 139).

Os Catopês sempre foram os “donos” da Festa de Agosto e se orgulham muito disso; usam roupas brancas ou claras e nem sempre estão calçados. Sobre a cabeça, colocam um “capacete” (espécie de cilindro oco enfeitado com espelhos, lantejoulas e fitas multicoloridas), porém o “capacete” do chefe tem um “penacho” que lhe dá distinção especial; além disso, cada integrante toca um instrumento (pandeiro,

tamborim ou caixa) e uma flauta de bambu dá harmonia ao conjunto. Vejamos as imagens²:



FIG. 5 – Terno de Catopês



FIG. 6 – Detalhe do capacete



FIG. 7 – Detalhe traseiro do capacete



FIG. 8 – Penacho



FIG. 9 e 10– Caixas



FIG.11 – Pandeiro



FIG.12– Violões

² Figuras retiradas de acervo pessoal e da *internet*. Disponíveis em: <www.montesclaros.com> Acesso em: 15 dez. 2007.



FIG. 13, 14, 15 – Tambores, caixas, flauta e tamborins

Todo ano, pessoas da sociedade montes-clarense são sorteadas, geralmente crianças, inscritas previamente, para figurarem como rei, rainha, príncipe ou princesa de Nossa Senhora do Rosário (Catopês) e São Benedito (Caboclinhos); já no grupo do Divino Espírito Santo (Marujos), não há rei, mas imperador (PAULA, 1979, p. 139).

Paula (1979, p. 139) descreve os Catopês da seguinte maneira:

No dia da festa, logo pela manhã, os Catopês saem pelas ruas cantando e pulando no ritmo dos tambores. Inicialmente vão em casa dos **príncipes** e **princesas** para conduzi-los à casa do rei (ou da rainha conforme ficou combinado o local da festa); aí formam o cortejo: em um quadro formado por quatro bastões de mais ou menos três metros e enfeitados de papel de cores, agrupam-se o rei, a rainha, 1º príncipe e 1ª princesa, todos vestidos de acordo com os **títulos**. Pessoas da família dos festeiros e grande massa popular e a banda de música acompanham o séquito que se destina à igreja do rosário. Os **dançantes** vão à frente, cantando e dançando, distanciando um pouco, mas voltando em seguida para junto dos reis aos quais fazem salamaleques em sinal de respeito... Essa prática se repete várias vezes até a entrada do reinado na igreja, onde assistem à missa e se processa o 'sorteio' para o ano próximo futuro...

Ao sair da igreja os dançantes não vão de costas para o altar. Fazendo sempre salamaleques respeitosos, dançando uma dança mais suave, vão saindo em conjunto, sempre de frente para o altar e cantando:

Deus te salve, Casa Santa

Onde Deus fez a morada

Onde mora o Cálix Bento

E a Hóstia Consagrada – bis

O chefe canta todos os versos, em seguida os outros cantam os mesmos em dueto. Repetindo muitas vezes.

Novamente formam o cortejo que se destina à casa da festa, (...) onde é servido um almoço aos reis e príncipes, pessoas gradas convidadas, aos dançantes, marujos e Caboclinhos (...). Acabada a comilança o povo vai dispersando e os marujos, dançantes e Caboclinhos vão dançar em diversas casas de família.

Os dançantes formam uma espécie de dinastia; vêm tradicionalmente passando nas mesmas famílias, dos pais aos filhos e netos... As canções são simples, pobres de música e de letra e raramente são renovadas.

São pois, conservadores. Começam os 'ensaios' desde maio; uma vez por semana, aos sábados à noite, saem com suas caixas e pandeiros, à paisana, cantando as mesmas cantigas...

1.1.2

A Marujada

“Vamos a ver a barca nova
Ai! Que do céu caiu no mar
Nossa Senhora vai dentro
E os anjinhos a remar.”



FIG. 16 – Mestre da Marujada

“Chegança”, “Chegança dos Mouros”, “Chegança dos Marujos”, “Barca”, “Fandango” ou simplesmente “Marujada”, como é conhecida em Montes Claros, é a teatralização da epopéia da “Nau Catarineta”, exaltando os feitos dos marinheiros portugueses e os princípios cristãos da religião católica. Embora nossa **Marujada** não apresente todos os autos conhecidos das Cheganças, ela possui **um cunho regional próprio, que lhe dá personalidade definida** (PAULA, 1979, p. 144, grifo nosso).

Até o ano de 2001, a cidade de Montes Claros possuía somente um grupo de Marujada; no entanto, a partir de 2002, esse grupo subdividiu-se em dois, os quais mantêm semelhanças quanto aos aspectos artísticos. Em 2007, o congado montesclarensense perdeu o Mestre Nenzinho e o seu filho IOS, que acompanhava o pai na

Marujada desde que tinha um ano de idade, tornou-se o Mestre Tim, Patrão da Marujada , na tentativa de não deixar morrer a tradição.

O mestre Tim afirma que a lembrança do seu pai fará parte da vida e da memória de todo Marujo pois a família já está no congado há cerca de 108 anos, três gerações,.

Com um enredo e cantigas de letra simples, a Marujada une elementos da tradição luso-espanhola. Os marujos usam roupas de cetim azul (representando os cristãos) e vermelho (representando os mouros); seu enredo funde elementos da tradição luso-espanhola através da encenação de lutas entre mouros e cristãos durante seus grandes feitos náuticos que culminam com a vitória do catolicismo sobre os muçulmanos. Os porta-bandeiras abrem passagem para o grupo com sua coreografia, enquanto o capitão (mestre) vem à frente dos demais integrantes, conduzindo com sua espada a *performance* do terno nos mais diversos momentos e situações do ritual.



FIG. 17 – Integrantes da Marujada



FIG. 18 – Integrantes da Marujada



FIG. 19 – Porta Estandarte da Marujada



FIG. 20 – Encenação da Marujada



FIG. 21 – Encenação da Marujada



FIG. 22 – Encenação da Marujada

As letras das cantigas retratam o enredo característico da *performance* dessa manifestação e o uso de instrumentos harmônicos de percussão e corda (cavaquinhos, violões, violas e pandeiro) estabelece o tom predominante na música desses grupos.

As personagens da Marujada são o *patrão*, o *contramestre*, o *piloto* e o *calafatinho*, representado por um menino de 10-12 anos, vestido de cetim azul enfeitado. Há também dois guardas, não marujos que têm a função de manter o público a certa distância para não atrapalhar as apresentações.

O fragmento de Paula (1979, p. 145-148), a seguir, descreve parte da apresentação da Marujada:

Se tivéssemos em Montes Claros navegação marítima ou fluvial, naturalmente que os marujos, conduzidos pela ‘Nau Catarineta’, desembarcariam no porto. Como nosso rio Vieira não dá nem para pequenas canoas, a coisa se passa diferentemente, mas demonstrando sempre que são marinheiros. Assim é que ‘tomam’ a barca na casa onde se reuniram para se vestir e vão **desembarcar** no porto, que é à porta da Igreja do Rosário”. Ao chegar à Igreja do Rosário (porto), o patrão ‘desembarca’ e é interpelado pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra (capitão do porto) impaciente, em um palanque e empunhando um óculos de alcance (um canudo de papel):

— Grande sultão, monarca Augusto

Lá da mata do Tameirão

Que marcha de peito a peito

E de face a face,

Quero saber o que significa

Marujos na praça com instrumentos na mão!

O patrão responde:

— Sou eu, o patrão da Marujada

Que venho louvar a Virgem

Do Rosário hoje e sempre.

E dirigindo-se aos marujos:

— Remos à forra

Os marujos respondem:

— Boa viagem...

O patrão canta:

— Viemos do mar, saltamos em terra

A Virgem Senhora viemos louvar.

Os marujos respondem:

— Oh!...viemos louvar!... [bis]

O patrão canta:

— Gente que terra é essa [bis]

Terra de grande alegria

Oi, terra de grande alegria

Respondem os marujos:

— É o Campo do Rosário

Que festejamos este dia [bis]

Daí em diante cantam uma variedade de canções. O patrão canta primeiro e os marujos repetem.

1.1.3 Os Caboclinhos

“Sou caboco, caboquinho
E não brinco com ninguém
Quando eu pego na minha flecha
Flecho-flecho muito bem.”



FIG. 23 – Mestre dos Caboclinhos

Os Caboclinhos³ de Montes Claros surgiram em 1947, com o pai de JECN e tinha por objetivo difundir a cultura indígena. Seus componentes trajam tangas, colocam enfeites e cocares de penas de aves, portam arco e flecha utilizados para a marcação do ritmo da dança; são acompanhados, também, por um “terno”. Sua coreografia bizarra e

³ Dança de origem indígena, talvez a mais antiga do Brasil, pois seu primeiro registro data de 1584, quando citada pelo Padre Fernão Cardim no seu livro *Tratado e Terra da Gente do Brasil*, no qual relata que “foi o Padre recebido pelos índios com uma dança mui graciosa de meninos, todos empenados com seus diademas na cabeça e outros atavios das mesmas penas, que os faziam mui lustrosos e faziam suas mudanças (passos) e evoluções mui graciosas...”.

ritmos peculiares representam os ciclos da vivência indígena: a caçada, a colheita, as batalhas e as vitórias do seu povo.

Além do mestre Nenzinho, o congado montes-clarense perdeu também em 2007, o Mestre da Caboclada Joaquim Pólo e seu lugar foi assumido pela filha MSP, agora mestre dos Caboclinhos. MSP foi a primeira mulher a fazer parte do terno e hoje é a primeira mulher a assumir o papel de mestre. Ela dança desde os oito anos e diz que prometeu ao pai em seu leito de morte, manter viva a tradição e se emociona ao lembrar do pai. “... a gente dança, a gente vê ele chamano, mais a gente vai levan’ a tradição dele, né? Num tem jeito mess. Ele gostava muito e eu também gosto dimais, danço desde piquinininha e toda vez queu vô, levo meu marido e meus fii.” Abaixo ilustrações do evento:



FIG. 24, 25, 26, 27 – detalhes dos Caboclinhos: terno composto por muitas crianças.



FIG. 28, 29 – Caboclinhos: vestimentas e enfeites feitos com penas de aves coloridas

O Mestre JECN assumiu a coordenação do grupo em 1986 e há vinte e um anos preserva com entusiasmo as tradições dos Caboclinhos, juntamente com os componentes do grupo que é formado por 45 (quarenta e cinco) pessoas, sendo:

- uma figura infantil (o Caciquinho): considerado o fofoqueiro/fuxiqueiro, que observa tudo e leva as fofocas de um canto ao outro;

- seis figuras adultas: a) Caciona: homem vestido com roupa feminina e chefe dos pequenos Caciquinhos, mas que não fala diretamente com eles; b) Cacicão: o cacique do grupo; c) Mamãe-vovó: homem trajando roupa feminina que observa se os Caboclinhos estão cantando com entusiasmo, dançando com passos coordenados e atentos e harmônicos; d) Papai-vovô possui a mesma função da mamãe-vovó; e) Pantalão: homem desmazelado, mal vestido; f) Capitão Campó: representa o índio flecheiro;

- duas porta-bandeiras: não são indígenas, usam trajes vermelhos com algum enfeite berrante; conduzem, à frente do grupo, as bandeiras em homenagem ao Divino Espírito Santo;

- seis violeiros: tocam as canções que são interpretadas pelos Caboclinhos no ritmo adequado;

- crianças (Caboclinhos): demais componentes do grupo, avaliadas pelo coordenador que observa sua origem, parentesco, conduta social, religião etc.; usam trajes indígenas, representam os filhos dos Caboclos, cantam e dançam.

As duas bandeiras do grupo dos Caboclinhos prestam homenagem ao Divino Espírito Santo e são conduzidas por crianças. As bandeiras são vermelhas entremeadas com muito dourado. As canções interpretadas foram passadas de geração a geração e são muito antigas, não havendo novas composições. Segundo JECN, “pra não quebrar a tradição, as musga é tudo do tempo que meu pai tomava conta do grupo” .

Antes das apresentações o grupo reza o Pai-Nosso e uma Ave-Maria “para que as bênçãos recaiam sobre eles”. Durante a apresentação, uma criança canta (Caciquinho) e as outras (Caboclinhos) respondem às canções. Além das cantigas, as personagens recitam uma auto-apresentação ((PAULA, 1979, p. 167-169), conforme abaixo:

CACICONA

Eu sou sereia, pesco peixe
No mar tenho grande fama
Debaixo dos meus pés verão
A mais delicada dama.

CACIQUINHO

Sou cacique, caciquinho
Senhor lá da mataria
Entre arcos e entre flechas
Tenho muita fidalguia.

CACICÃO

Dentro do meu peito tenho
Uma fita com três laço
Aceitam lembrança minha
Um suspiro e dois abraço.

Um suspiro e dois abraço
Quem te manda sou eu
Quero te perguntar
Se de mim já se esqueceu.

Se de mim já se esqueceu
Não tenho nada a sentir
Porque lá deve achar
Amor com quem divertir.

PANTALÃO

Eu como Pantalão que sou
Governo esta toda harmonia
Até o veio Papai-Vovô
Segue a minha harmonia
Se alguém souber
Que faltasse com obediência
Perco e perco

A paciência
Dê-me o castigo feroz
De ser rasgado e degolado.

CAPITÃO-CAMPÓ

Domingo estava sonhando
Quando levantou-se a guerra do maquiné
Ao tamanho estrondo que deu
A galha do pau quebrou
Ai de mim, que dor!...

PAPAI-VOVÔ

Eu sou Papai-Vovô
De arco e flecha composto
E tão bonito eu sou
Todos olham para mim
O bravo vivo, mandioca puba
E cará-gerimum
E o grande surucucu-assu
Pra nós comer uma panelona
Racho os meus pés
Quanto sapo
Pedaço de pano, toalha e trapo.

MAMÃE-VOVÓ

Do magericão tirei a folha
Da folha fiz o escuro
Dentro do peito da caciconá
Tem a minha sepultura.

Além das danças simples, são apresentadas duas outras mais complexas:

a) “**A TRANÇA DO CIPÓ**”: dança em que são utilizados pedaços de cipó de aproximadamente um metro, um para cada participante, e que é composta de quatro atos independentes: arapuca, quejeme, tango e banguê.

- **arapuca**: os Caboclinhos formam um círculo (como na brincadeira de roda), “mas em vez de se darem as mãos, seguram, dois a dois, as extremidades de um cipó e em número igual ao dos Caboclinhos” (PAULA, 1979, p. 169). Sob as ordens da Caciconá, iniciam a dança, trançam o cipó e, ao final dela, surge a representação de uma arapuca, na qual se prende o Caciquinho.

- **quejeme** (casa, rancho): nesse ato, forma-se um corredor após a “arapuca”, cujos lados compõem-se pelos Caboclinhos e o teto pela “Trança do cipó”. Vejamos um fragmento desse ato (PAULA, 1979, p. 170):

A Cacicono pede ao Caciquinho:

– Caciquinho, fala com Papai-Vovô para dar um passeio no quejeme que mandei fazer para ele; é forte.

O Caciquinho responde:

– Papai-Vovô!... A Cacicono mandou te convidar para entrar no quejeme que ela mandou fazer pro senhor.

O Papai-Vovô mexe e vira, faz uma graça, dá umas piadas e se mostra receoso de atravessar o corredor.

A Cacicono ordena:

– Caciquinho, fala com Mamãe-Vovó para entrar no quejeme com Papai-Vovô.

O Caciquinho dá o recado e depois de muitas ‘piruadas’ os dois velhos entram no corredor lentamente e com muito receio.

Então os Caboclinhos cantam:

Lá vem Papai-Vovô [bis]

Lá da mata do Pessanha [bis]

Vimos comendo cobra [bis]

Bebendo ovos de aranha [bis]

Nisso, a trança do cipó despenca em cima dos velhos. Papai-Vovô salta de lado, deixando a Mamãe-Vovó presa, o que é motivo de muito riso e os Caboclinhos cantam:

Quem matou Papai-Vovô [bis]

Foi um grande matador [bis]

Quem matou Mamãe-Vovó [bis]

Foi a trança do cipó [bis]

Essa encenação é repetida muitas vezes e o ato termina com a soltura da Mamãe-Vovó.

- **tango**: constituído da representação da cantiga transcrita abaixo e do seu “chula”⁴, no intervalo de duas quadrinhas, neste ato, os Caboclinhos batem palmas, tocam seus instrumentos musicais e dançam, cantando:

Pipoca,
Amendoim torrado
Casei com uma veia [bis]
Fiquei logrado...

Se eu tivesse
Com a barba de bode [bis]
Eu ia no barbeiro
Fazer o bigode...

Se eu tivesse
Com fome de cachorro [bis]
Eu pegava uma veia
E dizia que morro...

Se eu soubesse

⁴ Dança apenas do ritmo do tango transcrito, sem a letra da música, e ocorre no intervalo de duas quadrinhas.

Que vinha de lá [bis]
Biscoito de doce
Docim de araquá

- **banguê**: ato constituído pela formação de uma cruz, na posição horizontal, a aproximadamente meio metro do chão, com os cipós trançados como se fossem uma “padiola”, onde o Caciquinho se deita e é carregado pelos Caboclinhos que dançam o “chula” do tango.

b) **“DANÇA DO MASTRO”**: é executada por dez Caboclinhos ao redor de um mastro de três metros de altura, feito de madeira leve enfeitada com tinta e papel de seda coloridos; cada um dos dez Caboclinhos dança segurando a ponta de uma fita colorida, cada uma de uma cor, que sai da extremidade superior do mastro. Os Caboclinhos vão cantando, dançando, trançando as fitas até cobrir todo o mastro; então, invertem o sentido dos movimentos da dança e desmancham toda a trança formada.

Como a nossa proposta de trabalho se embasa teoricamente na Lingüística Geral, na Sociolingüística e na Etnolingüística, tentaremos enfocar a questão da língua numa perspectiva sócio-cultural.

1.2 Relação entre língua e sociedade

Esta seção tem a tarefa de discutir as bases teóricas deste estudo, compreendendo um recorte nas diversas teorias que visam a um melhor entendimento sobre o *léxico* do grupo investigado e a relação com sua cultura e sua sociedade.

Como já mencionamos anteriormente, é inegável o caráter social da linguagem e esta certeza se cristaliza, na medida em que confirmamos que a língua é o principal instrumento utilizado pelo homem para representar o mundo e expressar suas ideias, emoções e experiências. Ao utilizá-la, o indivíduo representa uma realidade que procura criar, assim, a linguagem possibilita a interação entre os indivíduos de uma mesma comunidade linguística, fortalecendo os seus laços sociais.

Para a realização da nossa pesquisa, nos embasamos no panorama estruturalista-empirista no qual figuram os lingüistas Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf que se destacaram na primeira metade do século XX, por iniciarem o que posteriormente ficou conhecido como estruturalismo norte-americano, uma tradição lingüística fortemente antropológica na qual se destacou o trabalho de

Leonard Bloomfield e a análise de línguas indígenas que realizaram. É nesse panorama histórico que se inscreve a hipótese Sapir-Whorf, também conhecida como relativismo ou determinismo lingüístico. Essa hipótese aparece latente em Boas e Sapir, e ganha uma formulação mais explícita nos trabalhos de Whorf, e defende, em linhas gerais, que as línguas humanas podem ser bastante diferentes entre si, e que elas exercem um papel importante na cognição de seu falante. Assim, o falante de uma língua vê e concebe o mundo de forma diferente daquela por meio da qual um falante de outra língua o vê.

De acordo com as idéias expressas por Sapir, é possível afirmar que o conhecimento de mundo só é possível quando o homem transforma as informações que recebe do meio social (as experiências, vivências) e dos modelos mentais (os signos) em códigos (linguagens) para que possa transmiti-las.

Os seres humanos não vivem isolados, assim, é ilusório pensar que uma pessoa possa se ajustar à realidade sem usar a língua, já que esta constitui o meio mais eficaz de se refletir, comunicar e se adequar às mais diversas situações uma vez que a realidade se constrói sobre os hábitos coletivos.

Entender como esse processo se dá e quais suas consequências para o indivíduo, para a sociedade da qual faz parte e para a humanidade é o desafio que as chamadas ciências cognitivas, integradas por diferentes áreas do conhecimento como é o caso da linguística, se propõem a enfrentar. Assim, pode-se afirmar que a “relação entre linguagem e vida social ou, melhor dizendo, entre linguagem e mundo e entre conhecimento e linguagem, não é de forma alguma uma questão nova”, conforme Koch e Cunha-Lima (*in* MUSSALIM e BENTES, 2004, p. 251).

O ser humano é um ser de linguagem, um ser de *discurso*, porque, a partir do seu conhecimento de mundo constituído, ele *fala* através de várias formas de linguagem: a não-verbal, gestos, traços, expressão facial e/ou corporal, comportamento, arte, música, literatura etc. e a verbal, a língua.

É preciso considerar, então, a influência exercida pelo ambiente através da experiência social e considerar como princípio o fato de a língua ser capaz de exprimir os valores de um determinado grupo social e, sobretudo, de suprir as necessidades de comunicação, transmitindo às pessoas traços da vivência dos indivíduos falantes. Afinal, como afirmou Meillet em sua aula inaugural no *Colège de France*, em 1906 (*apud* MUSSALIM e BENTES, 2001, p. 24):

...a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo consubstancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social.

Segundo Faraco (1998, p. 153), desde o século XIX, linguistas como Whitney (1827-1894) e Bréal (1832-1915) se preocupam com o aspecto social da linguagem. No século XX, as ideias de Ferdinand de Saussure, que marcam o advento da Linguística Moderna, são expostas por seus alunos em um livro. Nessa obra, fica evidente a preocupação sociológica de Saussure, a partir do momento em que atribui à língua um caráter social, admitindo que ela muda de acordo com as mudanças na sociedade. Seguindo a teoria estruturalista, Martinet (1975), posteriormente a Saussure, instituiu o conceito de mudança, ao defender que ela é inerente ao funcionamento da língua, ocorrendo algumas vezes pela diversidade de situações linguísticas reais e outras pela justaposição de gerações diferentes em uma mesma comunidade, em um momento específico.

Embora não se possa negar a relevância dos postulados de Labov, Whitey, Bréal, Saussure e Martinet, foi Meillet quem, de fato, mostrou que as condições sociais têm influência decisiva na variação e mudança da língua. Esse linguista foi além, ao afirmar que a “linguística é parte da antropologia num sentido amplo” (MEILLET, 1951, p. 89, *apud* FARACO, 1998, p. 153).

Os aspectos sociais da linguagem continuaram a ser tratados sob diferentes abordagens por outros autores como Sapir e Coseriu, talvez ainda assistematicamente. No entanto, foi com o surgimento da Sociolinguística, no início da década de 60, e os estudos do norte-americano William Labov que aqueles aspectos sociais passaram a ser sistematizados de forma mais abrangente e decisiva, buscando mostrar a influência dos fatores externos (não-linguísticos) sobre os processos de variação e mudança das línguas.

Segundo Labov (1972), a variação é uma característica comum a todas as línguas, em razão da sua heterogeneidade, já que a precisão de seu uso é apenas uma aproximação da sua pronúncia que admite variantes fonéticas, semânticas e morfológicas. Normalmente, o falante testa sua competência linguística em relação à da comunidade como um todo (língua) ou como uma fração (discurso), através, por exemplo, da criação de novos vocábulos, da utilização de uma mesma ou de uma lexia diferente, com sentido variante de acordo com o contexto.

Conforme Biderman (2001, p. 27-28), “os indivíduos distinguem-se por suas idiossincrasias nos modos de dizer”, o que é ratificado por Tarallo (1986, p. 6), quando afirma que

a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Para tanto, uma renovação da língua, ou mudança linguística, embora seja sempre lenta e gradual, é fenômeno permanente que responde às necessidades da comunidade dos falantes, sejam elas de ordem social ou histórica; na realidade, a criação de novos objetos sempre precederá a criação dos itens lexicais que os denominarão. “O importante é que essa dinâmica não contrarie a norma e o sistema da língua” (OLIVEIRA, 2001, p. 66).

Para Bourdieu *apud* Calvet (2002, p. 106), “os linguistas não têm escolha senão buscar desesperadamente na língua o que está inscrito nas relações sociais onde ela funciona, ou de fazer sociologia sem o saber”. Partindo-se desse princípio, uma investigação acerca da linguagem deve analisar a língua em sociedade, considerando os aspectos linguísticos e não-linguísticos nela envolvidos.

Após tudo que apresentamos até aqui, esperamos ter deixado claro que os postulados teóricos da sócio-etnolinguística é que têm mais fortemente embasado nosso trabalho, uma vez que buscamos aqui analisar a forma como o léxico dos grupos de congado montes-clarense reflete as relações língua- sociedade-cultura, portanto, não podemos deixar de considerar a influência de fatores extralingüísticos no uso da língua pelos componentes dos grupos.

1.3 Relação entre língua e cultura

A cultura popular é muitas vezes representativa da invenção de práticas culturais consideradas eruditas, logo, é vista como subversiva ou prática de desordem; pelo seu distanciamento das relações instituídas pelo poder dominante, muitas vezes, é a expressão da resistência e do enfrentamento a uma lógica cultural estabelecida. Assim, seu poder e sua legitimidade não são considerados, restando-lhe apenas o estatuto de

folclore e de tradição, principalmente, por explicar grande parte dos nossos usos e costumes, preservando-os e garantindo a sua perpetuação, ou melhor, por ser “o retrato da evolução cultural de um povo através dos tempos” (REVISTA FOLCLORE, 1995, p. 5).

A construção e reconstrução dessa cultura dão-se graças às suas formas linguísticas de expressão, constituindo-se também num sistema de linguagem; hábitos, crenças e saberes são repassados como cultura pelo ato não raro da repetição por outros, mas também graças à configuração linguística de sua consciência simbólica de significação da coletividade que se assegura e se reforça.

Há um entrelaçamento da língua e da cultura, em que é imprescindível entender como a língua se estrutura enquanto sistema de signos e como, sendo ela o principal instrumento de comunicação e interação humana, é recortada pelo homem e atravessada pela cultura no processo de formação de uma rede complexa de significados.

Sapir afirma que “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um dado conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas” Sapir (1954, p. 205). O autor afirma ainda que não crê “que língua e cultura tenham entre si, a rigor, qualquer relação de causa e efeito. Pode-se definir a cultura ‘o que’ a sociedade faz e pensa. A língua é um ‘como’ especialmente se pensa. (*idem*, p. 215) Acreditamos, corroborando com as idéias do autor, que as línguas simbolizam as culturas, portanto não se assemelham o suficiente para que sejam consideradas representativas da mesma realidade social já que diferentes sociedades desenvolvem diferentes hábitos e, conseqüentemente, diferentes escolhas lingüísticas.

A Etnolinguística é uma área de conhecimento que, com o apoio de outras áreas como a Dialetoлогия e a Sociolinguística, constitui forte ferramenta para investigar a língua de determinado povo, de determinada região. Segundo Duranti (2000, p. 21), a Etnolinguística vê os falantes como “atores sociais”, ou seja, como membros de comunidades singulares e complexas, articuladas a uma rede entrecruzada de crenças e valores morais, a uma rede cultural.

A ideia de relacionar língua e cultura não é muito recente. Essa área do saber tem sido construída desde o final do século XIX. Hymes (1964, p. 3), por exemplo, afirma que o primeiro a dar ao assunto maior relevância foi Sir Edward Tylor, em suas obras *Primitive Culture* (1871) e *Anthropology* (1881). Hymes destaca também

Malinowski (1920) por propor uma pesquisa linguística associada aos estudos etnográficos entre nativos na Inglaterra. No entanto, só a partir de Franz Boas (1911) é que os estudos etnográficos ganharam impulso, influenciando estudiosos como Sapir, Kroeber e Bloomfield. De acordo com Hymes (1964, p. 8), a grande contribuição de Boas foi combinar a escola humanística com os ideais da ciência, desenvolvendo métodos estatísticos para pesquisas de campo. Já, para Duranti (2000, p.88), a noção de arbitrariedade das línguas foi sua maior contribuição. Boas, utilizando-se do conhecimento que tinha das línguas ameríndias, mostrou que a classificação do mundo pelas línguas é arbitrária já que cada língua tem uma forma própria de categorizar suas experiências e construir seu vocabulário.

Sapir acreditava que a língua era uma condição imprescindível para o desenvolvimento da cultura. Criticava o fato de muitos considerarem algumas línguas mais primitivas ou limitadas que outras e, seguindo os estudos de Boas, tornou-se um grande investigador da história da Etnolinguística. Segundo Sapir (1969, p. 20), “a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa”, o que mostra o seu reconhecimento de que fatores socioculturais são refletidos na língua de um povo. Como discípulo de Boas, Sapir também defendia a ideia de que cada língua expressa uma visão particular de mundo, sua realidade.

Sapir (1969, p. 51) assegura que a relação mais estreita entre língua e cultura se dá no plano léxico, como se verifica em suas palavras:

Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e a cultural.

A afirmação do autor nos leva a pensar na maneira estruturada como a cultura se apresenta na língua, isto é, como realizações linguísticas apontam para específicas práticas culturais.

Assim como Boas influenciou as ideias de Sapir, este influenciou seu discípulo Benjamin Lee Whorf. Para Whorf, a relação entre língua e cultura ocorre de maneira mais profunda, sendo que, através do seu léxico e da sua gramática, cada língua expressa, em virtude do seu meio, sua própria classificação dos dados da realidade.

Câmara Jr. (2004, p. 287-293) salienta que a língua é uma parte da cultura, destacada do todo e com ele conjugada. Ela existirá não só com um fim em si mesma, mas com a função de expressar a cultura para tornar possível a comunicação. A cultura, por sua vez, se transmite e é simbolizada, frequentemente, pela língua. Pode-se considerar, assim, que a cultura tende a não se realizar sem a língua, não só entre seus atores sociais, mas também entre outros com quem eles porventura vieram a interagir ou interajam.

Na atualidade, a Etnolinguística tem dado ênfase especial à questão da interação social. Nesse campo, a língua é tida como condição e resultado da interação social entre pessoas e comunidades, enfim, entre culturas. Duranti (2000, p. 47) critica a noção totalizadora de cultura e apresenta teorias sobre a cultura, nas quais a linguagem tem um papel decisivo:

- 1º - Ninguém nasce com uma cultura pré-determinada. Ela é aprendida e transmitida de geração em geração, mediante a comunicação linguística entre as pessoas com as quais se convive;
- 2º - grande parte da cultura é adquirida através do conhecimento compartilhado entre os membros de uma comunidade (conhecimento de mundo);
- 3º - a cultura aproxima pessoas, grupos, situações e objetos representando e/ou indicando alguma coisa;
- 4º - a cultura inclui tanto os objetos materiais utilizados pelo homem quanto os sistemas de crenças e códigos linguísticos como mediadores entre o homem e aquilo que o cerca;
- 5º - a cultura é um sistema de práticas que existe por meio de rituais rotineiros que incluem as condições materiais, a experiência dos homens no seu meio familiar;
- 6º - a cultura é um sistema de participação em que a comunicação verbal é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa. Usar uma língua significa interagir com o mundo que nos cerca. A cultura é, nessa medida, um sistema de participação em que os indivíduos de uma comunidade compartilham recursos existentes como as crenças, a linguagem, os costumes, etc.

Fica evidente nesta seção que uma definição totalizadora e definitiva de cultura é algo muito complexo, já que se pode notar nas seis teorias sobre cultura apresentadas por Duranti (2000) que a linguagem desempenha um papel social decisivo. Daí propormos um estudo em que se correlacionam língua, sociedade e cultura, porque acreditamos que, dessa maneira, poderemos entender mais facilmente o sistema linguístico lexical utilizado pela comunidade linguística dos grupos de congado montes-clarenses em suas cantigas.

1.4 Relação entre língua, sociedade e cultura

Voltamos a afirmar que não é possível separar sociedade e cultura, já que, de acordo com as teorias estudadas, a língua é um fato social, o que implica dizer que ela é também um fato cultural. Nessa perspectiva de instituição social, a língua é instrumento de difusão da cultura e da ideologia de um povo, pois deixa transparecer o modo de pensar e perceber o mundo num determinado tempo e espaço.

Muitas vezes é difícil estudar separadamente língua, sociedade e cultura, ou precisar onde termina uma e onde começa a outra, devido à proximidade e à intimidade da relação que as liga. Além dessa íntima relação, é inviável também mensurar até que ponto a linguagem utilizada por determinado grupo sociocultural traz marcas de determinada cultura, é condicionada pela sociedade ou é própria da língua, o que suscita, com frequência, questionamentos quando se trabalha com a interação entre língua, cultura e sociedade.

A língua pode ser vista, analisada ou interpretada sob diferentes ângulos ou aspectos, mas sabemos que ela é uma instituição social. Nesse sentido, Saussure (2001, p. 21- 27), postula que “[ela] existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro [...] ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos [...] e só na massa ela existe de modo completo.” Enquanto a língua é concebida por esse teórico como um produto social, a fala é definida como um “ato individual de vontade e de inteligência” (*Idem*, p. 22) e dela o indivíduo é sempre senhor.

Ainda de acordo com Saussure, a língua é vista como um dos muitos sistemas semiológicos e entre eles se distingue, por ser “um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc.etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (*Ibidem*, 2001, p. 24).

O sistema de signos se submete aos interesses e planos da vida do homem em coletividade, ele é um patrimônio dessa coletividade e se constrói ao longo da convivência dos falantes com suas regras. Por outro lado, nesse sistema as estruturas se organizam funcionalmente para a comunicação e não aceitam toda e qualquer variação proposta, sendo de caráter relativamente imutável.

Ao se tornar patrimônio da coletividade a que serve, a língua prescinde ser vista pelo seu caráter social. Como um dentre os sistemas sociais, a língua, então, assegura sua existência graças à estruturação dos seus elementos funcionais e de significação. Seus elementos formais dotam-se de significação, porque constituídos e inseridos na dinâmica social das relações humanas.

Ao trabalharmos com a sociolinguística, que estuda as relações língua-sociedade, e com a etnolinguística, que trata das relações língua-cultura, vemos que essas ciências têm objetivos bem delimitados, mas, também, uma grande área de intersecção, e, por esta razão, percebe-se o quanto é difícil separar tal aspecto das relações humanas.

Não se pode, porém, afirmar apenas e categoricamente que uma língua está a serviço de uma cultura ou de uma sociedade ou que, contrariamente, uma cultura se manifesta em uma língua. Baylon (1991, p. 47) afirma que cultura é o conjunto das práticas e dos comportamentos sociais que são inventados e transmitidos dentro do grupo. Para esse autor, a língua pode revelar “os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade” (*Idem*, p. 50). Assim sendo, as relações entre linguagem, sociedade e cultura, estudadas respectivamente pela Linguística, pela Sociolinguística e pela Etnolinguística, fazem parte de um todo integrado nos estudos linguísticos. É nesse sentido que se toma aqui o termo “cultura”.

1.4.1 Cultura erudita X cultura popular

Cultura é o conjunto de práticas sociais, marcadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a tornam distinta de outra. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas, a cultura se manifesta de diferentes modos e constitui-se de ações cotidianas dotadas de significação simbólica, matizada pelos sujeitos a quem envolve e

sua situação histórica nas relações de poder; dessa forma, caracteriza-se a cultura de uma sociedade conforme se agrupam as suas expressões de poder. De modo geral, a cultura é pensada numa visão polarizante, como sendo cultura popular ou cultura erudita. Vale ressaltar, contudo, que ambas são formas e conteúdos diferentes de expressão de uma dada realidade social e histórica, manifestando-se como maneiras específicas de viver e expressar a realidade conforme se situam seus sujeitos na produção e circulação do poder.

A partir do momento em que as pessoas entendem que participam de uma cultura, torna-se perceptível seu esforço para agir e se expressar dentro do que julgam ser pertinente. Nesse sentido, as práticas culturais são representações discursivas das quais constantemente emergem outras práticas.

Formas de expressão de grupos de pessoas letradas e com acesso a formas científicas dos saberes constituídos pela humanidade são conhecidas como cultura erudita. Esta cultura tem suas peculiaridades. O que a marca é a presença do domínio e acesso irrestrito a categorias científicas de organização, legitimação e repasse do saber, porém, não é unicamente definida nem é imune a elementos da chamada cultura popular:

(...) a cultura popular, concebida por contraste ao termo genérico ‘cultura’ em seu uso corrente e, por outro, como suporte de uma idealização romântica da tradição, que é uma perspectiva frequentemente encontrada nas teorias de muitos folcloristas, além de ser amplamente difundida entre setores da sociedade (ARANTES, s/d, p. 8).

O conceito de cultura torna-se a pedra de toque de uma filosofia política e moral. A influência crescente da cultura popular veiculada pelos meios de comunicação de massa modernos assume maior importância sobre a vida das pessoas das sociedades capitalistas ocidentais. A cultura popular é também importante em outras sociedades antigas e contemporâneas. Mas, nas capitais ocidentais, o volume de informação veiculada pela mídia tem um significado particular. Na modernidade, a discussão sobre a cultura popular adquire relevância por estar relacionada com o conceito de cultura de massa.

Ainda que possa ser elaborada em meios tidos como autênticos palcos da civilização e do letramento, a cultura popular é entendida como a expressão de vida em que são sobrepujadas “todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma

de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento” (MACHADO, 2002, p. 335). É nessa perspectiva que focalizamos nesta pesquisa o congado montes-clarense, uma vez que, ao mesmo tempo que esses grupos refletem a cultura da sociedade que representa é parte significativa dessa cultura. No entanto, como aparentemente não há entre nós a possibilidade de grupos sociais ou de pessoas absolutamente isentos desse racionalismo, pode-se supor que a definição de cultura popular deverá considerar prioritariamente as condições de acesso às formas de saber, e não à distância em que se encontra delas. Cabe assinalar, ainda, que cultura popular e cultura erudita são rótulos convencionados pelo homem. Contudo, no dinamismo da vida social, elas se relacionam e se complementam, tornando difícil precisar os limites entre o que é erudito e o que é popular.

Lévi-Strauss (1989, p. 86 e 89) afirma que “língua e cultura são duas modalidades paralelas de uma atividade mais fundamental: o espírito humano.” E isso é o que percebemos nos congadeiros: seus espíritos se constituem na amálgama formada pela mistura desses dois elementos, já que suas crenças, seus hábitos, seus costumes, enfim, seus conhecimentos se formam, são expressos e se mantêm por meio da língua, tornando-se difícil decifrar onde termina o homem e começa o congadeiro.

1.4.2 Léxico

A área dos estudos da linguagem que mais amplamente espelha a realidade linguística, cultural e social de uma comunidade é, indubitavelmente, o léxico, uma vez que ele é constituído pela palavra e, somente através dele é que se torna possível a transmissão de todo conhecimento adquirido e acumulado ao longo da história de um povo, nas mais variadas áreas do saber, de uma geração a outra. Assim sendo, a história de um povo, sua cultura, sua maneira de viver, ver e sentir o mundo são documentados através das escolhas lexicais que esse povo faz. Portanto, “na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura” (ISQUERDO, 1996, p. 93).

O léxico de uma comunidade reflete a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das pessoas nela inseridas. Nessa linha de pensamento, concordamos com Barbosa (1992, p. 1), quando afirma que “o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”. Ao se estudar uma língua,

estuda-se também os contextos socioculturais em que ela ocorre, pois, muitas vezes, estes contextos são determinantes de suas variações e são capazes de justificar e/ou explicar fatos difíceis de determinar ou explicar apenas linguisticamente.

Isquierdo (1996, p. 3) afirma que “o léxico se diferencia conforme os grupos sociais e os indivíduos, conforme a localização geográfica onde vive o falante e conforme a situação de comunicação”, assim, surgem novos significados para itens lexicais existentes e, conseqüentemente, fatos da cultura são (re) definidos pelo léxico, à medida que ele recorta realidades do mundo, porque “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1987, p. 81).

Ainda, segundo essa estudiosa,

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (2001, p. 179).

Ou seja, “o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” (ISQUERDO, 2001, p. 91); logo, compreender a natureza léxica das festas folclóricas em Montes Claros é fazer, também, sua retomada cultural, pois acreditamos que estas festas ainda conservam o conteúdo linguístico dos nossos antepassados. Segundo Oliveira e Isquierdo,

O léxico constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico cultural. Representa a janela através do [sic] qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (2001, p. 9)

De acordo com essas autoras, o léxico de um povo representa uma ponte direta entre esse povo e o mundo que o rodeia, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer aspectos de uma sociedade.

A partir das leituras realizadas, aqui definimos léxico como conjunto dinâmico de palavras que constituem o conhecimento internalizado e que são utilizadas pelos falantes de um grupo sócio-linguístico-cultural.

1.4.2.1 Lexias

Abordaremos a seguir a terminologia utilizada por Pottier (1978) e Borba (2003) para a lexia, mas em seguida, retomamos a classificação de Biderman na qual nos baseamos para a análise dos dados desta pesquisa.

Pottier (1978, p. 268) define lexia como unidade lexical memorizada, que “pertence a uma categoria (forma do significado) ou a classes superiores” como:

por causa de = relator

dar susto = verbo

colocação em fatores = substantivo.

Segundo esse autor (1978, p. 269), “uma lexia nasce de um hábito associativo” tratando-se “em geral de um processo lento de lexicalização de uma sequência”, sendo possível diferenciar as “combinações semânticas livres” (que têm “sentido próprio”) das “relacionadas (de sentido figurado)”. Pottier (*Loc. cit.*) cita o exemplo:

1) tomar x ônibus: “*tomar um ônibus* na mão direita para examiná-lo de perto” (= ‘brinquedo’).

2) “*tomar um ônibus* para ir trabalhar”

Analisando (1), temos um sintagma verbal que nos permite entender que “um ônibus [de brinquedo] foi tomado [colocado na mão] por este guri”, algo impossível de se fazer em (2), pois desintegraríamos aquilo que já está integrado, ou seja, aquilo cujas partes não podem ser separadas, porque o sentido é fruto da integração entre elas.

Pottier (1978)⁵ considera os graus de associação entre os componentes das lexias e as suas diferentes formações para dividi-las em:

1. lexia simples – equivalente à palavra em sua concepção tradicional, como *cadeira, para, comia, a*.

2. lexia composta – resultante de uma integração semântica que se manifesta formalmente, como em *quebra-nozes, verde-piscina*. Segundo o autor, qualquer sequência pode se integrar e formar um novo lexema, como no

⁵ Todos os exemplos de tipos de lexias, suas propriedades e os testes para sua determinação foram extraídos de Pottier (1979, p. 269-272).

caso de *ensimesmar-se* (voltar para dentro de si mesmo ou estar em si mesmo).

3. lexia complexa – “é uma sequência em vias de lexicalização: *a guerra fria*, [...] *tomar medidas, sinal vermelho, secos e molhados*”. O autor classifica ainda como lexias complexas, as siglas, que podem se tornar novos lexemas da língua, com significado próprio; por exemplo, PT = petista.

4. lexia textual – “é a lexia complexa que atinge o nível de um enunciado ou de um texto: hino nacional, [...] charada, provérbios...”.

Ainda de acordo com os pressupostos apresentados por Pottier (1978), as lexias apresentam propriedades como:

1. lexia rígida – “forma uma sequência memorizada invariável: [...] *meter a mão, caso de honra* [...]”.

2. lexia variável – é formada por “um quadro estável e uma zona instável”; por exemplo,

“O /primeiro/ nascido”

/último/

/recém/

O autor completa que as lexias compostas também podem sofrer variações como as que acabam de ser apresentadas, sendo uma rica fonte de neologismos como em: telefone, gramofone, microfone, etc. Pottier (1978) afirma que não há testes suficientes para a determinação de uma lexia, mas propõe quatro que revelam suas propriedades, a saber:

1. teste da não-autonomia de um componente: um elemento pode ser utilizado em diferentes contextos sem que perca sua carga semântica.

Ex.: em *quinta-* feira, feira não tem autonomia, enquanto quinta pode ser utilizada em diferentes contextos (“*Astronautas chegam quinta ao Rio.*”).

2. teste da não comutabilidade de um componente: a lexia apresenta um sentido conotativo de seus componentes, de forma a impossibilitar a realização da relação de antonímia: *um peso-pesado (caminhão) não se opõe a “um peso leve”*.

3. teste da não separabilidade de um componente: os componentes da lexia não possibilitam o acréscimo de palavra(s) entre si: *é uma mesa redonda*

(*conferência*), não permite que se diga *esta mesa é redonda*, sem que haja alteração do sentido.

4. teste da particularidade da estrutura interna: diz respeito à *integração* das palavras (palavras que ocorrem juntas em um contexto para determinar um sentido): *ter medo, fazer justiça, meter medo*.

Enquanto Pottier (1978) faz todas essas considerações em torno das lexias, outros autores as apresentam de forma mais simples, como é o caso de Borba (2003) e Biderman (2001).

Para Borba (2003), a lexia simples é formada por uma única forma livre como *flor, chuva, paz*; a lexia complexa combina mais de uma forma livre como *beija-flor, guarda-chuva, pomba da paz* ou, ainda, uma forma livre e uma ou mais formas presas como *floricultura, chuvisco, apaziguar*. O autor afirma que o estudo das lexias complexas interessa aos gramáticos e aos dicionaristas, porque eles se preocupam com a observação dos mecanismos sintáticos e semânticos envolvidos nas construções linguísticas e a influência da sua delimitação e classificação nos critérios de entrada e sub-entrada no dicionário. Borba (2003, p. 22) estabelece a seguinte classificação para as lexias complexas:

1. Palavras compostas ou nomes compostos – formadas pela justaposição de formas livres e sua significação global. Pode ser a soma dos significados de seus constituintes ou não.
2. Sintagma fixo – constitui-se em um tipo de estrutura cristalizada na memória coletiva dos falantes de uma língua. Como seus constituintes não podem ser mudados de posição nem substituídos por outros, a não ser nos casos de elementos de ligação, é imutável e seu valor semântico global é específico e não mantém relação com os significados dos elementos que o compõem. Tem valor pragmático especial, vinculado ao contexto de uso.
3. Orações fixas ou frases feitas – abrangem os provérbios e ditados populares (estruturas lexicalizadas com caráter de citação, que têm relação com uma situação de enunciação específica).

Já Biderman (2001), distingue somente as lexias simples das complexas. Para ela, as lexias complexas abrangem aquelas classificadas por Pottier como compostas. A autora afirma ainda que é preciso manter o termo lexia complexa para os

lexemas cujos componentes o sistema ortográfico mantém separados por hífens ou espaços em branco, e o termo *lexia* simples deve ser aplicado aos lexemas grafados em um segmento apenas. A autora diz também que o valor sintático-semântico de uma *lexia* às vezes só pode ser percebido se ela estiver inserida em uma fração maior do discurso. Ela separa em micro e macrocontexto as sentenças sendo que aquele diz respeito à sentença em que a *lexia* está inserida, e este ao texto completo no qual as duas se encontram. Segundo a autora, é ao nível do discurso que a categorização de cada unidade léxica se manifesta numa dada língua em determinado contexto ambiental (Biderman, 2001, p. 161).

É interessante observar aqui a explicação de Pottier *et al.* (1975, p. 42) de que o discurso ou a situação de comunicação vai determinar o funcionamento da *lexia* na língua, já que esta está ligada a um grande número de campos semânticos possíveis. No caso das festas de agosto, por exemplo, foi possível agruparmos a *lexia* *araçá* em dois subcampos: elementos da natureza (planta frutífera silvestre) e alimentos (fruto saboroso); já *escuro* que normalmente designa falta de luz, agruparíamos em um subcampo léxico relacionado a cor, por exemplo, mas como o contexto da cantiga dos caboclinhos não permite, optamos por colocá-lo no subcampo alimento porque ali, *escuro* ganha a conotação de chá. Para ter clareza do significado da *lexia* é preciso que o interlocutor conheça e leve em conta o contexto (campo/ subcampo léxico-semântico) em que a *lexia* estiver inserida.

Na próxima seção procuramos analisar a teoria dos campos léxicos para que o leitor possa compreender as escolhas metodológicas que assumimos nesta pesquisa.

1.4.3 Teoria dos campos léxicos

Nesta seção, procuramos reforçar alguns pontos básicos da ciência lexicológica, destacando a Teoria dos Campos Léxicos por se tratar do percurso metodológico que assumimos no tratamento dos dados desta pesquisa. Essa modalidade de organização das *lexias* recebeu outros nomes como: campos léxicos (Coseriu, 1977), campos semânticos (Genouvrier e Peytard, 1974), campos conceituais (Lehrer, 1974) etc.

Procuraremos analisar cada *lexia* relacionada ao campo léxico-semântico das festas de agosto, objeto deste trabalho, encontrada no *corpus* desta pesquisa, observando sua relação com outros elementos – de natureza linguística e não-linguística – que possam expor quaisquer relações de significado com ela, por julgarmos necessária

a contextualização na especificação do significado, já que partimos do pressuposto de que toda palavra envolve uma rede de campos semânticos integrando certo campo de significação.

Mounin (1968, p.56) afirma que o agrupamento de palavras em campos, aparentemente foi objeto de reflexão desde a época dos sumérios e acádios, os quais teriam levantado uma lista de palavras denominada “a ciência das listas”. As palavras agrupadas seguiam uma classificação semântica na qual apareciam, em um mesmo campo, nomes de animais, pássaros, divindades, de ofícios e de objetos.

No entanto, a noção de organização do léxico vai tomando força a partir do desenvolvimento de novas disciplinas e linhas teóricas na Linguística, a partir do século XIX. Os estudos, tanto síncronos quanto diacrônicos na área da Semântica, mostraram a relação de sentido entre vários itens lexicais que poderiam fazer parte de um mesmo subgrupo lexical. Já a Geografia Linguística, mostrou que através dos diferentes dialetos encontrados numa região era possível mostrar diferentes formas para um mesmo conceito, o que evidenciou a possibilidade de sistematização do léxico. Foi a partir do Estruturalismo, porém, que o léxico passou a ser estudado numa perspectiva de sistema. De acordo com Benveniste (2001, p. 22), Saussure foi o primeiro estudioso a analisar, com rigor científico, aspectos referentes ao estabelecimento de relações entre as unidades de um sistema linguístico; ou seja, especificamente, voltando-nos ao nosso objeto de estudo, as relações entre as palavras de uma língua. Para o mestre genebrino, qualquer signo linguístico pode ser tomado como ponto de partida para a estruturação de séries associativas que sejam baseadas na proximidade de sentidos. Saussure (2001, p. 146) afirma ainda que “os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada [...] um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”.

Trier, *apud* Câmara Jr. (1979, p. 237), buscou fundamentos em autores como Saussure para constituir uma proposta teórica que considerasse os conceitos dos itens lexicais reunidos e estruturados em campos semânticos vinculados entre si, isto é, uma forma linguística possui seu significado dependente das outras formas colocadas nesse mesmo campo associativo.

Não podemos deixar de mencionar, ainda, as importantes contribuições de Weisgerber (1954) “que se associou a Trier na década de [19]30 e empreendeu a elaboração e aperfeiçoamento de uma teoria própria dos campos semânticos após a

Segunda Guerra Mundial”, segundo Lyons (1980, p. 204, *apud* ISQUERDO, 1996, p. 99).

Coseriu (1977, p. 242), ao estudar a tipologia dos campos léxicos, chama a atenção para o fato de que o léxico de uma língua possui vários campos lacunados que estão em constante mutação, devido à evolução das sociedades modernas.

Biderman (1978, p. 150) corrobora as ideias de Coseriu, ao definir campo semântico como o conjunto de vocábulos que integram a rede de significações atribuídas a uma palavra e afirmar que é muito difícil traçar limites de uma área lexical, uma vez que o léxico é um sistema aberto que se expande à medida que o homem lança mão da sua inteligência e criatividade, armazenando os campos léxicos e as redes semânticas existentes, estabelecendo novas associações, criando e nomeando objetos e interagindo socialmente. De acordo com essa autora,

uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro de um campo léxico provavelmente são as palavras mais frequentes dentre as palavras de conteúdo léxico. Podem também constituir os primitivos léxicos de uma língua, sendo por isso, as primeiras palavras significativas que um indivíduo aprenderia. (BIDERMAN, 1991)

Já as teses de Isquerdo (1996), Veloso (2003) e Paula (2007) tratam da relação entre o léxico de uma língua, a cultura e a herança linguística do povo que o utiliza, a partir da realidade cultural em que se insere. São alguns dos trabalhos de que tomamos conhecimento, estudamos, e que mostraram um caminho de pesquisa nesta área, especialmente no que se refere à modalidade falada do português brasileiro.

Enfim, procuramos neste capítulo, mostrar estudos referentes aos campos, desenvolvidos por diferentes autores que apresentam, ao menos em parte, enfoques linguísticos e não-linguísticos. Afinal, ainda que se saiba que a linguística estrutural se apóia em critérios formais para a determinação dos campos lexicais, não se deve desprezar métodos de natureza não-linguística em uma pesquisa de cunho sociocultural como esta.

Ao percebermos a diversidade com que os estudiosos nomeiam os campos, (campo léxico, campo semântico, campo associativo), optamos pela denominação “campo léxico-semântico”, por considerarmos o léxico (conjunto de lexias) como um aspecto material do domínio semântico e por entendermos que é impossível conceber um campo semântico sem o suporte lexical, sendo esta a perspectiva que abrange mais

completamente os propósitos desta pesquisa, e “lexia” para cada palavra extraída do *corpus*.

Além disso, adotamos aqui a proposta de Biderman (1991), para tentar estabelecer as redes associativas nas quais estão integrados os diferentes campos. Procuramos descrever e analisar os dados extraídos do *corpus*, agrupando-os em campos, a partir de redes associativas e estabelecendo elementos linguísticos e não-linguísticos que sejam determinantes na configuração dos significados, por acreditarmos que, considerando os objetivos desta pesquisa, este procedimento permite uma visualização mais clara do conjunto de lexias selecionadas e seus respectivos valores no conjunto da realidade do grupo.

2 METODOLOGIA

Este capítulo é organizado em duas seções. Na primeira, esclarecemos os procedimentos adotados para a montagem do *corpus* investigado, composto por trinta e sete cantigas folclóricas dos ternos de Catopês, Marujada e Caboclinhos, seleção e coleta de dados; na segunda seção, descrevemos os procedimentos utilizados para a análise dos dados extraídos do *corpus*.

2.1 Procedimentos para montagem do *corpus*

Considerando os objetivos desta pesquisa: verificar, descrever e analisar o léxico coletado nas letras das cantigas folclóricas dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos; agrupar as lexias em campos semânticos e documentar a relação entre o léxico e a cultura na formação da identidade linguística do povo de Montes Claros; levantar aspectos socioculturais da região estudada, para detectar possíveis influências não-linguísticas na configuração do léxico local, para a constituição do *corpus* optamos pela investigação em fontes de natureza escrita. Esse *corpus* foi composto pelas letras de trinta e sete cantigas folclóricas interpretadas pelos componentes dos grupos de Congado de Montes Claros, sendo, dezesseis dos grupos de Catopês, dez dos grupos de Marujada e onze dos grupos de Caboclinhos extraídas da obra *Montes Claros – sua história, sua gente e seus costumes*, de Paula (1979), constituída de três volumes, nos quais o autor retrata amplamente os hábitos e tradições dessa gente. Essa obra foi escolhida, em razão de acreditarmos ser o que há de mais marcante e representativo da história, da sociedade, da cultura e do universo lexical do povo montes-clarense.

Após a transcrição das cantigas, realizamos o levantamento dos itens lexicais relacionados ao campo léxico-semântico das Festas de Agosto - com suas cantigas, seus dançantes, seus festejos, enfim - objeto deste trabalho, encontrados em cada letra das canções. Nessas transcrições, os itens lexicais foram colocados em negrito, para facilitar sua visualização (ANEXO); também, os colocamos em quadro, por ordem alfabética, e suas respectivas formas de lexia (segundo os critérios de Pottier e Biderman) seguidos de suas significações (APÊNDICE 2). Os cinco dicionários da língua portuguesa considerados nesta pesquisa foram: Dicionário 1 (Dicionário Houaiss – versão eletrônica, 2008), Dicionário 2 (Dicionário Eletrônico Caldas Aulete), Dicionário 3

(Dicionário Aurélio – versão eletrônica, 2004), Dicionário 4 (Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa de Antônio Geraldo da Cunha, 1982) e Dicionário 5 (Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo, 2001).

As significações que inserimos no quadro foram, inicialmente, transcritas dos dicionários e contêm grifos, símbolos, e classificações presentes neles. Os exemplos foram excluídos e algumas foram recortadas do verbete de que derivam, observando-se sua correspondência com o contexto em que aparecem, pois, do contrário fugiríamos ao propósito deste trabalho. Interessa-nos apenas o texto explicativo para a lexia extraída do *corpus*, a fim de identificar seus traços de significação. Os itens lexicais foram classificados em lexias simples (LS), compostas (LC), a partir da terminologia empregada por Biderman (1981), conforme já mencionado.

Ao percebermos que algumas lexias não eram citadas nos dicionários, decidimos, para a elucidação de suas significações, entrevistar os congadeiros dos grupos supracitados, no segundo semestre do ano de 2007, após aprovação do projeto de pesquisa pelo CEPE (Comitê de Ética em Pesquisa) da Universidade Federal de Uberlândia. Optamos por entrevistar sujeitos com idade acima dos cinquenta e cinco anos, tradicionalmente participantes dos grupos de Congado, e que tinham recebido a tradição como herança de seus ancestrais, por entender que essas pessoas tenham participado de forma direta da história sociocultural da cidade, desde a sua constituição, e que elas revelariam costumes, tradições e um vocabulário representativo da linguagem usual dos grupos. Porém, após a transcrição das entrevistas (APÊNDICE 1), detectamos que, em algumas ocasiões, as significações nelas expressas não coincidiam com os dos dicionários; então, resolvemos considerar todas as significações que surgiram nas entrevistas relativas aos itens lexicais extraídos das cantigas de Paula (1979), pois, assim, poderíamos visualizar as situações em que as significações coincidiam ou não, além de considerá-las na análise e listá-las no quadro de lexias (capítulo 3). Ressaltamos que a identidade dos entrevistados foi preservada, nesta pesquisa, e substituída por uma representação fictícia conforme descrito nos capítulos 1 (seção 1.1) e 3 (seção 3.1).

Nos casos de não-existência da entrada lexical nos dicionários, utilizamos o símbolo $\emptyset$ (vazio), para indicar que aquele dicionário não apresenta uma entrada para aquela lexia. Na análise de dados, para a explicação dos significados dos itens lexicais, consideramos o contexto em que cada uma apareceu, porém todos os demais contextos foram consultados para a determinação dos significados.

2.2 Procedimentos para análise dos dados

Após a coleta de dados e seleção dos itens lexicais encontrados, o traço de significação comum entre elas foi identificado pela observação da semelhança e/ou ocorrência de elementos contextuais e semânticos que nos permitiram relacioná-los ao campo léxico-semântico das Festas Folclóricas Montes-clarenses. Identificamos, então, as relações de conteúdo mais específicas que permitiram distribuí-los em subcampos como, por exemplo, os subcampos dos itens lexicais relacionados aos nomes sagrados de diferentes crenças; e a aspectos psíquico, abstrato e estados de ânimo. A configuração definitiva desses subcampos só foi concluída no final da pesquisa, quando todas as lexias haviam sido agrupadas.

Os vários significados que cada uma das lexias pode assumir foram fornecidos pelos dicionários e, a partir do cruzamento desses registros lexicográficos com os dados coletados, e, tomando como base a exposição de Biderman (1981) sobre a noção de rede associativa e de campo léxico, foi possível visualizar os subcampos léxicos nos quais cada item lexical poderia ser agrupado.

Como o nosso foco centra-se, fundamentalmente, na verificação do inter-relacionamento entre fatores linguísticos e fatores socioculturais, organizamos os dados em campos léxicos conforme as diferentes redes associativas presentes entre os termos selecionados. Assim, a análise privilegia o nível semântico, dando ênfase ao papel e à força do referente não-linguístico na formação do significado.

A valorização da “coisa significada” em sua relação com a prática social e, consequentemente, em conformidade com a forma como o grupo “encara, vê” a realidade, é de fundamental importância para o estudo do vocabulário básico de um grupo sócio-linguístico-cultural. Por esta razão, na análise do conjunto de lexias agrupadas, focalizamos o significado que o termo analisado assume no contexto do grupo de dançantes, considerando-se, também, possíveis fatores não-linguísticos condicionantes na construção desses significados.

Tomando por base a metodologia empregada por Isquardo (1996), analisamos e descrevemos os dados extraídos do *corpus*, observando aspectos linguísticos e não-linguísticos que influenciassem os significados, agrupando-os conforme a rede de significações próprias dos campos lexicais. Assim, foram observados os critérios de Isquardo (1996, p. 15): a) seleção das lexias; b) formação e organização de campos e subcampos lexicais; c) ordenação alfabética das lexias

pertencentes a cada subcampo; d) análise das lexias agrupadas, apresentando-se cada uma no contexto regional do grupo em questão.

A sistematização dos significados das lexias obedece à seguinte ordem:

a) Verificação do significado apresentado pelo Dicionário Houaiss – versão eletrônica, (2007), pelo Dicionário Eletrônico Caldas Aulete, pelo Dicionário Aurélio – versão eletrônica, 2004, pelo Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa de Antônio Geraldo da Cunha, (1982) e pelo Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo, (2001).

b) Verificação do significado apresentado pelo informante.

Dada a natureza do material linguístico coletado, entendemos que todas as lexias integram direta ou indiretamente a rede semântica e o campo léxico *Festas Folclóricas Montes-clarenses*, comumente conhecidas como *Festas de Agosto*. Em vista disso, *Festas de Agosto* é a expressão central à qual estão associados todos os demais subcampos léxicos.

A ligação homem/cultura que se manifesta na realização das festas coloca o dançante numa relação tão direta com a natureza, com a história e com a cultura que, de certa forma, até dificulta a separação desses universos para efeito de estudo. A análise dos dados comprova a estreita ligação entre esses aspectos da vida do montes-clarense no interior das festas.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Ao apresentar a dicotomia língua/fala, Saussure (2001, p. 17) afirma que “a língua é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Já quanto à fala, o autor afirma que

é um ato individual de vontade e de inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico, que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Como se pode observar aqui, enquanto para Saussure a língua é um fenômeno essencial e social, a fala é um fenômeno acessório e individual. Assim, é possível considerar que fica uma lacuna entre um fenômeno e outro, lacuna esta que é preenchida por Coseriu (1977), ao inserir a norma como um terceiro elemento a ser considerado nos estudos sobre a linguagem e ao propor a tricotomia sistema/norma/fala, elemento este que representa a fala de uma coletividade.

Ao selecionar o corpus e analisar as lexias dele retiradas foi possível constatar que para este trabalho nada há de acessório na fala, pois as letras das cantigas mostraram claramente que ela (a fala) vai muito além de acessório e individual, é um fenômeno social essencial, que determina como a tradição se mantém, como os dançantes se expressam e constroem seu léxico.

Saussure considera a língua um sistema de signos formados pela “união do sentido [significado] e da imagem acústica [significante]”, sendo que o primeiro encontra-se no plano do conteúdo e o segundo no plano da expressão. O elemento chamado por Saussure de sentido equivale a ideia ou conceito, isto é, à representação mental de um objeto ou de uma realidade social.

Coseriu (1980, p. 123) mostra que o sistema admite múltiplas realizações, enquanto a norma permite realizações preestabelecidas, uma vez que aquele é aberto, mas exige que as condições funcionais não sejam afetadas, e esta varia de acordo com a comunidade linguística em que se realiza, tendo suas variações determinadas pelas realizações socioculturais:

a norma abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é técnica aberta, abrange virtualmente,

também, os fatos não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições e distinções e as regras de combinação que governam o seu uso.

Tendo em vista o objetivo proposto para a presente pesquisa – levantamento, descrição e análise de aspectos do léxico utilizado pelos participantes das Festas de Agosto na cidade de Montes Claros, no intuito de verificar de que forma a língua reflete a realidade social e cultural dos grupos de dançantes – procuramos investigar lexias que evidenciassem a especificidade do léxico utilizado nas letras das cantigas cantadas pelos congadeiros.

Não podemos deixar de mencionar aqui a questão da arbitrariedade na ligação entre o significado e o som. Saussure (2001, p. 80-81) afirma que “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces (...) [conceito e imagem acústica]. Esses dois elementos estão intimamente ligados e um reclama o outro”. Essa noção bifacial do signo linguístico, como também a indissociabilidade dos seus elementos constitutivos – significante e significado – advém da própria concepção saussuriana de língua. A reflexão do mestre genebrino procede da língua, que é tomada como objeto exclusivo – “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (Saussure, 2001, p. 31). É importante ressaltar que a escolha do significante depende das condições sócio-históricas. Segundo Saussure (2001, p.88), “não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época procedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo.” Assim, a escolha do significante é sempre baseada em dados do próprio sistema linguístico e torna-se convenção social.

Ainda que muito já se tenha escrito acerca do significado das palavras, nem todos os pontos foram resolvidos. O significado é, ainda, uma questão filosófica intrigante e instigante. Ullmann (*apud* ISQUERDO, 1996, p. 66) aponta duas escolas de pensamento linguístico na atualidade, que direcionam o estudo do significado: a tendência *analítica* ou *referencial* e a tendência *operacional*. A primeira busca a apreensão da essência do significado, reduzindo-o aos seus componentes principais, e a segunda se ocupa dos estudos das palavras em ações e cujo interesse recai, sobretudo, no modo como o significado opera.

Partindo do pressuposto de que o estudo do significado é o estudo da linguagem já que é através da língua que os falantes de determinada comunidade linguística expressam suas ideias e sua interpretação da realidade, ao estudar o

significado torna-se necessário depreender dados sócio-culturais do contexto em que a língua é utilizada. É importante, assim, não perdermos de vista a função social da linguagem. Nessa perspectiva, deve ser considerado que cada enunciado em uma língua ocorre numa situação contextual culturalmente condicionada. Por esta razão, no estudo do significado é relevante, também, que se considerem os fatores não-linguísticos que contribuem para a configuração desse significado. Desse modo, é imprescindível valorizarmos esses fatores na explicação do significado das lexias constantes no *corpus* desta pesquisa.

Concluímos então, que os campos léxico-semânticos, que aqui elaborados a partir do *corpus* analisados, colaboram na compreensão do léxico da língua portuguesa, uma vez que os falantes nativos têm a capacidade natural de acessar mentalmente esses campos e, a partir deles, fazer suas escolhas léxicas com base nas relações entre as lexias.

3.1 Descrição dos dados

Os dados desta pesquisa constituem-se de 90 (noventa) lexias relacionadas às festas de Agosto, levantados a partir dos itens lexicais extraídos de Paula (!979) e baseados em seus aspectos semânticos e características regionais. Extraímos seus significados dos dicionários descritos na metodologia e das entrevistas concedidas pelos congadeiros. E, conforme já dito anteriormente, no intuito de preservar suas identidades, valemo-nos do seguinte código para identificá-los:

MZ – chefe do primeiro grupo de Catopés de Nossa Senhora do Rosário e também presidente da Associação dos Grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos de Montes Claros;

JBF – chefe do segundo grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário;

JECN – chefe do grupo de Catopês São Benedito;

JCC – chefe da primeira Marujada;

MM – chefe da segunda Marujada;

JPS – chefe dos Caboclinhos ou Caboclada.

Partindo do pressuposto de que o léxico registra as diferentes fases da vida de uma comunidade e, conseqüentemente, reflete sua visão de mundo, suas expectativas de vida e sua realidade, percebemos, ao descrever os dados, que o sintagma *Festas de*

Agosto apresenta características étnicas, sócio-históricas e culturais dos grupos que as compõem em razão de as lexias investigadas terem apresentado seus significados imantados dessas cargas semânticas, conforme resultado das pesquisas em dicionários; e essa constatação foi ratificada em diversos excertos das entrevistas. Em razão disso, optamos por descrever os itens lexicais em alguns excertos de entrevistas como demonstração.

Para identificar as 90 (noventa) lexias (quadro no APÊNDICE 2), adotamos os critérios de Biderman (2001), selecionamo-las, as classificamos em simples e compostas⁶ e as distribuímos em 11 (onze) subcampos lexicais – além de 2 (dois) microcampos – (itens lexicais relacionados a nomes sagrados de diferentes crenças; aspectos psíquicos, abstratos e a estados de ânimo; elementos étnicos; sujeitos; ações, musicalidade, elementos da natureza (e os microcampos alimentos e medicamentos naturais), atributos, instrumentos, meio rural e tempo). Esses campos lexicais representam classes de lexias estabelecidas a partir de seus significados, segundo o critério de proximidade semântica. Essa proximidade pode ser verificada no quadro de lexias, no apêndice 2, parte integrante desta seção.

Embora tenhamos optado por esta classificação, esclarecemos que outras são possíveis, outro pesquisador poderia escolher uma forma diferente de organização das lexias, estabelecendo campos lexicais diferentes.

Apresentamos abaixo o esquema que elaboramos para indicar a configuração dos itens lexicais extraídos das Cantigas de Paula (1979), e sua distribuição entre os grupos do Congado; além disso, por meio deles informamos os termos compartilhados pelos 3 (três) grupos.

⁶ Relembramos que LS equivale à lexia simples e LC à lexia composta.



Esquema 1: Configuração dos itens lexicais usados nas cantigas nas Festas de Agosto e sua distribuição entre os grupos do Congado.

Compreendemos, aqui, que o estudo dessas unidades léxicas deve considerar não apenas os elementos linguísticos, mas também os aspectos não-linguísticos.

Passemos, então, à análise dos dados relacionados ao universo léxico-semântico do campo **Festas de Agosto**, com o intuito de evidenciar a forma como o grupo dos congadeiros designa a realidade sócio-cultural que o envolve.

3.2 Análise dos dados

A presente seção constitui a análise que realizamos das lexias, representadas aqui pelos itens lexicais⁷ extraídos das cantigas, relacionadas ao universo léxico-semântico das Festas de Agosto. Para a organização dos dados selecionados, criamos onze subcampos léxicos (além de dois microcampos) e agrupamos os itens lexicais de acordo com o significado assumido nas cantigas, levando em conta os dicionários consultados e as entrevistas que realizamos.

1) Itens lexicais relacionados a nomes sagrados de diferentes crenças:

- LS: Divino, Sagrado, Rosário
- LC: Calix Bento, pombo real, Casa Santa, São Benedito, Campo do Rosário, Nossa Senhora, Rei da Glória, Virgem do Rosário, Virgem Maria, Virgem Senhora

Esse primeiro subcampo configura-se como um dos mais significativos, no que tange à expressão da religiosidade, fé e crença dos participantes dos grupos. É perceptível também que, reagrupando os elementos que compõem esse grupo, alguns podem ser dispostos em pares, já que, além dos traços semânticos comuns, eles possuem outras similaridades significativas. Vejamos o exemplo:

Divino/ sagrado/ Casa Santa/ Campo do Rosário – trazem a idéia de “ser especial”, “ser escolhido”

Cálix Bento/ São Benedito/ Nossa Senhora/ Virgem Maria, Virgem Senhora, Nossa Senhora/ Rei da Glória – evocam a idéia de “onipotência”, “soberania”, “santidade”, “presença e força de Deus”.

⁷ Optamos por não descrever as lexias (forma e estrutura) na organização em subcampos conforme a proposta dos teóricos, em razão de descaracterizar o aspecto fonético que muitas dessas lexias apresentam nas cantigas. Sendo assim, transcrevemos nessa seção os itens lexicais de acordo com sua forma gráfica nas cantigas. Esses itens lexicais estão co-relacionados a sua forma de lexia no apêndice 2.

Há que se considerar a religiosidade como uma característica que os dançantes têm trazido consigo, já que a maioria deles é descendente dos negros africanos, povo muito marcado pelo misticismo. Por outro lado, é necessário considerar as condições de vida a que se submetiam esses povos, embrenhados na mata, trabalhando de sol a sol... Certamente os momentos de lazer se limitavam às festas religiosas. É importante frisar ainda que boa parte das crendices a que se apegavam esses povos advinha da tradição indígena e se mesclava ao catolicismo pregado pelos portugueses, o que gerava a combinação de termos já cristalizados no catolicismo com termos presentes na realidade local.

Ao ser perguntado pelo significado da expressão pombo real, o entrevistado MZ informa: “*pombo real nós tamém canta. Pombo real :: sinifica du divinu.*” E o entrevistado MM ao ser perguntado sobre o mastro que está sempre presente nas festas, informa: “*mastro pode ser...tem um mastro... agora quem tinha mais o mastro é... é a lancha. A lancha que si forma um pano qui é pa fazê ... () através du ventu ou não, parada ou aumentar a velocidade i pode ser o mastro tamém como nós temo o mastro tamém qui hoje é o mastro que põe as banderas di São João ... São Benedito... Nossa Senhora do Rosário do Divino e outros Santo*”. Ainda retiramos um excerto da entrevista nº:03, em que JBF afirma: Óia, esse negócio é muita invenção do povo, sabe? A musga memo qui nós canta é assim: “*... onde mora o CALIZBENTO e a HOSTMACANSAGRADA, E A HOSTMA CANSAGRADA...*”(cantando) mais ês inventô que canta desse jeito qui a sinhora falô... Os cantô tomô conta das musga tudo e saiu mudano os trem tudo....mais o qui importa mermo é que nós acridita in Deus e tem muita fé Nele.”

Conforme pudemos verificar pelos excertos, as unidades léxicas acima evidenciam a religiosidade e a fé tradicionalmente presentes na cultura montesclarenses até os dias atuais. Ao longo da realização da festa muito se fala em Deus, na fé, na religiosidade e na tradição religiosa que é seguida por toda a população.

2) Itens lexicais relacionados a aspectos psíquico, abstrato e a estados de ânimo:

- LS: arreliar, chulá, guerrear, chibantes, tenção, tomara, obediência, sentido

- LC: até p'ro ano, passa trabaio, bem de fortuna

O subcampo aspectos psíquico, abstrato e estados de ânimo, apresenta-se como o segundo mais representativo, no que diz respeito à manutenção da tradição, à crença na alegria e no poder de festejar os santos padroeiros da cidade para que no cotidiano as graças sejam alcançadas. Este subcampo apresentou seis lexias simples e duas compostas, sendo que em ambos os grupos de lexias trazem a conotação positiva da alegria e da esperança. Ao se despedir usando a expressão “até p'ro ano”, os dançantes mostram que esperam repetir os festejos no ano seguinte, mantendo a tradição e glorificando os santos. Ao relatar uma parte da festa que foi elogiado, o entrevistado JCC, responde: *“Nos'sinhora. Eu fico 'té emocionado, sabe? Eu gosto muito disso, mermo. A sinhora num imagina o tanto! O qui mais me alegra é sabe qui no oto ano tem tudo di novo... I eu vô tá lá...”*

Este subcampo lexical, além de fornecer dados para o entendimento da miscigenação de povos que compõem a sociedade montesclareense, aparentemente também representa uma forma dos dançantes se lembrarem e manterem o vínculo, ainda que indiretamente, com os povos e lugares de procedência; o que é confirmado no excerto da entrevista nº 2: DOC –*“É porque a marujada vei, vei foi da África, né...”* e JCC informa: *“Eu faço parti é da Marujada antiga de Monts Claru”* [que surgiu] *“... Vei foi dus português. Aqui ni Monts Claru só tinha um terno de Marujada qui era du mestre Nenzim, aí condo foi ni dois mil i dois nós passô a tê duas i a ôta qui é du Mestre Migué.”* E JPS reitera: - *“... A aligria di podê brinca esses anu todo é muitio grandi. Cê num podi nem imaginá..”*.

3) Itens lexicais relacionados a elementos étnicos:

- LS: caboco, flecho

- LC: caboco de ancê, cará-gerimum, fio do guiné

A esse subcampo léxico foram associados outros que concentram unidades lexicais relacionadas ao dia-a-dia do homem como ser que organiza e representa a realidade de acordo com sua vivência. Esse homem que possui crenças ocupa determinado espaço, trabalha, se alimenta, migra de um lugar para outro, se diverte e está inserido num grupo social, descobre, através desse grupo, diferentes formas de

representar sua cultura, suas tradições e sua forma de representar o mundo através da linguagem, mais notoriamente no seu nível lexical, ou seja, por meio do uso da palavra (tanto fala quanto língua).

É possível que o forte sentimento de lembrança tenha motivado a opção por palavras dessa natureza para a composição das cantigas que embalam as festividades de agosto. Observando-se esse subcampo lexical, pode-se notar que ele corporifica lexias advindas dos povos que, sabemos compor a etnia do povo brasileiro. A presença desses termos evidencia que o dançante, motivado pelo viver solitário no interior da mata, vivia tomado de saudosismo e de apego a tudo o que fosse possível lembrar a terra natal e os povos de origem.

Segundo alguns entrevistados, esses elementos foram herdados da linguagem dos índios e negros, e utilizados na elaboração das cantigas pela sonoridade e ritmo que possuem, embora nem sempre a comprovação destes dados pudesse ser feita através da consulta aos dicionários. Excerto da entrevista nº:06 JPS- “... (...) *eu num fui convidadu (a participar das festas folclóricas) i sim fui pur livre espontaneamente a vontadi. Eu tinha seti ano di idade ... né brinquei premero no catopê....:: quatu ano nu catopê i brinquei trinta i seis ano na marujada i u resto nu caboquim...*”

4) Itens lexicais relacionados a sujeitos:

- LS: calafatinho, gageiro, mestre, pantalão, patrão, piloto, sinhô, veio, ancê
- LC: contra-mestre, capitão-campo, gente que vem de Lisboa, mamãe – vovó, papai-vovô

A compreensão do papel de cada um desses sujeitos é condição imprescindível para uma melhor percepção das peculiaridades das festas como um todo e de cada grupo de dançantes em particular. Diferentes lexias compõem a linguagem cotidiana dos grupos, cada uma delas designando itens característicos.

No topo da estrutura hierárquica dos Catopês e da Marujada, encontra-se o *mestre*, aquele que detém a autoridade máxima e o poder de organização da festa. Na sequência hierárquica, completam o quadro o *contra mestre* que auxilia o mestre e que, na sua falta, assume seu papel. Temos ainda a presença dos mordomos, dos dançantes e dos festeiros. São esses sujeitos que compõem o “corpo” da festa, mantêm sua estrutura e que não deixam morrer a tradição. Ao serem questionados sobre os papéis que

desempenham nas festas, os dançantes sempre mesclam aquilo que é personagem e o seu próprio papel enquanto congadeiro. JCC informa: *“O piloto é qui dirige o barco. Ele é o ajudante do patrão.”* [E o calafatinho?] *“O calafatim é um muleque qui descobre qui tem um motim no barco, né. O motim é dos marujo qui qué matá o patrão.”* [E o contra-mestre?] *“é o segundo ... :: segunda pessoa que comanda a marujada que toma conta dos mouros ... na guerra es briga com os cristão i provoca o motim pá matá o patrão.”* *“...Na Marujada nós tem o patrão e tem tamém o piloto, o calafatim, o contra-mestre e os marujo, intendeu?”* Também o mestre JECN, informa que **“patrão** é o *siguinti qui ali é aquele patrão (mesmu) nós du catopé, nós trata **mestre** cê sabe o que qui é tem uma segunda pessoa qui trata di contra mestre qui a marujada chama di patrão (ques licia) a morte du patrão né qui é uma luta di ispada quês tem qui qui aquilu ali eh eh ... eh uma uma assim::... uma guerra pur conta di uma rainha né qui tem uma fila vermeia qui é us mau e (outra) azul qui é us cristão aí fica us tirotero essas coisa...*” e MM completa: *“... mamãe- vovó isso já faz parte da cabocada...A mamãe-vovó é aquela que mandava lá porque tinha u cacicão, a caciquinha... então é a mamãe vovó tinha a dança do cipó i papai- vovô comandava a área de mamãe vovó.”* [...] *“caciquinho é um meninu pequenu qui comanda a área di mamãe-vovó quando era pá tocar tem qui falar cum ele ele é qui dá orde prus instrumento. Já a cacicona é aquela que fica atrás é... qui usa é... ela fica atrás du é... du papai, mamãe-vovó e ela fica atrás du cacicão porque ela qui comanda aquela área aí pra trás... mais isso é tudo da cabocada...”* [...] *“pantalão é aquela pessoa qui manda, qui tá di frente. Ele:: ele é o dono... ele, ele parece seja o mandão pantalão ele fica atrás... é o que manda pôr todo comando daquela área.”*[...] *“capitão compó já é uma parte du (centro) do centro da cabocada”*

Ao concluir a análise do subcampo sujeitos, é possível afirmarmos que os significados dos itens lexicais analisados nos permitem uma visão mais ampla do funcionamento das festas – entenda-se aqui uma percepção da festa propriamente dita, da maneira como ela funciona, como ela se desenvolve, de todos os aspectos que a envolvem e que são envolvidos por ela, e de como os sujeitos se constituem como tal dentro e fora das festas, uma vez que suas vidas são tão interligadas aos aspectos das festa de agosto e nos possibilitam a compreensão dos significados assumidos no contexto.

5) Itens lexicais relacionados a ações

- LS: abalei, balanciou, joguemo, vamo, ressoar, arriba, arrelhar, chulá, guerrear, batalhando, romper, evém, chô, repare, tira, chama, vê, vô, pará
- LC: bebendo ovos de aranha, remos à forra, dar a despedida, até p'ro ano, levar o ferro, d'aprendê

Um subcampo muito significativo dentro do campo festas de agosto é o representado pelas ações. É um subcampo muito representativo do nosso *corpus* porque os itens lexicais que o compõem registram diferentes momentos do desenrolar das festas e espelham também, em certa medida, a visão de mundo dos grupos de congadeiros.

Durante a realização das festas, os grupos de dançantes representam as diferentes fases em que se deram as conquistas portuguesas e à medida que os grupos vão evoluindo, vai ficando mais clara a forma como negros, índios e brancos se misturaram na formação do nosso povo. JCC nos conta que “... *a Marujda é um dom que nós recebe... Desde piqueno a gente vai acompanhau e quando vê ta cantano, tocano e dançano. Eu aprindi qui a Marujada é uma tradição dos português. Ela conta a história duma “Nau Catarineta”, que ficô muito tempo pirdida no má... Dento da Marujada tudo é bunito dimais! Todo mundo gosta di vê: as rôpa que nóis usa é vermeia e azul, infeitada de renda, fita e bolinha brilhante. Nós usava umas máscra tamém, que era feita de arame e servia pra tampá o rosto, pá ninguém sabê quem era os marujo, mais a maiuria dos jove num gosta muito de usá, não. Eu ainda uso a minha que eu acho que fica mais bunito, é mais tradicional, né?*”

6) Itens lexicais relacionados à musicalidade

- LS: cadência, lira
- LC: aruê, tingô – ge/ aruê, tingô – já, Zão-zão, olê-lê

Um dos aspectos mais marcantes das cantigas dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos é a sonoridade. O ritmo é constante, marcado pelas caixas, flautas, pandeiros, tambores e tamborins. Assim como os instrumentos dão o tom à marcha dos festeiros, também as letras das cantigas são marcadas pelas rimas, onomatopéias e outros recursos estilísticos.

É possível perceber nas cantigas a presença de itens lexicais de origem onomatopaica. Muitos dos dançantes não conseguem explicar a origem nem o significado desses itens, no entanto, os utilizam tal qual os recebem de seus antepassados e entendem que são utilizados com o intuito de dar o ritmo, marcar o compasso do cortejo.

É JBF quem diz: “... *nas musca nós usa um tanto de palavra que num conhece direito. Por exemplo baraia ... é a dança qui tem nus catopé, qui tem baraia baraia baraia baraia (...) issu é uma cantiga qui tem. A genti dança i baraia (as filas) um vai trançanu aquilo ali... Nós canta ...zão, zão, zão, lá no meio do má...zão, zão, zão lá no meio do má... / aruê-tingo-gê, aruê-tingô-já... ô tingô-gê/ ô tingô-já*”

7) Itens lexicais relacionados a elementos da natureza

- LS: fulô, zabelê, mataria, araçá, chuvê, cavaco
- LC: bomba d'água, surucucu-assu, cará-gerimum

Ao construirmos o subcampo elementos da natureza, verificamos que os grupos de congadeiros refletem nas cantigas o contato direto com a natureza através de elementos da fauna, da flora e mesmo dos fenômenos naturais são lembrados nas letras das cantigas. Percebemos mais uma vez que para realizarmos a nossa análise não é suficiente que consideremos apenas os elementos linguísticos, pelo contrário, há elementos não-linguísticos que são determinantes de aspectos da vida dos componentes dos grupos. A este subcampo filiam-se os microcampos alimentos e medicamentos naturais a seguir.

7.1 Itens lexicais relacionados a alimentos:

- LS: panelada, araçá.
- LC: surucucu-assu, cará-gerimum.

Neste primeiro microcampo, verificamos que são utilizados elementos da natureza na alimentação dos dançantes. Eles refletem nas cantigas aspectos do seu cotidiano. Ao ser questionado sobre o significado da cantiga abaixo,

Eu sou o papai-vovô
De arco e flecha composto
E tão bonito eu sou
Todos olham para mim
O **bravo** vivo, **mandioca puba**
E **cará-gerimum**
E o grande **surucucu-assu**
Prá nós comer uma **panelada**
Racho os meus pés
Quanto sapo
Pedaço de pano, toalha e **trapo**.

JECN responde: “isso aí é bem engraçado, né? Antigamente o povo era muito pobre... Os índio cumia as coisa que vinha do mato... os nego cumia o que sobrava dos branco... Aí tinha a mania de faze as panelada. O quê qui era as panelada? As panelada era uma mistura feita com todos tipo de coisa... punha verdura, retaiio de carne, i tudo qui achava pela frenti. Tamém cuzinhava era no fugão di lenha, né? Aí qualqué trapo véio sirvia pá mexe co’as panela... é por isso que a musga fala qui mistura mandioca, cará, jirimum, cobra e tudo mais...”

7.2 Itens lexicais relacionados a medicamentos naturais:

- LS: unguento, escuro.

Encontramos, também, no microcampo medicamentos naturais alusão aos elementos da terra que servem como remédio natural:

Do manjerição tirei a folha
Da folha fiz o **escuro**
Dentro do peito da Cacona
Tem a minha sepultura.

E desta vez JECN nos explica que “...naquês tempo num iexistia o tanto di remédio qui nós tem hoje... e mermo qui tivesse, ninguém tinha dinhêro, né?... é pur causa disso qui nós aprendeu, co’s índio e co’s negro tamém, fazê chá, fazê remédio casêro, né memo... Quando fala qui das foia fez o iscuro, é purquê o chá feito de foia verde custuma ficá iscuro, mermo; muitas vêz num fica verde, fica é marrom...pur isso qui fala qui das foia fiz o iscuro.” e a fala de JPS complementa: “...inguento é uma pasta qui a gente faz pra mode curá firida, sabe? Amassa um tanto de remédio e cum ês faz uma melequinha assim qui coloca in cima dos machucado. Aí sara rapidim...”

Antigamente a gente usava isso demais purquê trabaíava na roça, machucava muito e num tinha muito remédio, né?”

Ao conversar com nossos entrevistados, muito da cultura do povo montes-clarense vem à tona. Ao fazer o levantamento das lexias, encontramos algumas dificuldades por perceber que apenas o olhar de montes-clarense não é suficiente para determinar em que medida o nível léxico-semântico está bem delimitado ou não; assim, foi necessário recorrermos a outros critérios como o distanciamento da forma dicionarizada e o alterações fonéticas.

8) **Itens lexicais relacionados a atributos:**

- LS: puba, vermeia, bravo, logrado, chibantes, caboco, fidalguia

Os itens lexicais relacionados a atributos foram agrupados aqui por serem utilizadas nas cantigas para caracterizar os sujeitos, os elementos naturais ou os lugares referidos nas cantigas.

JBF nos informa que era muito comum a apreciação do “bolo de puba”. Esse bolo era feito a partir da massa da mandioca puba e surgiu pela necessidade de se retirar o “veneno” da mandioca brava (que era o que sobrava para a alimentação dos escravos). Esta, ao ser deixada “de molho” em água durante alguns dias para minimizar os efeitos do “veneno”, pubava e para não desperdiçar, a massa “puba” era utilizada no preparo do bolo.

Ao ser questionado sobre o item lexical “logrado”, nosso informante afirma *“os caboquim gosta de cantá ‘pipoca, miduim torrado, casei com a veia, fiquei logrado’... qué dizê, fiquei no prijuizo, né? Purquê a gente qué casá é cum muié nova, num é véia não, uai!”*

10) **Itens lexicais relacionados a instrumentos:**

-LS: cambão, quejeme, fogo

-LC: agulha de marear,

Os instrumentos também ganham nomes específicos e nos remetem a momentos bem característicos das festas e da vida dos dançantes. O item lexical *fogo* é empregado nas cantigas para indicar bala (de arma de fogo), projétil “- Soldado não

manda fogo,/Sem o Capitão mandar/ Quando o Capitão mandar/ Rompe fogo de arrasar!....”.

Outro item que nos chama a atenção é *agulha de marear* “- *Senhor Patrão/Como vamos navegar?/Pois não temos rota/Sem **agulha de marear!**”* que é indicativo da *bússola*. Tanto nos dicionários consultados como nas entrevistas, pudemos observar que essa conotação foi utilizada na constituição das cantigas, como é possível verificar no quadro de lexias que compõe o apêndice deste trabalho.

9) **Itens lexicais relacionados ao meio rural**

-LS: garupa, cambão

A lide no meio rural é determinante também dos itens lexicais utilizados nas cantigas. O que percebemos é uma proximidade muito grande entre o cotidiano dos dançantes e aquilo que eles expressam através das suas cantigas. Ao construir o subcampo *itens lexicais relacionados ao meio rural* não encontramos lexias compostas, apenas as unidades lexicais simples *garupa* e *cambão*. Os dados analisados nos mostram que há uma proximidade marcante do meio rural em grande parte dos itens formadores dos subcampos lexicais, mas como em alguns casos a característica mais marcante estava ligada a outros elementos, como panelada (comida misturada feita em grande quantidade numa panela só), nos fazendo pensar em alimento, *inda* (que nos remete ao falar caipira) nos remetendo a tempo, *ungüento* (medicamento caseiro em forma de pasta para curar feridas) relacionado a medicamentos caseiros, os verbos com apagamento do *r* e do *s* finais, tão presente no falar norte mineiro enfim, vários itens por nós selecionados mas que consideramos mais adequados a outros subcampos semânticos.

11) **Itens lexicais relacionados a tempo**

- LS: *s'embora*, *inda*

Os dois itens lexicais que formam o subcampo relacionado a tempo foram aqui inseridos por indicarem, no primeiro caso *s'embora* que já é acabada a festa, que já é hora de ir embora. “*Vamo s'embora*”, é hora de desperdir-se porque é finda a festa e o item “*inda*”, Meus sinhores, não repare/ Os caboco de ancê/Porque **inda** nada sabe/E

é tempo d'aprendê” empregado para sinalizar que o tempo ainda não está esgotado, algo ainda pode acontecer. Os caboclinhos são representados por crianças e as crianças têm tempo para aprender e manter a tradição das festas.

Ao encerrar nossa análise, concluímos que os dados apontam pouca densidade léxica do *corpus* analisado, isto é, as lexias identificadas não demonstram um distanciamento marcante das características lingüísticas do povo da região norte de Minas Gerais conforme já constatado em pesquisas anteriormente realizadas, como Veado (1980), Coelho (1999), Neta (2000), Veloso (2003), prevalecendo a densidade fônica, ou seja, há variação fonológica no uso das lexias como apagamento dos ‘r’ e dos ‘s’ finais nos verbos (tomá, chamá, chulá, vamo), substituição de fonemas (tromba d’água/ bomba d’água), uma vez que o falante reproduz as lexias existentes nas cantigas tal qual as recebem dos seus antepassados, não reconhecendo a densidade que possuem, não se preocupando com sua carga semântica, apenas com a sonoridade que possuem, para que haja uma cadência rítmica (harmonia) das cantigas durante a realização das festas.

Tomando por base esses dados, julgamos importante afirmar que o agrupamento de um item lexical em determinado subcampo semântico não exclui a possibilidade de sua inserção em outro, apenas fizemos essa separação com fins didáticos, ou seja, no intuito de tornar mais clara a nossa análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das letras de cantigas folclóricas dos Grupos de Congado Montes-clarenses, mapeamos 90 (noventa) lexias cujas definições, fornecidas pelos

cinco dicionários consultados, indicaram relação com o universo das Festas de Agosto. Esse número de lexias foi suficiente para que compuséssemos onze subcampos e dois microcampos que formam o campo léxico-semântico das Festas de Agosto, objeto deste trabalho.

Os dados analisados confirmaram nossa hipótese inicial de que a religiosidade é um aspecto marcante dessas festas. É importante observar que aspectos da cultura local estão presentes nas festas e foram encontradas desde lexias relacionadas aos aspectos religiosos e à cultura até lexias relacionadas aos sujeitos que participam - e fazem - as festas.

A segunda hipótese, de que em razão de o léxico poder revelar aspectos históricos, sociais e culturais de uma língua também é confirmada pela análise dos dados, uma vez que o vocabulário constituinte das cantigas mostrou, realmente, uma estreita relação entre língua e cultura, pois as festas folclóricas estão presentes na vida dos dançantes, de grande parte dos moradores não só da cidade;

Embora tenhamos comprovado também nossa terceira hipótese, de que, por se tratar de uma região povoada em outros tempos por tribos indígenas, e marcada pelo trabalho escravo nas fazendas, encontraríamos unidades lexicais de origem indígena ou africana, ou que designassem objetos que fizessem parte da cultura desses povos, acreditávamos que encontraríamos um grande número de itens lexicais, no entanto, o número desses itens encontrado foi bastante limitado.

Como se pode perceber, todas essas hipóteses foram comprovadas por dados que estão distribuídos ao longo do nosso texto. Desde a introdução, passando pela história e constituição de cada grupo, observando-se cada uma das figuras apresentadas e chegando aos nossos anexos e apêndices percebemos a força dos congadeiros e sua estreita relação com a cultura, a fé e as festas de agosto que se mesclam à sua vida cotidiana e são expressas nas letras das cantigas e nas escolhas lexicais que fazem.

Acreditamos também, ter alcançado os nossos objetivos de verificar, descrever e analisar o léxico coletado nas letras das cantigas folclóricas dos grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos por termos agrupado as lexias em campos semânticos e documentado a relação entre o léxico e a cultura na formação da identidade linguística do povo de Montes Claros; além de levantar aspectos socioculturais da região estudada, para detectar influências não-linguísticas na configuração do léxico local.

A identificação dos traços de significação comuns entre lexias, para sua inclusão nos subcampos, foi muito facilitada pela utilização dos dicionários porque trazem definições e explicações detalhadas, fornecendo informação acerca dos significados de suas entradas; apesar de algumas serem inexistentes. As entrevistas realizadas também contribuíram efetivamente para o conhecimento dos significados das lexias dentro do seu contexto de uso.

A primeira pergunta de pesquisa – quais as lexias encontradas no *corpus* analisado que compõem o campo léxico-semântico das festas folclóricas montes-clarenses? – foi respondida satisfatoriamente pelo mapeamento e pela análise das 90 lexias relacionadas às Festas de Agosto. A segunda pergunta – que subcampos léxico-semânticos podem ser formados a partir da identificação de traços significativos comuns entre os grupos de lexias? – também foi respondida pela definição dos onze subcampos léxico-semânticos que organizam as lexias formadoras do campo léxico-semântico das Festas de Agosto.

Devemos ressaltar que nossa divisão em subcampos não é exaustiva ou inquestionável, já que a divisão do universo conceitual por meio do léxico nunca é exata, e cada indivíduo enxerga e segmenta a realidade de forma diferente. Precisamos considerar, inclusive, as diferenças entre os julgamentos feitos por nativos e por aprendizes, com diferentes graus de competência linguística.

Quanto às contribuições da pesquisa, o campo léxico-semântico que construímos pode ser consultado por estudantes de diversas áreas como a história, a sociologia, a linguística, enfim, por todos aqueles que estejam interessados em conhecer o vocabulário específico e alguns hábitos sócio-culturais norte-mineiros, no universo das festas folclóricas. Nosso estudo pode também ser utilizado na elaboração de atividades de ensino-aprendizagem, por retratar aspectos culturais a partir das relações léxico-semânticas, a exemplo do que foi feito por Isquerdo (1996), Veloso (2003) e Paula (2007).

Uma possível continuação para este trabalho seria a análise comparativa do léxico das cantigas folclóricas em diferentes localidades do Brasil, verificando se há e até onde vai a variação lexical nessas localidades.

Outra possibilidade de investigação seria quanto à frequência de lexias referentes às festas em um *corpus* mais amplo e não considerando apenas as cantigas apresentadas por Hermes de Paula.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa tenha contribuído para o conhecimento do léxico das Festas de Agosto em Montes Claros e esperamos que tenha fomentado o interesse pelo estudo dos campos léxico-semânticos.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: Mussalim, F. e Bentes, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

ALMEIDA, J. E. www.fogaoalenha.com.br: a influência da urbanização na fala de informantes rurais. Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck. 2005. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

AULETE, Caldas. *Dicionário Digital*. Disponível em www.auletedigital.com.br. Acesso de 11 nov. 2008 a 12 maio 2009.

BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. In: ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS, 1, 1993. *Anais...* Assis: UNESP.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Contexto, 1987.

BAYLON, C. *Sociolinguistique: société, langue et discours*. Paris: Nathan, 1991.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1991.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Linguística*. Linguística quantitativa e computacional. São Paulo: USP, 1978.

_____. A estrutura do léxico in *Estudos de Filologia e Linguística*. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Edusp, 1991.

_____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, F. S. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Araraquara: Nacional, 1984.

_____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSI, A. *Cultura brasileira - temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de Expressão Oral & Escrita*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Problemas de Linguística Descritiva*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. *História da Linguística*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos na imprensa escrita. In: PIRES, Ana Maria P. de Oliveira e NEGRI, Aparecida Isquerdo (org.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

COLARES, Mona Lisa Campanha Duarte. *A Tradição no Mundo Contemporâneo: análise dos Caboclinhos montes-clarenses – terno do Congado das festas de agosto*. Montes Claros, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Unimontes, Montes Claros, 2006.

COSERIU, E. *Principios de Semántica Estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

_____. *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1980.

COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos: englobamento, exclusão e resistência*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

_____. Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v.1, n. 3, p.8-45, fev. 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2002.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ELIA, Silvio. *A Unidade Linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. Uma introdução ao estudo da história das línguas. Rio de Janeiro: Parábola, 1985.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. São Paulo: Positivo Informática, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2003.

GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Trad. e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

HYMES, Dell. *Language in Culture and Society*. A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper and Row, 1964.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 2.0. conteúdo revisado. Instituto Antônio Houaiss, Objetiva, 2008.

ISQUERDO, A. N. *O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-cultural*. Araraquara 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

ISQUERDO, A. N e PIRES, Ana Maria P. de Oliveira (org.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande; 2001.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore e CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of Linguistics Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LEHRER, A. *Semantic Fields and Lexical Structure*. Amsterdam: North-Holland, 1974.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARTINET, André. *Elementos de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1975.

MOUNIN, George. *História de la Linguística: desde los orígenes al siglo XX*. Madrid: Gredos, 1968.

MATTERLART, Armand e NEVEU, Erik. *Introdução aos Estudos Culturais*. Tradução de Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PAULA, Hermes de. *Montes Claros sua História sua Gente e seus Costumes*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1979.

_____. Secretaria de Cultura de Montes Claros. Montes Claros, 1997.

_____. Folclores/SESC. Montes Claros, 1991.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares – léxico e cultura no vernáculo catalano*. 2007. Tese de doutorado (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007.

PERINI, M. A. *Princípios de Linguística Descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

POTTIER, Bernard. *Linguística Geral – Teoria e Descrição* [1924]. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. (Coleção Linguagem). Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1979.

POTTIER, B.; AUDUBERT, A.; PAIS, C. T. *Estruturas Linguísticas do Português*. São Paulo: Difusão Editorial, 1975.

REVISTA O FOLCLORE E AS FESTAS DE AGOSTO EM MONTES CLAROS. Montes Claros, 1995.

REVISTA VERDE GRANDE. vol. 1, n. 2, set./nov. Montes Claros, 2005.

SAPIR, Edward. *A Linguagem*. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (Série Estudos). Rio de Janeiro: Perspectiva, 1969.

_____. *Linguística como Ciência*. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. Tradução Carlos Szlac. São Paulo: Hedra, 1999.

TAGNIN, S. E. O. *O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

TEIXEIRA, Yolanda Mourão. *Constituição do Léxico*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1975.

TINHORÃO, José Ramos. *Cultura Popular: temas e questões*. São Paulo: 2001.

VELOSO, Waldir de Pinho. *Achegas para uma Abordagem Lexical do Falar de Algumas Localidades Norte-Mineiras*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística e Linguística Aplicada). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. *In: História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

WEEDWOOD, Bárbara. *História Concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

ZÁGARI, M. R. et al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, UFJ, 1997.

Anexo 1: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE MONTES CLAROS



FIG. Mapa de localização da cidade Montes Claros – [http:// maps.google.com.br](http://maps.google.com.br) acesso em abril de 2009

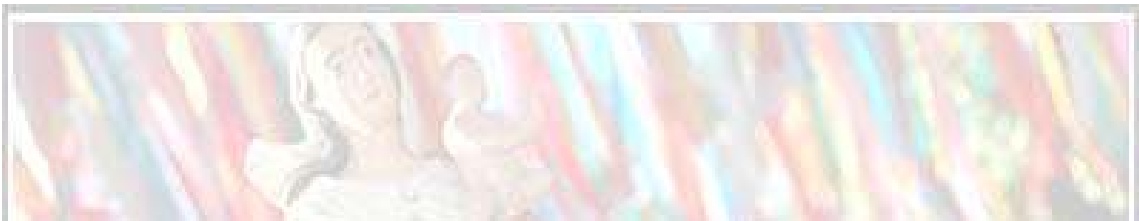
*“Montes Claros, montesclareou
 Meus olhos cegos de poeira e dor
 Tudo é previsto pelos livros santos
 Que só não falam que o sonho acabou
 A marujada vem subindo a rua
 Suores brilham nos rostos molhados
 Agosto chega com a ventania
 Cálice bento e abençoado
 A dor do povo de São Benedito
 No mastro existe para ser louvado
 Louvado seja o Santo Rosário
 Louvado seja poeira e dor
 Louvado seja o sonho infinito
 E Mestre Zanza que é cantador”*

Georgino Jr. e Tom A. com
 colaboração de Gustavo Mameluque

ANEXO 2: CORPUS

Cantigas folclóricas do Congado de Montes Claros
A) Canções dos CATOPÊS (retiradas de Hermes de Paula 1979)

1. Deus te salve, **Casa Santa**
Onde Deus fez a morada
Onde mora o **Calix Bento**
E a Hóstia Consagrada [bis]
2. Lá vem o nosso rei
Com sua rainha ao pé
E lá mais atrás
Vem o **“fio” do Guiné** [bis]
3. Viva D. Pedro
É D. Pedro I,
Ora viva D. Pedro II,
Filho de D. Pedro I [bis]
4. Adeus **bomba d’água**
Onde é que vai **chuvê**?...
Vô chuvê na Pirapora
Aonde meu bem não **vê**.
5. **Aruê, tingô – gê...**
Aruê, tingô – já...
A galinha que bota na cama,
Ô tingô...gê, ô tingô - já
6. Olê-lê vou **tirá**
Cavaco no pau...
Olê-lê vou tirá
Cavaco no pau...
7. Pomba chorou
Pomba chorou
Chorou... Chorou
Não mandou me **chamá**...
Ei! Ei! Não mandou me chamá!
8. Eu quero **vê**
Balainho de **fulô**...
O palácio do rei
Balanciou!...
9. Ô meu **São Benedito**
Onde eu vou **pará**?
Vou pará
No **Rosário**!...
10. **São Benedito**



Como sua casa cheira
É de cravo, é de rosa
É **fulô** de laranjeira

11. **Chô** meu sabiá
Chô meu **zabelê**
Toda madrugada
Eu sonho com você
Se você não acredita
Vou sonhar pra você vê.

12. **Vamo s'embora**
Ei, vamo s'embora
Ei, ei! Vamo s'embora
Ei, ei! Vamo s'embora

B) Canções da MARUJADA (retiradas de Hermes de Paula 1974)

13. OS DOZE PARES

Ah! São chegados os doze pares [bis]
Lá da parte do oriente
Vem dando graças ao **Divino**
Um Senhor tão soberano.
[bis]

14. NO CÉU TEM UM CASTELO

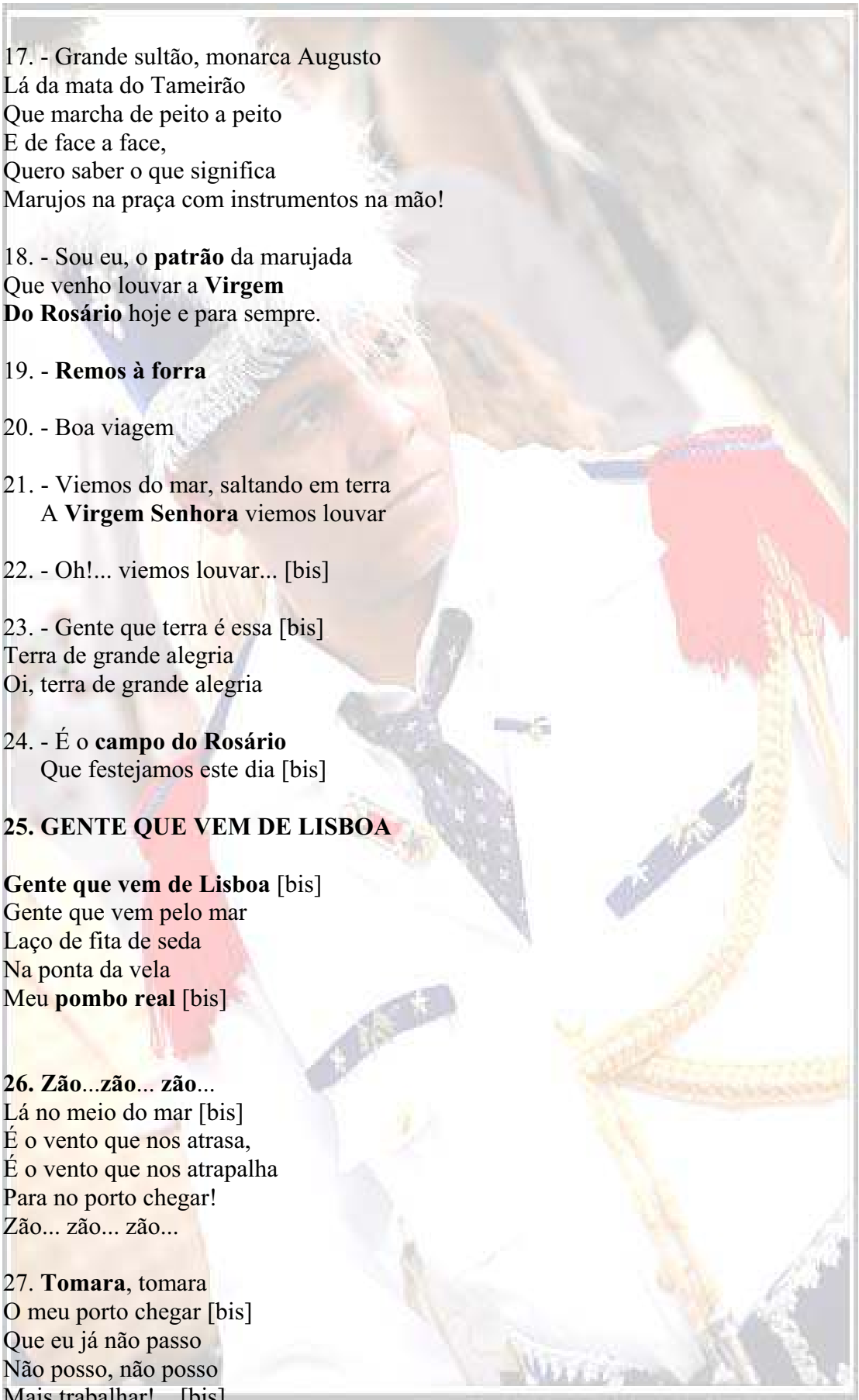
Lá no céu tem um castelo
Lá no céu tem um castelo, ah!...
Quem formou foi o **Rei da Glória**
Quem formou foi o Rei da Glória, ah!...
Filho da **Virgem Maria** [bis]

15. ARCA NOVA

Vamos a ver a barca nova [bis]
Ai! Que do céu caiu no mar [bis]
Nossa Senhora vai dentro
E os anjinhos a remar.

16. TODO MUNDO JÁ DIZIA

Todo mundo já dizia
Que essa dança não saía [bis]
Venha ver, venha ver! [bis]
Pois a dança está na rua [bis]
Com prazer e alegria [bis]



17. - Grande sultão, monarca Augusto
Lá da mata do Tameirão
Que marcha de peito a peito
E de face a face,
Quero saber o que significa
Marujos na praça com instrumentos na mão!

18. - Sou eu, o **patrão** da marujada
Que venho louvar a **Virgem**
Do Rosário hoje e para sempre.

19. - **Remos à forra**

20. - Boa viagem

21. - Viemos do mar, saltando em terra
A **Virgem Senhora** viemos louvar

22. - Oh!... viemos louvar... [bis]

23. - Gente que terra é essa [bis]
Terra de grande alegria
Oi, terra de grande alegria

24. - É o **campo do Rosário**
Que festejamos este dia [bis]

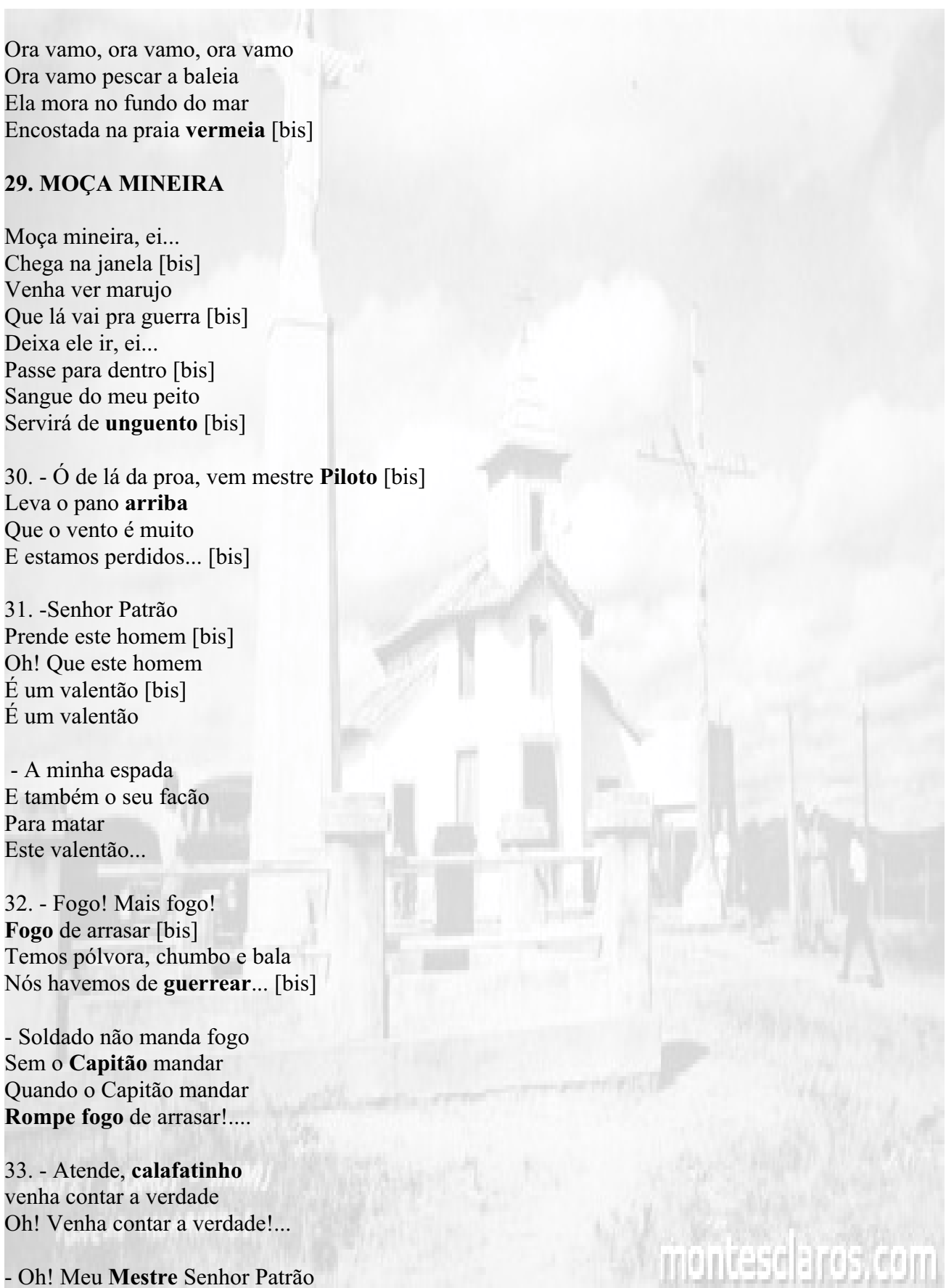
25. GENTE QUE VEM DE LISBOA

Gente que vem de Lisboa [bis]
Gente que vem pelo mar
Laço de fita de seda
Na ponta da vela
Meu **pombo real** [bis]

26. Zão...zão... zão...
Lá no meio do mar [bis]
É o vento que nos atrasa,
É o vento que nos atrapalha
Para no porto chegar!
Zão... zão... zão...

27. Tomara, tomara
O meu porto chegar [bis]
Que eu já não passo
Não posso, não posso
Mais trabalhar!... [bis]

28. VAMO PESCAR BALEIA



Ora vamo, ora vamo, ora vamo
Ora vamo pescar a baleia
Ela mora no fundo do mar
Encostada na praia **vermeia** [bis]

29. MOÇA MINEIRA

Moça mineira, ei...
Chega na janela [bis]
Venha ver marujo
Que lá vai pra guerra [bis]
Deixa ele ir, ei...
Passe para dentro [bis]
Sangue do meu peito
Servirá de **unguento** [bis]

30. - Ó de lá da proa, vem mestre **Piloto** [bis]
Leva o pano **arriba**
Que o vento é muito
E estamos perdidos... [bis]

31. - Senhor Patrão
Prende este homem [bis]
Oh! Que este homem
É um valentão [bis]
É um valentão

- A minha espada
E também o seu facão
Para matar
Este valentão...

32. - Fogo! Mais fogo!
Fogo de arrasar [bis]
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós havemos de **guerrear**... [bis]

- Soldado não manda fogo
Sem o **Capitão** mandar
Quando o Capitão mandar
Rompe fogo de arrasar!....

33. - Atende, **calafatinho**
venha contar a verdade
Oh! Venha contar a verdade!...

- Oh! Meu **Mestre** Senhor Patrão
Muita coisa vou lhe contar:
- Tem certos marujos

montesclaros.com

Querendo lhe matar!...

- Eu não duvido
Que tal coisa acontecesse... [bis]
Eu com minha espada
Sei me defender!... [bis]

34. - Primeiro foi este...

- É mentira, tal coisa não há...
.....
- O quinto foi seu **Contra-Mestre**, senhor Patrão!...

35. - Senhor Contra-Mestre
Qual era o teu **sentido**? [bis]

- Tomar conta da barca
E navegar destemido

36. - Senhor Patrão,
Como vamos navegar?
Pois não temos rota
Sem **agulha de marear**! [bis]

- Senhor Contra-Mestre
Não me venha **ressoar**!
Pois você bem sabe
Da agulha de marear

37. - Senhor Patrão
Não me venha **arreliar**, ah! Ah! Ah!...
Eu com minha espada
Posso te matar [bis]

38. - O Patrão **leva o ferro**
- Não leva!...
- Oh! Que leva...
- Não leva!...
[várias vezes]

39. - O Patrão morreu
Nós **joguemo** no mar!...
O dinheiro dele
É pra nós **chulá**...

40. - Olha o fogo em terra
Olha o fogo no mar
Louva a língua...
Louva a língua, louva a língua, louva a língua
Esta língua que tanto merece!...

Batalhando meu comando, **na cadência!**

Oh! **Lira!** Oh! Vigor!

Somos marujos...

- Guerreiros (Marujos respondem)

41. Somos **chibantes...**

- Bom gosto (Marujos em coro)

Faça gosto em si.

- Bom **gageiro.** (Marujos em coro)

O Piloto canta radiante:

- Isso mesmo é que queremos

Que nosso Patrão é belo

Toma conta do gageiro

Ele mesmo é bom pra nós.

C) Canções dos CABOCLINHOS (retiradas de Hermes de Paula, 1974)

42. Sou **caboco, caboquinho**

E não brinco com ninguém

Quando eu pego na minha flecha

Flecho-flecho muito bem.

Meus **sinhores**, não **repare**

Os **caboco** de **ancê**

Porque **inda** nada sabe

E é tempo **d'aprendê**

Quando eu vim da minha terra

Trouxe fama de ladrão

Uma moça na **garupa**

E uma **véia no cambão.**

Gente **véia** quando morre

Não se enterra no **sagrado**

Os negrinhos estão dizendo

Joga o véio no cerrado.

43. Eu sou sereia, pesco peixe

No mar tenho grande fama

Debaixo dos meus pés verão

A mais delicada dama.

44. Sou cacique, caciquinho

Senhor lá da **mataria**

Entre arcos e entre flechas

Tenho muita **fidalgua.**

45. Eu como **Pantalão** que sou

Governo esta toda harmonia

Até o véio **papai-vovô**
Segue a minha harmonia
Se alguém souber
Que faltasse com **obediência**
Perco e perco
A paciência
Dê-me o castigo feroz
De ser rasgado e degolado.

46. - Que que tem seu **Capitão-Campó**?

47. - Foi o caboco, Zé de Freitas
Que me deu uma flechada
Ao lado do peito esquerdo
A vida dele será falada
Minha morte será estimada
Abalei o pé da roseira
E não pude arrancar
Quem não tem **bem de fortuna**
Glória não pode alcançar.

48. - Eu sou o papai-vovô
De arco e flecha composto
E tão bonito eu sou
Todos olham para mim
O **bravo** vivo, mandioca **puba**
E **cará-gerimum**
E o grande **surucucu-assu**
Prá nós comer uma **panelada**
Racho os meus pés
Quanto sapo
Pedaço de pano, toalha e **trapo**.

49. Do manjerição tirei a folha
Da folha fiz o **escuro**
Dentro do peito da Cacicona
Tem a minha sepultura.

50. - Caciquinho, fala com Papai-vovô
Para dar um passeio no **quejeme**
Que mandei fazer para ele;
É forte.

51. Lá évém Papai-vovô [bis]
La da mata do Pessanha [bis]
Viemos comendo cobra [bis]
Bebendo ovos de aranha [bis]

52. Quem matou Papai-Vovô,
Foi um grande matador [bis]

Quem matou **Mamãe-Vovó**,
Foi a trança do cipó [bis]

53. PIPOCA

Pipoca,
Amendoim torrado
Casei com uma **véia**
Fiquei **logrado**... [bis]

Se eu tivesse
Com a **barba de bode**
Eu ia no barbeiro
Fazer o bigode... [bis]

Se eu tivesse
Com **fome de cachorro**
Eu pegava uma véia
E dizia que morro... [bis]

Se eu soubesse
Que vinha de lá
Biscoito de doce
Docinho de **araçá**. [bis]

54. AO ROMPER DO DIA

Ao **romper** do dia
Ao romper da aurora [bis]
Viva o **Divino**
E **Nossa Senhora** [bis]

Vamos **dar a despedida** [bis]
Como faz o papagaio [bis]
Vai voando e vai dizendo [bis]
Quem ama **passa trabaio** [bis]

Em cima daquela serra [bis]
Tem um tucano **avuano** [bis]
Meus **sinhô** e minha **sinhora** [bis]
Ora, adeus **até p'ro ano** [bis]

55. ADEUS

Adeus, adeus,
não chores, não
Para o ano eu voltarei
Pra cumprir nova **tenção**

APÊNDICE 1: ENTREVISTAS

Entrevista 1: gravada em 18 de agosto de dois mil e sete

Pesquisador: Bom dia! Qual o nome do senhor?

Entrevistado: JCC

- Qual a sua data de nascimento?

JCC: dizenove do dez de quarenta e treis

- O senhor nasceu aqui mesmo?

JCC: Foi. Ni Montis Claru

- A qual grupo de congado o senhor pertence?

JCC: Eu faço parti é da Marujada antiga de Montis Claru

- O senhor sabe dizer como foi que surgiu a Marujada?

JCC: Vei foi dus português. Aqui ni Montis Claru só tinha um terno de Marujada qui era du mestre Nenzim, aí condo foi ni dois mil i dois nós passô a tê duas i a ôta qui é du Mestre Migué.

- O senhor sabe nos dizer como a dança e as músicas do seu grupo chegaram até aqui em Montes Claros?

JCC: Num sei direito não. O qui eu sei é qui na Marujada nós apresenta as luta dos môro [mouros] contra os cristão, qué dizê qui é dos católico contra os crente, né.

- E quem é que ganha essa briga?

JCC: É os católico, uai! (risos)

- por que em algumas músicas da marujada, se fala tanto em baleia, ondas e mar, se que aqui não possuímos isso em Minas Gerais?

JCC: porque com os português, foi a guerra dos portugueses e a guerra foi no má

- quem convidou o senhor para fazer parte deste grupo?

JCC: vei da origem da minha família né? Meu pai fazia parte do terno e passô isso pra mim. É tradição de família, né?

- Há quanto tempo o senhor participa da festa?

JCC: dêz qui eu nasci, né... Meu pai me levava pus insai dêz qui eu era um mulecote assim ó (mostra com a mão o tamanho que era)

- o senhor acha que as tradições populares ainda são tratadas com a mesma importância nos dias de hoje?

JCC: Não, num é mais não... Os jove de hoje num tão nem aí pra isso não. Mais tem uma coisa boa: a prefeitura e e muitas firma daqui hoj'in dia dá pra nós uma ajuda de custo, né, quês fala... um dinheirim. Num é muita coisa mais já serve, né? Ajuda um pôco.

- Nas cantigas cantadas pelos grupos, tem umas palavrinhas que a gente não sabe direito o que é, o que significam dentro da festa. O senhor pode nos dizer os significados?

JCC: Uai, o qui eu subé, eu falo sim. Como tem muito tempo qui eu danço, sei um poço de tudo qui tem na festa. Qual qui é as palavra?

- Dos outros grupos também?

JCC: Tamém. Num sei tudo, né, mais cunheço bastante coisa...

- Bom, a primeira palavra que queremos entender é patrão. Qual é o papel do patrão no grupo da Marujada?

JCC: Bão... premero, a sinhora ta falano sempre grupo, grupo... Num é grupo, é terno. Tem os terno de Catopê, os terno de Marujada e os terno de Caboclinho, né? Agora, o patrão é uma figura bem importante. É ele que dirige a Marujada, el'é o comandanti da fila azul ... pelos cristão. Premero teve o Carrocêro, Seu Anibo (Aníbal Carroceiro),

despois foi Chico Festa; teve tamém Joãozim Foguetêro, seu Otacilo e Bastião (Sebastião Leite). E Nenzim, né qui é eu.

- O senhor disse cristão?

JCC: É, cristão é os acompanhante que ajuda o patrão a brigar contra o motim ...

- Motim?

JCC: É assim: a Marujda é um dom que nós recebe... Desde piqueno a gente vai acompanhau e quando vê ta cantano, tocano e dançano. Eu aprindi qui a Marujada é uma tradição dos português. Ela conta a história duma “Nau Catarineta”, que ficô muito tempo pirdida no má... Dento da Marujada tudo é bunito dimais! Todo mundo gosta di vê: as rôpa que nós usa é vermeia e azul, infeitada de renda, fita e bolinha brilhante. Nós usava umas máscra tamém, que era feita de arame e servia pra tampá o rosto, pá ninguém sabê quem era os marujo, mais a maiuria dos jove num gosta muito de usá, não. Eu ainda uso a minha que eu acho que fica mais bunito, é mais tradicional, né? Bão, mais aí o quê qui acontece? Na Marujada nós tem o patrão e tem tamém o piloto, o calafatim, o contra-mestre e os marujo, entendeu?

- Entendi, mas e o papel do piloto, qual é?

JCC: O piloto é qui dirige o barco. Ele é o ajudante do patrão.

- E o calafatinho, faz o quê?

JCC: O calafatim é um muleque qui descobre qui tem um motim no barco, né. O motim é dos marujo qui qué matá o patrão.

- Certo. E o contra-mestre?

JCC: é o segundo ... :: segunda pessoa que comanda a marujada que toma conta dos mouros ... na guerra es briga com os cristão i provoca o motim pá matá o patrão.

- É uma história muito bonita, né?

JCC: É bunito dimais!!! O mais bunito é no fim, cond’o patrão morre e mais ainda as letra da musga, né? Cê já iscutô? É assim:

Vamo vê a barca nova/Vamo vê a barca nova/Ai! Que do céu caiu no má/Ai! Que do céu caiu no má/Nossa Senhora vai dento/E os anjim a remar.

A ôta é assim:

Ora vamo, ora vamo, ora vamo/Ora vamo pescá a baleia/Ela mora no fundo do má/Incostada na praia vermeia/Incostada na praia vermeia.

Tem tamém ôto pedaço:

Moça minêra, ei.../Chega na janela /Chega na janela/Vem vê o marujo/ Que lá vai pá guerra/ Que lá vai pá guerra/Deixa ele ir, ei.../Passe pra dento/Sangue do meu peito/Servirá de inguento/ Servirá de inguento

- É bonito, demais mesmo, hein?!

JCC: Nos’sinhora. Eu fico ‘té emocionado, sabe? Eu gosto muito disso, mermo. A sinhora num imagina o tanto!

- Bem, e quanto aos outros ‘ternos’, como o senhor disse, vamos ver se o senhor pode nos ajudar com algumas expressões também, viu?

JCC: Tá bão... o qu’eu pudé ajudá...

- A primeira, é vir da mata bruta... o senhor conhece essa Expressão?

JCC:... não, num cunheço, não...

- pagão

JCC: pagão é o povo. È as pessoa qui ainda num foi batizado...

- hum... comer cobra?

JCC: Tamém num cunheço essa...

- beber ovo de aranha ?

JCC: Num cunheço, tamém. Parece coisa dos Caboclim...

- Ah, dos Caboclinhos? O senhor conhece o funcionamento dos Caboclinhos?

JCC: Bão, eu cunheço que a cabocada tem a dança do cipó ... a dança do cipó é um trançado (...) i é bunito demais tamém.... Cum'eu falei tem os terno, qué dizê, os grupo, né... cada grupo fala terno.

- Ok. E baraia, é uma palavra da Marujada?

JCC: não...

- caringarua, caringarue?

JCC: não. Essas coisa nós faz pá imitá uns baruío, né? Pá dá o som certo...

- Então catimba e tacumba, também?

JCC: é, eu acho que é, sim. Acho qui isso num sinifica nada, não.

- Certo. E mordomo?

JCC: Aí sim. Esse é quem pega a bandêra né?... o mordomo é que roba a bandêra e toma conta dela. Aí no ôto ano ele ajuda organizá a festa.

- Interessante. Então quem organiza a festa não são os dançantes?

JCC: Bão, nós organiza a apresentação dos terno, né? Cada mestre ensaia e organiza as rôpa e tudo que os festêro precisa pá se apresentá. Cada um toma conta do seu instrumento, mais o mestre é que comanda tudo... Aí o povo da cidade, o prefeito, os impresáro e tal, ajuda cum algum dinhêro. Agora, no final da apresentação – qui nós passa a manhã toda si apresentanu nas rua do centro, né? A sinhora já viu? Quando termina, o mordomo oferece uma comida pra nós tudo. O povo da cidade gosta muito de nós e participa assim.

- Entendi. Eu já vi mesmo as apresentações, por isso é que eu tive o interesse de entender como é que funciona, né? É uma festa muito bonita! É tudo muito colorido e alegre. E aqueles enfeites que alguns dos dançantes usam na cabeça, feitos de penas de pavão?

JCC: Aquilo é os capacete. Nós num usa, nós usa é um chapéu. Quem usa o capacete é os catopê. Eles usa uma rôpa branca e nós usa rôpa vermeia e azul. O Mestre dos Catopê qui usa o capacete com penacho de pena de pavão, qui é muito bunita!

- penacho?

JCC: é. o que usa em cima dos capacete dos catopê, né?

- Tem um terno também que representa uma dança que tem mamãe-vovó e papai-vovô. Que terno é esse?

JCC: Ah, mamãe-vovó e papai vovô é só na cabocada. Ês tamém tem os personage dês, qui nem os caciquim, a caciconna e ôtos, né?

- caciquinho?

JCC: É. Acho qui é a pesssoa que responde a cabocada, num sei direito...

- E caciconna?

JCC: Acho que toma conta da cabocada, qui nem uma mãe, né?

- O senhor pode me dizer o que é o mastro? Eu li sobre a festa e queria entender melhor.

JCC: mastro é um pau né? Ele é alto e lisim que nós usa pa levantá as bandera dos terno. Que nem nas festa de São João, a sinhora já viu?

- Já sim, agora eu me lembrei como é. O senhor conhece muito sobre as festas!

JCC: É que eu acumpanho há muito tempo, né. A gente acaba aprendeno um pôco. É muito importante sabê que ocês vai istudá nossas festa, viu. Dá muito medo de pensá que pode cabá tudo. Antigamente os fio seguia a tradição dos pai. Hoji in dia ês precisa

istudá, a vida ta muito difíci i os istudo é que pode sirvi, né? Intão as tradição pode acabá morreno...

- É verdade, as coisas têm mudado muito...

Mas nós agradecemos a colaboração do senhor. Essa conversa vai nos ajudar muito em nosso trabalho.

Entrevista 2: gravada em 18 de agosto de dois mil e sete

Pesquisador: Boa tarde! Qual o nome do senhor?

Entrevistado: MM

- Qual a sua idade?

MM: sessenta ... setenta e seis

- O senhor pode dizer sua data de nascimento?

MM: dezoito de janêro de trinta e um

- O senhor é daqui de Montes Claros mesmo?

MM: Não. Sou nascido em Salinas mais fui criado aqui ni Montes Claro.

.....

- A qual grupo o senhor pertence?

MM: eu tenhu meu grupu di marujus. O sigundo terno da Marujada, né?

- O senhor conhece a origem do seu grupo?

MM: Ele é português. Veí foi de Portugal.

- Certo. E como a dança do seu grupo chegou até aqui em Montes Claros?

MM: através da civilização i u conheçimentu meu em otros grupus cum'eu tive.

- Por que em algumas músicas da marujada, se falam tanto em baleia, ondas du mar, uma vez que não possuímos em Minas Gerais?

MM: em Minas Gerais não possuímoo... não possuímos não a baleia mas nós possuímos os barcos né que tem navegação (...) que tem navegação através de motor i através também eh eh eh di di di ...() navegadoras que puxam u barcu... Na Marujada nós somo devoto do Divino Espírito Santo. As rôpa que nós usa é azul e vermeia. A rôpa azul representa os cristão e a rôpa vermeia representa os mouro. Nós forma duas fila, uma azul e ôta vermeia que vai tocano os instrumento, aí vem o porta-bandêra dançano no mei das fila e o capitão, que é eu, né, o mestre vem na frente com a espada na mão, conduzino o terno intero.

- Primeiro tinha a Marujada do Mestre Nenzinho, né? E a do senhor surgiu depois. Como foi isso?

MM: Ah ... foi um moço aí, que chama (zé) Sanargata que me convido pra fazê parte. Isso já tem muitos anus eu nem mi lembriu quantus anus mais purquê já tem quarenta e sei anus di brincadera, né.

- O senhor participa da festa há quarenta e seis anos?

MM: quarenta i seis anus(...). É muito tempo, num é mermo?

- Como é que tem sido manter as tradições nos dias de hoje seu Miguel?

MM: Óia, é... a tradição, ela é um pôco penosa pra gente que chefe, qui nem eu, sabe? E muitas vez po próprio maruju porque dá muito trabaio trazê eh eh os marujus aqui prus insaio i é dificultoso! È os instrumento, os incordoamentos, us panderos, né, qui num fica barato e muitas vez até a presença dês, dos marujo aqui eh eh eh é muito dificultosa. Eu cridito mermo é qui a tradição ta morreno. O povo num dá valô mais não, sabe?

- Tem umas palavrinhas bem diferentes na Marujada, né, Seu Miguel. Por exemplo, o senhor sabe dizer o que significa patrão dentro da festa?

MM: O patrão em si mermo dentu du navio, corfome meus conhecimento. Ele é qui comanda nos terno. Patrão, contra-mestre e piloto...() eu vou até adiantá procês um pôco aí porque u pilotu é qui resolvi e qui comanda a toda navegação cumu si fossi tamem um aviador qui comanda um avião.

- piloto ?

MM: é u qui eu acabei di falar concê: o piloto, nós tem piloto. È mar, ar e terra. Purque piloto? Purque? Ocê mermo é uma pilota, aí o carro! Ocê é uma pilota, é condutora do seu veiculo. O piloto na Marujada é o que manobra o barco.

- Tem também os cristãos e os mouros. Quem são eles?

MM: cristão é a pessoa qui não gosta de matar e mouros eh;;...() mouros e cristãos... Os mouro é que luta co's cristão, aí os cristão vence...

- E o calafatinho, também é um personagem?

MM: calafatinho é um mininu pelas história qui entrô, qui entrô da ... () e lá dento ele mesmo criou um problema entre o patrão e o contra-mestre (é ele qui acusa muito) mermo através disso é o.... () é... motim. O calafatim descobre que os marujo ta armano uma armadia pá pegá o patrão e matá dento do barco...

- Entendo. E o contra-mestre ?

MM: contra-mestre é aquele qui quando sai u patrão... eu pur exemplo, eu sou o patrão da marujada quando eu saio eu tenho aqui o meu amigo Antoni(...) qui ele resolvi os problema. É pur isso qui ele foi chamá contra mestre, né como tem, na alfataria antigamente tinha o mestre e o contra-mestre da alfataria é o qui resolvia entre custuras i corti...

- A expressão vir da mata bruta? o sinhô já ouviu falar?

MM: já... isso é já faz uma parte mais:: mais aos dois grupos qui são di::: di catopês i i a marujada i:::i os cabroclinhos qui ês vieram da mata bruta porque os marujos os marujus não vieram da mata bruta

- Ok. E pagão?

MM: pagão é aquela pessoa qui nunca foi batizada i ês concorre com aquilo qui num pode ser feito e que poderá ser feito através da sabedoria

- Comer cobra. O que quer dizer?

MM: cumer cobra isso é...agora mermo... agora não, há pôco tempo, nós tivemo [com] o nossu presidente da republica qui cumeu né, aquês inseto lá... lá junto com os índio. Comê cobra é, é... depende da hora porque na Bahia pur exemplu, teve... na Bahia não, acho qui aqui em Minas... foi na Bahia sim, teve ocasião lá quês tava procurano é é até lagartixa pra cumê i num encontrô.

-Mas e dentro das cantigas dos Caboclinhos? Fala-se em comer cobra e beber ovo de aranha: “Lá evem Papai-Vovô [bis]/Lá da mata do Pessanha [bis]/Viemos comendo cobra [bis]/Bebendo ovos de aranha [bis]”. O senhor conhece o significado?

MM: beber ovo di aranha isso é na história...na lenda. Ma'as vez pode sê qui alguém u bebeu, né, vai sabê...

- ... O senhor conhece a dança do cipó?

MM: Ó, a dança du cipó, essa dança du cipó nos não tem ela, não. Quem tem ela é us caboclinho. Nós tem a dança du lençu, é... a dança du lençu.

- E o que seria essa dança do lenço?

MM: a dança du lenço é trançano como si fosse quase a dança du cipó mermo.

- E o que significa... na festa?

MM: significa pra festa, aleguria.

- Alegria? Isso é o que marca as festas, né Seu Miguel, a alegria, a fé...

MM: É isso mermo! Tem muita aleguria in cada terno...

- Por que os grupos são chamados de terno?

MM: terno é aquilo qui compreta. Nós temos pur exemplo, nós temos terno di ropa... nós temos manga di palito, nós temo manga di camisa, nós temo manga di pô animal, qui num é manga di pô animal, qui num é manga, é posto, i assim por diante...terno é os grupo...

- E baraia? Quando cantam assim: “Ô baraia, baraia, baraiador/O que baraiê, o que baraiô/

Que nunca caba de baraiar”

MM: É quandu um entra pur dentro du outro vai i volta e... () aleguria qui a gente vai di costa di frente é baraiando um i outro é cumu tem a dança cumu es mês dança quês sabe a dança qui qui é é du terno... di ... (cume qui fala Toni?) (Tone: catira?!) catira não! É... é ... da fulia! Ês tem um terno di doze. Vai prá lá e pra cá...Ês trança é (igual da catira) é ... () catira mermo...

-Catira é uma dança também, não é?

MM: É sim, faz uma roda i todo mundo bate palma. Aí di dois in dois vai entrano na roda, sapatiano e bateno no peito igual as palma. Tem uns que joga verso, ôtros não.

-E ca-rin-ga-ru-á, caringarú-ê, o senhor conhece?

MM: caringarúê, isso já é coisa qui pertence us pretos ... preto véi, sabe?

- E catimba?

MM: catimba [também é do] preto véi. Já pertence aí a :: a a já num é a marujada aí já é mês us catopê porque aí já pertence os áfricos, os áfricos é qui faz caringarúê, catimba... () então é cum'ês num sabia falar, né então es falava du jeito quês sabia ... i dava um toque através dum pau oco... Era catimba, ta...ta... tacumba...ê...(imitando os sons)

-Tacumba?

MM: É. Tacumba é::: é é da ária da área dus preto véi tamém.

- E o mordomo, qual o papel dele na festa?

Entrevistado: mordomo é aquele que faz... qualquer pessoa pode ser mordomo... aquele qui faz um infeiti numa sala ele é o mordomo viu ele u mordomo

- E o Capacete?

MM: capacete é aquele que põe na cabeça pra infeitar como nós temo us índio. Os índios tem o capacete e... () aquela aleguria di mostrá aquela sombra quês gosta di ver. Muitas vezes eles até afastava... () mermo através do espeio ês tinha medo... Era um penacho quês colocava na cabeça.

- Penacho ?

MM: É! Penacho é aquilo qui é di pena. Tem penacho de pena, tem penacho de madêra... ...penacho é tamém é... é di pena feito para o infeito do catopê ou mesmo índio como daquela época.

- E mamãe- vovó, papai-vovô?

MM: mamãe- vovó isso já faz parte da cabocada...A mamãe-vovó é aquela que mandava lá porque tinha u cacicão, a caciquinha... então é a mamãe vovó tinha a dança do cipó i papai- vovô comandava a área de mamãe vovó.

- E caciquinho e caciconá?

MM: caciquinho é um meninu pequenu qui comanda a área di mamãe-vovó quando era pá tocar tem qui falar cum ele ele é qui dá orde prus instrumento. Já a caciconá é aquela que fica atrás é... qui usa é... ela fica atrás du é... du papai, mamãe-vovó e ela fica atrás du cacicão porque ela qui comanda aquela área aí pra trás... mais isso é tudo da cabocada...

- Tem também o pantalão e o Capitão Campo, não é? O que eles fazem?

MM: pantalão é aquela pessoa qui manda, qui tá di frente. Ele:: ele é o dono... ele, ele parece seja o mandão pantalão ele fica atrás... é o que manda pôr todo comando daquela área.

- E campó?

MM: compó já é uma parte du (centro) do centro da cabocada

- Também se fala muito em mastro, erguer o mastro... O que é mastro?

MM: mastro pode ser...tem um mastro... agora quem tinha mais o mastro é... é a lancha. A lancha que si forma um pano qui é pa fazê ... () através du ventu ou não, parada ou aumentar a velocidade i pode ser o mastro tamém como nós temo o mastro tamém qui hoje é o mastro que põe as banderas di São João ... são Benedito... Nossa Senhora do Rosário do Divino e outros Santo

- Seu Miguel, o senhor contrubui muito para o nosso trabalho. Muito obrigada.

Entrevista 3: gravada em dez de setembro de dois mil e sete

Pesquisador: qual é o seu nome ?

Entrevistado: JBF

- A sua idade, seu João?

JBF: Quarenta e ... sessenta i quatro anu

- E a que grupo folclórico ...terno, o senhor pertence?

JBF: Di Nossa Senhora do Rosário

- Catopê?

JBF: Isso memo. Segundo Terno de Catopê de Nossa Senhora do Rosário ...Catopê

- Qual é a sua função no terno?

JBF: Mestre ... só mestre

- E qual é a origem do seu terno, de onde que veio, o senhor sabe?

JBF: Ah a origi dus pai ...eh. oh dos... véi antigu qui passô ... pro meu comando. ...óia... ieu num sei direitio dessa estóra, não sabe? (risos)... Mais o qui meu pai contava é qui foi nu tempu dus iscravo, sabe? Diz qui aqui ni Monsclaro só tinha umas quato casa! Ta pá mais di cem ano... É tempo dimais, né? Mais dêss dessa época dos iscravo essas festa já acunticia pu aqui... assim contava meu pai, né?

- Como a dança do seu terno chegou até aqui em Montes Claros?

JBF: Pra mim... u povu fala na na né ((tossiu))... comu diz a lenda né... é dos africanu ((tossiu))

- Quem convidou o senhor a fazer parte desse terno?

JBF: ...eh ... foi nu tempo dos meus pai ...eu brincava comecei a oitu ano ... e cum oitu anu estô até hoji e passei a ser mestre i ta com trinta cincü ou trinta i seis anu... e só mestre.

- Então o senhor nunca teve outra função, né?

JBF: É isso memo...

- O senhor poderia me dizer o que é o mordomo na festa?

JBF: mordomo é é o qui faz ah:: ah ... pega aquela bandera da igreja pá levanta ...qui toma conta da das festa de badera ... cabeça da ... da igreja

- Eu observei que os Catopês usam um enfeite na cabeça. O que é aquilo?

JBF: É um capaceti. É aquelí qui nós usa na na ... na cabeça chei di fita colorida ô intão o penacho que é o memo qui capaceti.

- Nas cantigas de cada terno, é muito comum a gente ouvir umas palavras, umas expressões diferentes. O senhor pode dizer pra gente o que significa?

JBF : pode ir falano. O que eu subé eu falo sim...

- Bom, a primeira é patrão.

JBF : patrão é da marujada é... tá no lugar de mestre ... do catopê

- Certo... e Cálix Bento?

JBF: Óia, esse negócio é muita invenção do povo, sabe? A musga memo qui nós canta é assim: “... onde mora o CALIZBENTO e a HOSTMACANSAGRADA, E A HOSTMA CANSAGRADA...”(cantando) mais ês inventô que canta desse jeito qui a senhora falô... Os cantô tomô conta das musga tudo e saiu mudano os trem tudo....

- Durante as apresentações da Marujada, eles falam muito no piloto. Quem é ou...qual o papel desse piloto no terno?

JBF: pilotu tem...tem memo...pilotu é o o o o ... depois do contro mestre ... di di... dipois do contro mestre de... da marujada ...vem u pilotu

- Certo... e o calafatinho?

JBF: calafatim ...é o o o ... oh ... premero comandanti da ...da marujada... (que) o o mininu qui... qui... tem a vestimenta azul...

- O senhor falou contra mestre?

JBF: É... contra mestre é é .. qui vem depois du patrão... é importante tamém, né?

- Nas cantigas dos Caboclinhos eles cantam: “Lá evém Papai-vovô, La da mata do Pessanha, Viemos **comendo cobra, Bebendo ovos de aranha**”o que significa essas expressões?

JBF : Bão, na verdade isso aí já é da cabocada, cê sabe, né... Num sei ixpricá direito não, mais eu sei que os índio é... os indio é um tipo de povo qui come di tudo, né... tudo quês acha no mato ês come. Intão eu acho qui é pur isso qui fala assim, pá mostra quês come os bicho, as coisa do mato...

- O senhor me disse que faz parte de um terno. Por quê que o grupo é chamado de terno?

JBF : Bem, terno...o quê qui é um terno? terno ... é um conjuntu i ... vomos dizer qui é um grupu ...um conjuntu de gente qui dança pá Nossa Senhora, São Binidito e o Ispito Santo...

- mamãe vovó?

JBF: é é da cabocada

- papai vovô?

JBF: é ... da cabocada

- caciquinho?

JBF: eh ... caciquim é da cabocada

- caciconá?

JBF: é da cabocada

-pantalão ?

JBF: é da cabocada

- compó?

JBF: é da cabocada ... é o capitão compó ... é um elentu grande ... aduto pra ,qui dá consenhero consenhero das criança

- a gente agradece a participação do senhor como atividade de conclusão do nosso curso de letras português/espanhol nós pretendemos mostrar nosso interesse pela cultura popular ... pelo léxico...pelas festas folclóricas em Montes Claros nesse sentido estamos agradecendo a sua valiosa contribuição ...muito obrigada

Entrevista 4: gravada em 20 de agosto de dois mil e sete

Pesquisador: Boa tarde! Qual o nome do senhor?

Entrevistado: MZ

- Qual a sua idade?

MZ: setenta e quatro ano.

- O senhor pode dizer sua data de nascimento e onde nasceu?

MZ: dez de mai de mil novecento e tritetreis. Sô nascido i criado aqui ni Mons Claru mermo

- A qual grupo o senhor pertence?

MZ: Eu sô mestre do premêro terno de Catopé de Nossa Senhora do Rusáro

- O senhor conhece a origem do seu grupo?

MZ: Ele é da África, né? Vei foi co's preto.

- Certo. E como a dança do seu grupo chegou até aqui em Montes Claros?

MZ: Eu era um minino muitio baguncêro. Gostava de faze istripulia mermo, sabe (risos) i foi pur causa diss qui minha mãe me deu esse apilido de Z. Eu sô um catopé di berço i di sangue, sabe? Minha mãe admirava e gostava dimais das dança di folclore intão, desdi piquininim qui eu já dançava nas festa, mermo qui no colo di minha mãe qui fez a promessa di mi leva pra acumpanhá os cortejo. Dançar nas festa de agosto é uma herança que herdei di meu avô qui era iscravo. Era ele qui liderava as festa da época. Aí eu herdei a tradição dele e passei pá comunidade de Mons Claru e pus meu fii e pus neto.

- O senhor poderia nos contar sobre Montes Claros naquela época? Como ela era e como surgiram os primeiros ternos por aqui?

MZ: Montes Claro antigamente era uma vila piquininha que chamava Arrail das Formiga. Aqui inda num tinha nada, só umas casinha aqui, aculá... Aí, chego por aqui uma famia de gente pritim, mais pritim mermo, vindo lá das banda do Serro! (risos) Foi intão qui o grupo de Catopé qui já tinha aqui foi dividido ni dois, aí passo a tê o terno de Nossa Senhora do Rosário e o terno de São Binidito. Só muitios ano dipois é qui foi criado o sigundo terno de Nossa Senhora do Rosário.

- Quem são as pessoas envolvidas nas festas?

MZ: É o povo da cidade mermo. Tem gente qui nasceu dento da tradição, genti humildi, qui nu istudô i qui é pobre. Agora, di uns ano pra cá, nossa feta ta mais valorizada i as pessoa importantí tamém qué faze pate. Tem uns catopê no meu terno qui mora na roça perto de Belorizonte, otos di São Paulo, do Rii di janêro i até um qui mora na Argentina, mais ês vem todo ano pá participá.

- Como é a organização da festa?

MZ: Nós insaia u anintêro. Os insai cumeça no mês de maio, aqui no salão dus catopé i nós faz apresentação notas cidade aqui perto tamém.

No dia 16 di agosto, nós comemora Nossa Senhora du Rusáru. No dia 17, comemora São Binidito. No dia 18, é o Divino Ispirto Santo i nu dia 19 tem a grande procissão qui encontra os treis enario. É treis ala: A premera, di Nossa Senhora du Rusáru co'as cor azul e branco. A sigunda, di São Binidito co'a cor rosa. A terceira, du Divino co'a cor vermeia.

A banda do Bataião i du exercito participa todo ano. Nós sai da Praça do Automóve Clube i travessa as rua do centro até chega na Praça Portugal, qui é o largo du Rusáro. Lá tem missa, muita cantoria. É um lugá di muita fé e devoção, onde nós si encontra...

- E quanto às roupas, quem cuida delas, quem confecciona (fabrica)?

MZ: As rôpa é as custurêra qui faz. Os tambô, as bandêra, os capacete e penacho eu qui faço. Eu num tem' quem me ajuda, faço tudo sozim. Quando nós vai apresentá fora da festa, nós

num pode visti as ropa. Pá insaiá tem qui sê cum as rôpa normal, a rôpa di catopé, só nas festa in agosto i us capacete tamém, qui tem as fita colorida, pode tê fita de toda cor, menos preto. A fita preta nós só pode usa se tive murrído algum dos mestre, só si nós tive di luto.

Eu sô prisidente da Associação dus grupo de Catopê, Marujo e Caboclim há muitos ano i inquanto eu vive, vô ta sempre a disposição pra disinvoltura desse trabaio. Eu sempre peço qui na minha ausença ocês qui é novo num dexe morrê a tradição i essa cultura di todos esses meus ano di luta i dedicação i uns trabaio igual esse seu ajuda a preservá isso. Obrigado.

- Eu é que agradeço ao senhor por nos fornecer informações tão valiosas.

APÊNDICE 2

QUADRO DAS LEXIAS EXTRAÍDAS DAS CANTIGAS DE PAULA (1979)

No	LEXIAS ⁸	Itens Lexicais das Cantigas	Dicionário 1 Houaiss	Dicionário 2 Caldas Aulete	Dicionário 3 Aurélio	Dicionário 4 D. ⁹ Etimológico	Dicionário 5 D. Folclórico	Congadeiros
1	abalar (LS) ¹⁰	abalei	a.ba.lar v. (sXIII cf. IVPm) 1 t.d. e pron. fazer estremecer ou estremecer-se; tremer, oscilar. 2 t.d.int. e pron. tomar(-se) pouco firme, pouco seguro; fazer perder ou perder a firmeza, a resistência. 3 t.d. <i>fig.</i> causar comoção ou abalo a; impressionar vivamente. 4 t.d. <i>p.ext.</i> tirar a força ou a resistência a; enfraquecer, debilitar. 5 t.d. produzir agitação ou rebuliço em. 6 t.i. sair para atacar o inimigo; marchar contra; arremeter. 7 int. e pron. partir ou transportar-se de um lugar para outro; ausentar-se, afastar-se. 8 int. <i>fig.</i> fugir precipitadamente. 9 t.d. e pron. <i>fig.</i> tomar(-se) comovido; enternecer(-se), impressionar(-se). 10 t.d. e pron. <i>fig.</i> tomar(-se) perturbado; desassossegar(-se). 11 bit. conduzir a; incitar, impelir. 12 t.d. <i>fig.</i> fazer	a.ba.lar v. 1 Fazer perder ou perder a firmeza, a 2 Fazer tremer ou tremer; ESTREMECER(-SE); SACUDIR(-SE) 3 Mover um pouco (referindo-se ao que está fixo ou que é muito pesado) 4 Ir embora; fugir precipitadamente. 5 Fig. Provocar ou sentir inquietação; DESASSOSSEGAR(-SE); INQUIETAR(-SE) 6 Provocar ou sentir comoção; COMOVER(-SE); SENSIBILIZAR(-SE) 7 Tirar a firmeza de (convicções, ideias, certezas de alguém, ou de alguém quanto a suas convicções etc.) 8 Causar impacto e mudanças em, revolucionar, subverter 9 Irromper em avanço ou 10 BA Pescar com abalo (9). [int.]	a.ba.lar vld. 1.Tomar menos sólido ou menos firme, sacudindo ou aluindo. 2.Comover muito; agitar. 3.Fazer mudar de opinião, parecer, etc. vi. 4.V. fugir (1). 5.Partir (9). v. pron. 6.Sacudir-se. 7.Abater (11). [C.: 1] § a.ba.la.dor adj.; a.ba.la.men.to s.m.; a.ba.lá.vel adj. 2 g.	a.ba.lar v. 'fazer oscilar' partir, fugir XIII. De origem controvertida// abalADA 1712// abalAMENTO //DESabaIADO XVII// Nabal ÁVEL XVIII.	Ø	abalei Sacudi, balanceei.

⁸ Em razão de alguns itens lexicais terem sido grafados em discordância com a ortografia vigente (coluna 3 deste quadro), optamos por registrá-las na coluna 2 do mesmo quadro conforme a ortografia atual.

⁹ D: Dicionário, conforme lista de siglas.

¹⁰ LS: Lexia Simples, conforme lista de siglas.

[illegible]

						<i>cume, escolho, mexerico e zombaria.</i> ANT ver antonímia de <i>cume</i> . HOM agulha(flagulhar). noção de 'agulha', usar <i>ante</i> pos. acicul(i)-, acu-, belon(o)- e raf(i)o-					
3	ainda (LS)	inda (LS)	inda adv. (sXIII cf. IVPm) <i>infrm. ant.</i> ainda □ ETIM f.ater. de <i>ainda</i> ; f.hist. sXIII <i>ynda</i> , 1572 <i>inda</i> ainda adv. (sXIII cf. IVPm) 1 até agora, até este momento (presente) 2 até então, até aquele momento (passado) 3 ainda agora, agora mesmo; em tempo recentíssimo (passado) 4 até lá, até esse tempo (futuro) 5 um dia, algum dia (futuro) 6 us. para dar continuidade à ação 7 além disso, também, mais 8 ao menos, pelo menos 9 mesmo, até, inclusive ETIM a- + <i>inda</i> , f.arc., de orig. até hoje não explicada satisfatoriamente; f.hist. sXIII <i>ainda</i> , sXIII <i>ajnda</i> , sXIII <i>aynda</i>	in.da adv. 1 Pop. Ver <i>ainda</i> . [F.: Var. aferética de <i>ainda</i> .]		in.da adv. <i>Ainda</i> .	inda adv. → <i>AINDA</i> a.in.da adv. 'também agora, e mais etc./XIII, <i>aynda</i> XIII, <i>einde</i> XIII, <i>inda</i> XIII etc.	Ø		inda <i>ainda</i>	
4	araçá (LS)	araçá	a.ra.çá s.m. (a1561 cf. MNóbrC) ANGIOS B 1 design. comum a vários arbustos e árvores dos gên. Psidium e Campomanesia e a alguns do gên. Myrcia, da fam. das mirtáceas, com o tronco malhado e frutos bacáceos, semelhantes aos da goiabeira (Psidium guajava) e ger. comestíveis; araçazeiro, araçazeiro, araçoeiro. 2 o fruto dessas plantas adj. 2q. s. 2q.	a.ra.çá s.m. 1 Fruto silvestre semelhante à goiaba em forma e sabor. 2 Bot. Nome de várias árvores dos gên. Psidium, Campomanesia e Myrcia, esp. a Psidium guajava, que dá o <i>araçá</i> (1); <i>ARAÇAZEIRO</i> 3 Boi com pelo amarelo e manchas pretas. 4 Diz-se desse boi. [F.: Do tupi <i>ara'sa</i> .]	a.ra.çá s. m. bras. O fruto , edule, do <i>araçazeiro</i> .	a.ra.çá Sm. 'fruto do <i>araçazeiro</i> , da fam. Das mirtáceas' <i>arasazes</i> pl. 1561, <i>araçazes</i> pl. a 1576, <i>araçá</i> c 1584 etc. Do tupi <i>ara'as</i> araçaeiro XX <i>araçai</i> XX araçá RANA 'plantas das fam. Das melastomatáceas e das rubiáceas' XX <i>araçaz</i> 'AL 1881 <i>araçáz</i> ' EIRO 1587.	Ø		araçá Fruta doce, goiabinha do mato		

				3 p.ext. que ou o que tem pelo amarelo salpicado ou manchado de preto (diz-se de bovino). ETIM tupi <i>ara'sa</i> ; f.hist. af1561 <i>arasazes</i> , af1576 <i>arapazesa</i> , c1584 <i>arapã</i> .						
5	arrelhar (LS)	arrelhar	ar.re.li.ar v. (1871 cf. DV) t.d. e pron. causar ou experimentar aborrecimento ou zanga ; aborrecer(-se) , apoquentar(-se) ETIM orig.contrv.ger. ligado à interj. <i>arre!</i> e, portanto, voc. Expressivo.	ar.re.li.ar v. 1 Fazer ficar ou ficar irritado, aborrecido; IRRITAR(-SE) [td.: Pare de falar, você está me arreliando!] [int.: Calma, não se arrelle.] [F.: Or. prov. a partir da interjeição"arre".]	ar.re.li.ar v.t d. 1.Fazer ou causar arrelia a; irritar, zangar. v. pron. 2.Zangar-se, irritar-se. [C.: 1]		ar.re.li.ar vb. 'aborrecer, irritar, impacientar-se' 1871. De origem incerta arrelia 1871 arreliado 1871.	Ø		arrelhar Atenlar, pirraçar
6	arriba (LS)	arriba	ar.ri.ba adv. (1188 cf. Leges) 1 acima, para cima, para adiante, interj. (sXIII) 2 acima, adiante, interj. (sXIII) 3 MAR voz de comando (ordem) para fazer arribar, retornar, entrar ou desviar (o navio). 4 MAR infirm. de pé. ETIM comp. da prep. a com o subst. <i>riba</i> ; f.hist. 1188 <i>ad ribam</i> , sXIII <i>arriba</i> , sXIII <i>ariba</i> .	ar.ri.ba adv. 1 Acima, para cima, para adiante. interj. 2 Acima, adiante. 3 Mar. Ordem para fazer o navio arribar ou desviar. 4 Ordem (a alguém) para que fique de pé. [F.: a (prep.) + <i>riba</i> . Hom./Par.: <i>arriba</i> (adv. interj.), <i>arriba</i> (ft. de arribar).]	ar.ri.ba adv. Para cima.		ar.ri.ba → RIBA s.f. 'ribeira' 'margem' XIII. Do lat. <i>ripa</i> – <i>ae</i> arribar v. 'chegar ao porto' XIII. Do lat. <i>arripāre</i>	Ø		arriba P'ra riba; p'ra cima.
7	aruê, tingô – gé aruê, tingô – já (LC)	aruê, tingô – gé aruê, tingô – já						Ø		aruê, tingô – gé aruê, tingô – já É cantado para dar ritmo
8	até p'ro ano (LC)	até p'ro ano	a.té prep. (1103 cf. JM ³) 1 expressa um limite posterior de tempo. 2 expressa um limite espacial, o término de uma distância ou de uma superfície adv. (1275) 3 também, inclusive, mesmo.	a. té prep. 1 Indica a distância limite (no espaço) a que se chega ou se quer ou se pode chegar 2 Designa um tempo limite em que alguma coisa, evento etc. termina ou deve terminar dezanbro [Não se recomenda o uso da preposição a após até (chegar até o cais, e não até	a.té prep. 1.Indica um limite de tempo, no espaço ou nas ações. I pra ¹ F. sincopada da prep. <i>para</i> . O 1.Art. def. masc. sing. 2.Pron. pess. oblíquo da 3ª pess., masc. 3.Pron. dem. masc. 4.Pron. dem. neutro.		até prep. 'indica limite a que se chega no espaço, no tempo, na ação, na quantidade ou intensidade' /ata XIII, ate XIII, ataa XIV etc./ do ar. <i>hattā</i> . para prep. /XVI, pera XIII/. Do lat. <i>per ad</i> , através da var. ant. <i>pera</i> , muito frequente em textos portugueses medievais; só a partir de	Ø		até p'ro ano Até o próximo ano, até a próxima festa.

			ainda. 4 no máximo. ETIM orig.contrv.; para Nascentes, JM e outros, de um lat. *<i>ad tenes</i> > <i>atees</i> > <i>atees</i> > <i>atés</i> > <i>até</i>; para AGC e DA², do ár. <i>hattá</i> 'partícula que serve para limitar certo tempo, número e lugar', donde ter convívio, durante um período, com <i>até</i>; os diversos sentidos ger. registrados são valores contextuais da prep. <i>até</i>, que, como el. estruturador, precede um determinante (voc., snl., oração) e o relaciona a um determinado (voc., snl., oração), para definir, entre os el. inter-relacionados, movimento em direção a um limite definido e não ultrapassável ou, p.ext., as noções de coincidência, concomitância e, daí, inclusão; f.hist. 1103 <i>ate</i>, 1278 <i>ata</i>, sXIII <i>atães</i>, sXIII <i>ateen</i>, sXIII <i>atro</i>, sXIII <i>ta</i>, sXIII <i>te</i>, sXIII <i>tra</i>, sXIII <i>trões</i>, sXV <i>aataa</i> pro contração. Uso: informal. 1da prep. <i>para</i> e o artigo o. 2da prep. <i>para</i> e o pronome demonstrativo o ('aquele', 'aquilo'); para <i>aquela</i>, para <i>aquilo</i>. a.no s.m. (1047 cf. RL) 1 ASTR intervalo de tempo que corresponde a uma revolução completa de qualquer planeta do sistema solar em torno do Sol. 2 ASTR período de revolução de qualquer astro em torno do	ao (ais), a não ser em casos de dúvida, como adiante mencionado. Mas mesmo nesses casos, em frases dúbias quanto à função prepositiva ou adverbial de <i>até</i> (na frase O rio inundou tudo até o vale poderia haver dúvida quanto a se <i>até</i> é preposição, indicando o limite a que chegou a inundação (ou seja, excluindo o vale), ou advérbio, indicando que o rio inundou também o vale), a pontuação esclarece: na frase O rio inundou tudo até o vale, <i>até</i> é nitidamente preposição que indica o limite da inundação; na frase O rio inundou tudo, <i>até</i> o vale, <i>até</i> é nitidamente advérbio que indica a inclusão do vale na área inundada. Mas para quem recomenda, em casos assim, o reforço da preposição a após <i>até</i> na função prepositiva: O rio inundou tudo até ao vale.] adv. 3 Indica inclusão: AINDA; INCLUSIVE; TAMBÉM: Lê de tudo, até catálogo telefónico. 4 Indica o máximo que se pode fazer ou até onde se pode chegar: "Você pode até dizer que eu estou por fora..." (Belchior, Como nossos pais.) [F.: De or. contrv.] pro prep. pop. 1 Contr. da prep. <i>para</i> com art. def. o: Viajou pro Chile. 2 Contr. da prep. <i>para</i> com pr. pess. O a.no	equiv. a isto, ou isso, ou <i>aquilo</i>. a.no s.m. Intervalo de tempo correspondente a uma revolução da Terra em torno do Sol, e equivalente a 365 dias, 6 horas, 13 minutos e 53 segundos médios; espaço de 12 meses.	meados do séc. XVII é que a forma atual <i>para</i> começa a suplantar a antiga <i>pera</i>. o art. <i>pron. m.</i> XIII. do lat. <i>illu</i> ano s.m. 'tempo gasto pela Terra para dar uma volta em torno do Sol' XIII. Do lat. <i>Annum</i>	
--	--	--	--	---	--	---	--

			seu primário. 3 CRON período de 12 meses, contados de 1 de janeiro a 31 de dezembro. 4 p.ext. período igual de tempo, contado a partir de qualquer dia; ano útil. 5 p.ext. período mais ou menos delimitado em que se efetuam certos empreendimentos. 6 p.ext. época ou período cíclico anual em que se praticam determinadas atividades. 7 p.ext. medida de idade, de existência. s.m. pl. 8 o passar do tempo 9 aniversário.	s.m. 1 Cada um dos intervalos de 12 meses, de 1o de janeiro a 31 de dezembro, numerados sequencialmente em função de uma data tomada como início da contagem [No calendário solar gregoriano, us, internacionalmente, a partir do nascimento de Jesus] 2 Astron. Período de 12 meses seguidos que corresponde ao tempo que Terra leva para completar uma revolução em torno do Sol 3 Astron. Duração da revolução de qualquer astro do sistema solar em torno do Sol 4 Período anual em que se praticam certas atividades (ano fiscal). 5 Cada ano (2) tomado como unidade de medida de idade, ou de um tempo decorrido qualquer: [F.: Do lat. annus, i.]	a.vo.ar v. (sXIV cf. IVPm) <i>ant.</i> t.i. m.q. voar. ETIM a- + voar, ver vo(l)-; f.hist. sXIV <i>avoar</i>, sXV <i>avoar</i>	a.vo.ar v.int. 1 Pop. O mesmo que voar. 2 Bras. Pop. Ir-se (pipa, papagaio etc.) pelos ares, ao vento, após ter sua linha rompida [F.: a -4 + voar.]	a.vo.ar v. i. 1.Pop. voar.	vo.ar v. Sustentar-se ou mover-se no ar por meio de asas (aves) ou de aeronaves (gente)' XIII do lat. <i>vōlāre</i>	Ø	avua Voar	
9	avoar (LS)	avuano									
10	balancear (LS)	balanciou	1 t.d.int. e pron. m.q. balançar ('oscilar', 'embalar', 'equilibrar', 'fazer o balanço contábil'). 2 t.d. ARQ fazer o balanceamento de (os degraus de uma escada em leque). 3 t.d. AUTOM fazer	ba.lan.ce.ar v. (sXVI cf. ZT) 1 t.d.int. e pron. m.q. balançar ('oscilar', 'embalar', 'equilibrar', 'fazer o balanço contábil'). 2 t.d. ARQ fazer o balanceamento de (os degraus de uma escada em leque). 3 t.d. AUTOM fazer	ba.lan.ce.ar v. t. d. 1.V. <i>balançar</i> 2.Autom. Fazer o balanceamento (2) de. v. i. v. pron.	Ø	Ø	balancear Balançar, tizangar			

11	barba-de-bode (LC)	barba de bode	balanceamento de (rodas). 4 t.d. ELETRON tornar (um sinal) eletricamente simétrico em relação a um nível arbitrário de referência □ ETIM balança + -ear; ver balanc-; f.hist. sXVI balancear 'compensar os degraus de uma escada em leque'. bar.ba de bo.de s.f. Rubrica: angiospermas. 1 designação comum a diversas plantas da fam. das gramíneas 1.1 planta cespitosa (<i>Aristida pallens</i>), nativa do Brasil (MG, SP até RS), de folhas quase filiformes, flores pouco numerosas, em panículas vermelhas, vistosas, e frutos carióticos; capim-de-bode [Fornece forragem de qualidade inferior.] 1.2 planta cespitosa (<i>Aristida complanata</i>) de folhas lineares e agudas, e espiguetas em panículas ramificadas; barba-de-bode-mansa [Nativa do Brasil (RS), é comum em terrenos áridos.] 1.3 planta cespitosa e estolonífera (<i>Eragrostis reptans</i>), nativa da Guiana e da Amazônia, ereta ou prostrada, de flores esverdeadas, em espigas, e frutos carióticos, globosos e amarelos [Fornece excelente forragem e apresenta belo efeito ornamental.] 2 planta (<i>Cyperus radiatus</i>) da fam. das ciperáceas, de raízes	(uma equação) de modo a satisfazer certas condições. [td.] 5 Eletrôn. Tornar (um sinal) eletricamente simétrico e idêntico em relação a outro tomado como referência. [td.] [F.: balança + -ear2. Hom./Par.: balanceio (fl.), balanceio (sm.),] bar.ba de bo.de s.f. 1 Bot. Denominação comum a várias plantas ciperáceas, compostas e gramíneas. 2 Bot. O mesmo que ulmária. 3 Bot. O mesmo que rainha-dos-prados. 4 Bot. O mesmo que mandaravé. 5 Bot. O mesmo que capim-amargoso. 6 CE Bot. O mesmo que capim-barba-de-bode. 7 Bot. O mesmo que salsifi. sm. 8 Pop. Indivíduo que tem barba longa e pontuda no queixo (neste caso, sem hifens: barba de bode) [Pl.: barbas de bode.]	bar.ba s.f. Pêlos do queixo e das faces. / Longos pêlos que certos animais têm no focinho: as barbas do bode, do gato. / Botânica. Pêlos ou filamentos compridos em certas partes das plantas: barbas do milho. / Arestas filiformes na superfície da madeira serrada, do metal fundido ou nas bordas do papel aparado. / Qualquer agrupamento de fios ou pêlos: barbas do pincel. // Barba cerrada, a que se deixa crescer muito nas faces e no queixo, formando uma faixa espessa. // Barba de bode, longa e pontiaguda no queixo. // Fazer a barba, rapá-la toda ou em parte. // Viver à custa da barba longa, sustentar-se sem trabalhar, sob a proteção de alguém. // À barba, à vista. // Barba a barba, cara a cara. // Ter água pela barba, estar em grandes dificuldades. // Pôr as barbas de molho, acautelar-se contra perigo iminente. // Nas barbas de alguém, em sua presença. // Barbas de baleia, lâminas córneas e flexíveis existentes no interior da boca desse	bar.ba s.f. "cabelo do rosto do homem" XIII. Do latim barba-ae.	Bar.ba s.f. Todos os antigos preceitos e convenções sobre a barba os brasileiros herdaram de Portugal.	Barba de bode barbicha
----	-----------------------	---------------	---	--	---	---	--	--

			2 t.i. ingerir uma bebida para fazer um brinde a. 3 t.d. G-BS ingerir (medicamento). 4 t.d. fig. dilapidar (bens, fortuna etc.) com bebida alcoólica . 5 t.d. p. ana. (da acp. 1) absorver (líquido) graças a sua natureza esponjosa, porosa etc. 6 t.d. p. meff. (da acp. 1) sorver com delícia, aproveitar, absorver-se em. 7 t.d. p. meff. (da acp. 1) sorver com atenção, mergulhar em, absorver-se em. 8 t.d. fig. (da acp. 1) sofrer; padecer, suportar. 8.1 t.d. interiorizar sofrimento com resignação; sufocar, reprimir, sopitar 9 bit. fig. (da acp. 1) ter grande afeição por 10 t.d. fig. (da acp. 1) B consumir (muito combustível) □ ETIM lat. bibo, is, i, itum, ère "ingerir substância líquida, beber"; ver beb-; var. bever (sXIII); f. hist. sXIII beber, sXIII <i>bever</i>. o.vo [ô] s.m. (sXIII cf. FichIVPM) 1 BIO em alguns animais, como aves, répteis e peixes, estrutura expelida do corpo da mãe, que consiste no óvulo fecundado juntamente com as reservas alimentares e os envoltórios protetores. 2 BIO célula reprodutora feminina madura de animais e plantas; célula-ovo. 3 o ovo das aves, esp. o das galinhas. 4 <i>fig.</i> causa primeira: germe, origem, princípio. o.vos s.m. pl. 5 os testículos.	Ingerir o líquido contido em. 3 Ingerir bebida alcoólica, ger. em excesso; embriagar-se. 4 Fazer brinde, votos (por alguém), bebendo; BRINDAR. 5 Encher-se de (algum líquido), devido à natureza porosa, esponjosa; ABSORVER. 6 Bras. Fig. Consumir combustível (o veículo). 7 Fig. Tirar proveito de (algo). 8 Fig. Admitir ou receber no espírito; adquirir (conhecimentos, noções). 9 Fig. Suportar, sofrer (calúnias, dores, infelicidade, maus-tratos etc.). 10 Fig. Dissipar, malbaratar (bens, fortuna etc.) com bebida alcoólica. o.vo [ô] s.m. 1 Biol. Óvulo fecundado de animais, como aves, répteis e peixes, expelido do corpo da mãe. 2 Biol. A primeira célula de um ser vivo formada pela fecundação do óvulo da fêmea por meio da ação da célula reprodutora masculina. 3 O ovo das aves em geral, esp. o das galinhas. [NOTA: Nesta acp., col.: ovação, ovada.] 4 A causa inicial, o início de um processo; ORIGEM; PRINCÍPIO [F.: Do lat. ovum, i. Hom./Par.: ovo (sm.), ovo (fl. de ovar). Ideia de 'ovo': oo - e ov(io)-.] de 1 Indica origem 2 Indica o lugar ou momento em que se	3. Impregnar-se de; absorver. 4 Bras. Autom. Consumir (combustível). v.i. 5 Engolir líquidos, esp. bebidas alcoólicas. 7 Bras. 6 Embriagar-se. Autom. Consumir combustível (veículo). [C.: 2 (ê-e)] o.vo(ô) s.m. Biol. 1. Estrutura reprodutiva produzida por fêmeas de aves, réptis, peixes, etc., capaz de dar origem a um novo indivíduo. 2. V. <i>zigoto</i>. [Pl.: ovos (ô).] Pisar em ovos. Conduzir-se com cautela ou habilidade, por estar em situação delicada. de prep. Exprime inúmeras relações entre palavras e substitui várias outras preposições. a.ra.nha s.f. 1 Zool. Aracnídeo cujo abdome tem glândulas que segregam a seda com que faz as teias. 2 Antiga carruagem leve, de duas rodas, puxada por um cavalo.	ovo s.m. corpo formado no ovário, resultante da fecundação do óvulo / ouo XIII/ do lat. <i>ovum</i> – i. de prep. XIII. Do lat. <i>de</i> a.ra.nha s.f. animal artrópode aracnídeo, da ordem dos aracnídeos / XIV, <i>aranna</i> XIII/ do lat. <i>aráneá</i>.	cerimonial. Beber à saúde de alguém, erguer um brinde de honra, é um ato indispensável no protocolo social. Não se compreende banquete ou festa íntima sem os copos erguidos, numa homenagem coletiva. Ainda resistem os hábitos milenares ligados à bebida: não deixar o copo vazio, <i>aut bibat, aut abeat</i> (ou bebe ou sai) , as punições humorísticas para os maus bebedores; os simpósios, beber juntos, transformados em conferências culturais; derramar um pouco do líquido no solo antes de servir-se é vestígio tanto da <i>libação</i>, a libação na Grécia e em Roma, início cerimonial de oblação aos Deuses no começo da refeição, como também um hábito mais recente, o convite para beber como manifestação afetiva de amizade etc. Oferece-se um trago ao Santo (mais especialmente a Santo Onofre, o protetor dos bêbados.) o.vo As superstições sobre o ovo estão ligadas, em sua maioria, ao espírito da fecundidade. Para obtê-los, como ao dispô-los no ninho para o choco, é preciso ter boa mão. Marca-se o ovo	qualquer coisa que encontrasse pela frente para amenizar a fome
--	--	--	---	---	---	---	---	--

				ETIM lat. <i>óvum</i>, 'ovo'; ver <i>ov(i)o</i>:- f.hist. sXIII ovo, sXIII ov', 1365 <i>ovus</i>, sXIV <i>ovos</i>, sXV <i>ouvo</i> o objeto da lamentação. a.a.nha s.f. (sXIII cf. IVPM) 1 APAC design. comum a todas as spp. de artrópodes arácnidos, da ordem dos araneídeos, de aspecto e proporções variadas. 2 ANGOS planta epífita (<i>Renanthera coccinea</i>), da fam. das orquídeáceas, nativa do Sudeste da Ásia e cultivada pelas belíssimas flores de tom vermelho vivo; coral. 3 ANGOS erva (<i>Gloriosa superba</i>) da fam. das colíquáceas, nativa da África, cultivada como ornamental e extremamente venenosa; garras-de-tigre, gloriosa. 4 <i>p.ext.</i> nome de diversos objetos cuja forma lembra a aranha. 5 <i>p.ext.</i> carruagem de pequeno porte, de duas rodas, puxada por um cavalo. 6 MAR trabalho marinho feito de linha ou cabo fino trançado, cujas penas se fixam no espinhaço do todo, para sustentá-lo, horizontalmente, ou nos terços das vergas, para suspender a camisa dos panos, ou ainda nas extremidades das macas, para armá-las, entre outras finalidades 7 MAR na marinha mercante, equipamento móvel próprio para movimentar contêineressem pátio de estocagem. 8 estrutura	inicia um trajeto ou um período de tempo, uma contagem ou medição 3 Indica condição, situação: Você estava de férias? É prep. largamente empregada em locuções que indicam posição corporal, estado físico ou moral, relação com outras pessoas ou coisas, etc.] 4 Indica motivo ou causa 5 Indica uso, função, propósito, destinação 6 Indica modo de agir, ou a maneira como algo se dá. 7 Indica quantidade, preço, medida 8 Indica lugar, posição 9 Indica meio, instrumento 10 Indica o material que forma ou constitui um objeto etc. 11 Indica posse, prerrogativa, atribuição de algo a alguém 12 Indica relação com algum assunto (com uso equivalente ao da prep. sobre) 13 Indica relação especial, típica ou característica; próprio de 14 Indica tempo 15 Us. para qualificar algo ou alguém, atribui-lhe alguma [Em multíssimos casos, forma locuções com substantivos, verbos, advérbios, numerais etc.]. 16 Introdz complementos de verbos e de nomes 17 Usa-se após um adj. para torná-lo mais expressivo 18 Emprega-se como partitivo 19 Determina o segundo termo da comparação 20 Com os verbos auxiliares ter e haver mais infinitivo impessoal, forma locuções perifrásticas		com uma cruz, para não gorar, e <i>tirar</i> dele galinha e não galo. Pereira da Costa reuniu as versões brasileiras, vindas de Portugal, referentes ao ovo: "o deitar ovos à galinha para reprodução da espécie não é uma cousa tão simples como talvez se supõe. Tem sua <i>ciência</i>, como vulgarmente se diz, acaso pelo cortejo de preceitos supersticiosos que o preside. Em primeiro lugar cumpre atender-se à época, de forma que terminem na fase do do crescente da Lua os 21 dias de incubação, para que, com a sua força, saiam os pintos sem dificuldades, fortes e espertos, e não se perca um só. Apesar dessa precisão vulgaríssima, preside também a crença de que das galinhas deitadas ao crescente saem mais frangos que frangas e, ao contrário, se for ao minguante. Para os ovos não gorarem, faz-se uma cruz com tinta de escrever sobre cada um, e quando se destinam os pintinhos a uma pessoa qualquer, escreve-se o nome por baixo da mesma cruz. Preparando o ninho, depositam-se nele os ovos, um a um, e, à proporção que os	
--	--	--	--	--	---	--	--	--

				metálica que protege as pás da hélice do ventilador, circulator etc. 9 nos pendentes de luz, peça em que se aparafusa o quebra-luz. 10 peça de arame para suspensão de pratos nas paredes. 11 peça de ferro, no fim da cadeia de travão. 12 peça formada por um anel de ferro, onde se atam as correias ou os elásticos que prendem a bagagem no porta-malas dos automóveis. 13 <i>DOU</i> peça de ferro que liga a alveca ao pau do arado. 14 <i>CE</i> nos circoos, cavalo velho que, abatido, serve de alimento para as feras. 15 MIL mina com diversas ramificações. 16 <i>P</i> lagarilha de madeira, com prensa de pau, us. para espremer frutos. 17 PSC rede de apanhar trutas. 18 TEC espécie de faieixa usada para retirar objetos caídos em poço. 19 VEN <i>P</i> tipo de rede usada esp. na caça aos melros. s.m. 20 tolo, parvo, palerma . 21 <i>infirm.</i> Alfaiate. 22 <i>P m.q. andarilho</i> ('voador'). adj. 2g. s. 2g. 23 <i>B</i> hesitante ou que facilmente se embarraça (diz-se de pessoa). ETIM lat. <i>aranéa.ae</i> 'aranha, (Plínio) teia de aranha, fio muito fino'; em lat., regista-se tb. a f. masc. <i>aranéus.i</i> ; f.hist. sXIII <i>arana</i> , sXV <i>aráña</i> , sXV <i>aranha</i> .	dando ideia de futuro a.aranha s.f. 1 Zool. Designação comum a várias espécies de aracnídeos dotados de glândulas produtoras de seda, com as quais tecem a teia que serve de armadilha para suas presas [Aum.: aranhuço. Dim.: aranihuço.]N 2 Nome dado a vários objetos cuja forma lembra a de uma aranha. 3 Bras. Bot. Planta da fam. das orquídeaceas (<i>Renanthera coccinea</i>), cultivada como ornamental por suas flores vermelhas. 4 Bras. Bot. Planta da fam. das liliáceas (<i>Gloriosa simplex</i>). 5 Peça que sustenta pratos ornamentais em paredes. 6 Pequena carruagem de duas rodas, puxada por um cavalo. 7 CE Nos circoos, cavalo velho abatido para alimentação de feras. 8 Bras. Tabu. A vulva. s2g. 9 Pop. Pessoa desajeitada, atrapalhada.	vão colocando, fazendo-se com eles o sinal-da-cruz, pronuncia-se esta espécie de oração: Nas horas de Deus, Por São Salvador, Nasçam todas as fêmeas E um só galador. a.ra.nha Quando Nossa Senhora fugia para o Egito, com São José e o Menino Deus, perseguida pelos soldados do rei Herodes, escondeu-se numa gruta e a aranha teceu rapidamente uma teia na entrada, cobindo-a inteiramente. Os soldados, passando por ali, não procuraram os fugitivos dentro da gruta porque a teia mostrava que há muito tempo pessoa alguma entrava ali. Se o tivesse feito, a teia estaria rompida. Deixando o refúgio, Nosso Senhor abençoou a aranha e sua teia. (Silva Campos, <i>Contos e Fábulas Populares do Brasil</i> .) Couto de Magalhães registara identicamente o episódio no Pará, ouvindo-o no idioma tupi, nas aventuras da raposa e da onça (<i>Felix onça</i>). Esta é amarrada pela raposa sob o pretexto de escapar do fim do mundo pela ventania e depois abandonada. A onça pede que a libertem mas
--	--	--	--	---	---	--

14	bem de fortuna (LC)	bem de fortuna	bem s.m. (1264 cf. IVPm) 1 aquilo que ensaja as condições ideais ao equilíbrio, à manutenção, ao aprimoramento e ao progresso de uma pessoa ou de um empreendimento humano ou de uma coletividade. 2 ÉT conjunto de princípios fundamentais de determinada sociedade referentes à vida e à dignidade das pessoas, preconizados como propícios ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento moral, quer dos indivíduos, quer da comunidade. for.tu.na s.f.	bem adv. 1 De modo bom e conveniente 2 Sem falhas, com acerto, em alto nível de qualidade 3 Com saúde, bem-estar: Não me sinto bem hoje. 4 Com nitidez, distintamente 5 Com comodidade: à vontade 6 De forma correta, justa 7 Muito, 8 Exatamente s.m. 9 O que é bom, o que traz felicidade 10 Pessoa querida 11 O que pertence a uma pessoa e para ela tem valor material: POSSE [Pl.: bens] adj. 2g. 2n. 12 Que pertence à alta sociedade (gente bem)	bem s.m. 1.Qualidade atribuída a ações e obras humanas, e que lhes confere um caráter moral. 2.Austeridade moral; virtude. 3.Felicidade, ventura. 4.Favor, benefício. 5.Vantagem, proveito. 6.Pessoa muito amada. 7.Econ. Mercadoria ou serviço que pode satisfazer uma necessidade humana. Adv. 8.Muito; bastante. 9.Convenientemente. 10.Com saúde. 11.Com perfeição. Pr. Ind. 2.Muito; bastante. for.tu.na	bem ¹ adv. 'de maneira conveniente' XIII. Do lat. Bene bem¹ sm. 'virtude' 'felicidade' XIII. Do lat. Bene benQUISTO adj. 'querido' bem- 1572 bens sm. Pl. 'propriedade, posseção (de um indivíduo, de um grupo, de uma instituição etc.)' bees XIII, beis XIII, bees XIV etc. for.tu.na s.f. "sucesso imprevisto, ventura, revés da sorte, riqueza."	não ousam fazê-lo, temendo sua brutalidade ingrata. Os cupins dilaceram os cipós, soltando a onça, e esta, antes de ir-se embora, engole os cupins. No episódio XIX a raposa aparece disfarçada no bicho Folha Seca çoo <i>Caa xirica</i> , o bicho folharal da estória conhecida em todo o continente. O papel da aranha, no conto recolhido por Silva Campos, fiel a Anansi da Costa do Ouro, é documento único da presença desse elemento no Brasil. (Luís da Câmara Cascudo, <i>Contos Tradicionais do Brasil</i> , Americ, Rio de Janeiro, 1946.)	bem de fortuna riqueza
----	---------------------	----------------	---	---	--	---	--	------------------------

15	bomba d'água (LC)	bomba d'água s.f. 1 Regionalismo: Brasil. m.q. <i>carga-d'água</i> ('chuva') 2 Rubrica: angiospermas. m.q. <i>barriga-d'água</i> (<i>Hydrogaster trinervis</i>) Obs.: cf. <i>bomba de água</i>	bom.ba. d'á.gua s. f. 1 Também: A medida agradou aos alunos, bem assim aos professores. for.tu.na s.f. 1 Bras. Acúmulo de bens, de riqueza 2 Evento, condição ou situação que produz felicidade 3 Pretensa força ou poder que determinaria o curso dos acontecimentos em uma vida; DESTINO; SINA 4 Ocorrência de algo sem a intervenção de nenhum sujeito consciente que busque através dele a consecução de algum objetivo 5 Destino reservado a alguém ou a algo 6 Mit. Divindade cega, caprichosa na repartição dos dons entre os mortais, e que presidia a todos os fatos da vida humana. [F.: Do lat. fortuna, ae.]	bom.ba s. f. 1. Projétil ou artefato explosivo. 2. Máquina para movimentar fluidos, gases ou líquidos, ger. ao longo de tubulações. 3. Aparelho para extrair ou esgotar líquidos. 4. Aparelho para encher câmaras-de-ar. 5. Canudo para tomar mate; bombilha. 6. Fig. Acontecimento inesperado. 7. Bras. Fam. Coisa ruim. 8. Bras. Reprovação em exame. 9. Bras. Dispositivo pirotécnico. trom.ba-d'á.gua s. f. 1. Fenômeno meteorológico que ocorre no mar e consiste numa nuvem negra, donde	bom.ba s.f. Projétil ou artefato explosivo, que provoca danos ou destruição' XVI; 'máquina para elevar água/ <i>bôba</i> XVII/ do it. <i>bômba</i> , de uma raiz onomatopaica <i>bomb</i> , deriv. do lat. <i>bombus</i> e, este, do gr, <i>bómbos</i> 'ruído surdo' 'barulho do trovão'	bom.ba s.f. Canudo de prata ou outro metal, usado para servir o chimarrão, forma tradicional de servir o mate no Rio Grande do Sul. Uma das extremidades do canudo tem a forma bojuda e é crivada de furos, pelos quais a bebida é sugada diretamente da cuia, na qual a erva fica em infusão na água fervente. Água. Como importantíssimo elemento da natureza, a água é citada no folclore brasileiro por integrar as mais diversas	bomba d'água forte. Chuva Tempestade que cai em uma localidade limitada
----	-----------------------------	---	---	--	--	---	--

16	bravo (LS)	bravo	bra.vo adj. 1 não civilizado; bárbaro, rude (sXIII) 2 pouco ou nada domesticado (diz-se de animal); brabo, feroz, selvagem 3 em estado de fúria; brabo, danado, irado 4 que se irrita facilmente; de mau gênio; brabo, irritadiço, irascível 5 rígido, severo, autoritário; brabo 6 tempestuoso, revolto, violento; brabo 7 não cultivado; bravio, agreste, brabo, inculto 7.1 denso, fechado; brabo 8 não comestível ou de escasso valor alimentar (falando de vegetal, fruto etc.) Obs.: p.opos. a <i>manso</i> 9 exposto, desabrigado (diz-se de costa) 10 de muita intensidade; alto; brabo, forte 11 digno de admiração; notável, celebrado, insigne 12 generoso, humanitário 13 que se caracteriza pela lealdade, pela honestidade; íntegro, honesto Ex.: um b. amigo, um homem às direitas 14 bem vestido, airoso; omado com luxo 15 com atraso; fora de hora (diz-se de refeição) 16 Uso: informal.	bravo adj. 1 Que é corajoso, valente: brava gente brasileira 2 Que se irrita com facilidade; IRACUNDO; IRRITADIÇO 3 Furioso, irado: Ficou bravo com os colegas 4 Muito agitado (mar bravo); BRAVIO; TEMPESTUOSO s.m. 5 Indivíduo bravo (1): "A vida é combate,/que os fracos abate,/que os fortes, os bravos,/só pode exaltar" (Gonçalves Dias, Canção do tamoio) [F.: Do lat. barbarus.]	bra.vo adj. Que afronta o perigo: homem bravo. (Sin.: corajoso, heróico, intrépido, resolutivo, teneário.) s.m. Homem corajoso. interj. Muito bem, digno de aplausos.	bravo adj. 'corajoso, valente, intrépido', 'feroz, selvagem' XIII; interj. 'viva!, muito bem!.	Prefeitura Municipal de Olímpia, 1995.) Ø	bravo ruim, venenoso, valente, briguento
----	-------------------	--------------	---	--	--	---	--	--

17					de difícil cicatrização (diz-se de ferida); brabo 17 Uso: informal. sério, incurável; brabo 18 Rubrica: tauramaquia. diz-se do touro que arranca seguidamente para a luta com o toureiro, sem recear o castigo adj. e s.m. 19 (sXIII) que ou o que é destemido, valente, arrojado s.m. 20 saltador italiano 21 Derivação: por extensão de sentido. valentão, capanga ou assassino a solido 22 expressão oral ou escrita de admiração, aprovação, aplauso 23 Regionalismo: Açores. dança de roda interj. (1789) 24 dirigida a ator, cantor, orador etc. que teve bom desempenho, expressa satisfação, aprovação, vivo entusiasmo.	ca.bo.clo [ô] s.m. Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. 1m.q. caboclinho (<i>Sporophila bouvreuil</i>) ca.bo.co.lin.hos s.m. PL. Rubrica: dança, etnografia. Regionalismo: Nordeste do Brasil. 2 grupos de bailados com temática indígena, na época do carnaval; caboclinhos	caboco/ caboquinho	ca.bo.clo (LS)					ca.bo.clo [ô] s.m. 1. Mulato de pele acobreada e cabelos lisos; CABURÉ. 2. Mestiço de branco com índio; CARIBOCA. 3. Pessoa do campo, de modos simples e rústicos; CAPIRA. 4. Pej. Pessoa desconfiada 5. Designação dada a descendentes de índios, por vezes miscigenados, e que vivem relativamente isolados, de modo rústico, nem sempre	ca.bo.clo (ô) s. m. bras. 1. Mestiço de branco com índio , cariboca, curiboca, caburé. 2. Antiga designação do indígena. 3.V. <i>caipira</i> (1). Adj. 4. Diz-se de cabodo (1 e 3).	ca.bo.clo s.m. 'índio, mestiço de branco com índio' 'indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos' 1781, <i>cauocolo</i> 1645, <i>cabocolo</i> 1648 etc./ do tupi * <i>kari'ũoka</i> (< <i>karã'ũia</i> 'homem branco' + * <i>õka</i> 'casa')	ca.bo.clo s.m. Orixá que surge nos candomblés de cabodo, em que predomina a influência ameríndia	caboco Empregado, escravo, serviço
----	--	--	--	--	--	--	---------------------------	-----------------------	--	--	--	--	---	--	--	---	--

18	cadência (LS)	cadência	cabôcolo, f. hist. de <i>cabocolo</i>, + <i>-inho</i>; ver <i>cabocol-</i>	com identidade étnica 6 Cada um dos dançadores de certos folguedos populares, como o maracatu rural 7 Rel. Nome genérico dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros, nas religiões ou seitas afro-brasileiras adj. 8 De ou próprio de cabocolo (vida cabocola) 9 Da cor de cabocolo: ACOBREADO. [F.: Do tupi.] Cabocolo velho 1F. de tratamento interlocutória: Bom dia, cabocolo velho!	ca.dên.ci.a s.f. Sucessão regular de sons e de movimentos; RITMO. 2 P.ext. Compasso, ritmo. 3 Ritmo com que se sucedem pausas e ênfases 4 Liter. Ritmo das palavras na fala, num discurso, na poesia, na oratória etc., de acordo com a acentuação tônica de cada sílaba 5 Repetição de alguma coisa em ritmo regular: a cadência das remadas 6 Ritmo ou velocidade com que algo se realiza, se processa: A cadência daquele trabalho era de enlouquecer 7 Mus. Num concerto para solista e orquestra, trecho executado apenas pelo solista, acompanhamento orquestral, ger. antes do fim de um movimento 8 Mus. Encadeamento de notas e/ou acordes que estrutura uma composição musical e lhe define o tom 9 Mus. O mesmo que	ca.dên.ci.a s.f. Regularidade de movimentos ou de sons.	cadência Ritmo; compasso.	
----	---------------	----------	---	--	--	---	---	--

19	calafate (LS)	calafatinho	o tom ('tonalidade') ou modo ('escala') empregado; cláusula 10 <i>p.ext.</i> MÚS em concertos ('composição') e árias ('parte para solista'), seção onde o solista improvisa ou mostra virtuosidade 11 MÚS m.q. pulsção 12 <i>fig.</i> disposição ou inclinação natural, tendência; queda, pendor, vocação ETIM aport. it. <i>cadenza</i> (sXV) < lat. <i>*cadentia</i> <i>ae</i> de <i>cadens</i> <i>éntis</i>, part.pres. de <i>cadere</i> 'cair, declinar, cessar', fr. <i>cadence</i> (fim sXV), ing. <i>cadence</i> (c1589); o lat. <i>cadere</i> tem as acp. de 'cair, perder forças, abrandar(-se), moderar(-se)' que esclarecem a noção de <i>cadência</i>, esp. em música; ver <i>cair</i>.	pulsção 10 Fig. Pendor, tendência, vocação: O rapaz tem cadência para o futebol [F.: Do lat. <i>*cadentia</i> (pl. neutro de <i>cadens</i>, part. de <i>cadere</i>), pelo it. <i>cadenza</i>. Hom./Par.: cadência (sf.), cadências (fl. de cadenciar); de cadenciar].]	ca.la.fate s.m. Aquele que calafeta. ca.la.fe.tar v.td. 1.Vedar com estopa alcatroada (as juntas ou fendas duma embarcação). 2.Tapar, vedar (fendas ou buracos).	ca.la.fate s.m. 'indivíduo cujo ofício é calafetar' XV X calafetador XIII calafetamento XVIII calefação XVII. Do fr. <i>Caléfaction</i>, do lat. Tardio <i>calefaction</i>, de <i>calefacere</i> calefaciente ZZ calafator XX.	ca.la.fate s.m. 'indivíduo cujo ofício é calafetar' XV X calafetador XIII calafetamento XVIII calefação XVII. Do fr. <i>Caléfaction</i>, do lat. Tardio <i>calefaction</i>, de <i>calefacere</i> calefaciente ZZ calafator XX.	ca.la.fate s.m. Aquele que calafeta. ca.la.fe.tar v.td. 1.Vedar com estopa alcatroada (as juntas ou fendas duma embarcação). 2.Tapar, vedar (fendas ou buracos).	ca.la.fate s.m. 1 Pessoa que calafeta (ger. como profissional), tapa fendas ou buracos (esp. de embarcação). 2 RJ Vento forte de leste que sopra no litoral 3 Zool. Pequeno pássaro da fam. dos estríldídeos (<i>Padda oryzivora</i>), originário da Indonésia. 4 Bot. Planta (<i>Berberis ruscifolia</i>) das berberidáceas, do sul do Brasil, Argentina e Uruguai; calafate-da-patagônia	ca.la.fate s.m. 1aquele que trabalha ou é especializado em calafetação (de tonéis, pisos de madeira etc.) 1.1 Rubrica: temo de marinha. operário encarregado de calafetar, furar e encavilhar o costado e o fundo do navio, bem como de preparar as bombas de esgoto 2 Regionalismo: Rio de Janeiro. vento forte de leste que ocasionalmente sopra no litoral, por vezes causando danos às embarcações 3 Rubrica: angiospermas. arbusto de até 2 m (<i>Berberis ruscifolia</i>), da fam. das berberidáceas, nativo da Argentina, Brasil	Calafatinho Ajudante do barco, da marujada	Ø
----	---------------	-------------	--	---	---	--	--	---	--	--	--	----------

20	calix bento (LC)	calix bento	(RS) e Uruguai, de folhas quase lanceoladas, com um espinho no ápice, flores amareladas em racemos e pequenas bagas pretas comestíveis, embora insípidas ou levemente amargas; calafate-da-patagônia. 4 Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Angola. peixe teleosteo periforme da fam. dos cianídeos (<i>Umbrina cirrosa</i>), encontrado na costa angolana e semelhante à corvina. 5 Rubrica: ornitologia. pequena ave passeriforme (<i>Padra oryzivora</i>), da fam. dos estrilídeos, endêmica da Indonésia, nas ilhas de Java e Bali; pada	ca.lix s.m. 1 Rubrica: liturgia católica. espécie de vaso quase cilíndrico, us. durante a realização da santa missa, para a celebração do vinho; cálix. 2 copo de forma aprox. semi-esférica, alongada ou semelhante a um cone invertido, que tem um pé ('parte inferior, apoio') formado por uma haste mais ou menos comprida e uma base ger. circular. us. para certos tipos de vinho, licores etc. 3 Derivação: por metonímia. o conteúdo desse copo. 4 Derivação: sentido figurado. experiência dolorosa, de provação, sofrimento ou humilhação. 5 Derivação: por analogia. Rubrica: arquitetura qualquer	ca.lix s.m. O mesmo que cálice ¹ . F. lat. Calix. Cálice 1 s.m. Tipo de taça não muito grande, ger. com pé ou haste longa e base redonda, e ger. us. para tomar bebida alcoólica 2 A quantidade de bebida contida nesse recipiente: beber um cálice de vinho. 3 Restr. Rel. O recipiente us. para a consagração do vinho, na missa. bento ¹ adj. 1. Que foi benzido.	calix s.m. 2 n. 1. Cálice (1). Cálice 1 s.m. Vaso empregado na missa para a consagração do vinho. 2 Copo com pé, de pequena dimensão, para vinhos, licores e/ou outras bebidas.	calí.ce s.m. 'tipo de copo' XV, <i>calez</i> XIII, <i>caliz</i> XIII, <i>cálix</i> XVII Do lat. <i>Calix</i> – ícis.	Ø	calix bento Cálice Sagrado onde é colocado o Sangue de Cristo na hora da missa.
----	------------------	-------------	---	---	---	---	--	---	--

			ornato em forma de cálice ('copo'). 6Derivação: por analogia. Rubrica: anatomia zoológica. design. comum a diversos órgãos ou estruturas animais cuja forma, côncava, lembra a de uma taça. Bento <i>adj.</i> (1262 cf. IVPM) 1 REL que foi abençoado; bendito 2 LITUR.CAT que recebeu a bênção da Igreja em cerimônia própria □ <i>s.m.</i> 3 <i>P infm.</i> indivíduo benzedeiro; bruxo 4 (1712) REL monge da ordem de são Bento; beneditino □ ETIM lat. <i>benedictus.a.um</i> 'bendito', part.pas. de <i>benedicere</i> ; ver <i>bon-</i> e <i>diz-</i> ; f.hist. 1262 <i>beento</i> , 1274 <i>bééyto</i> , 1298 <i>bento</i> , sXIII <i>beyto</i> , sXIV <i>beeyto</i>				
21	camão (LS)	camão	cam.bão s.m. elemento de composição antepositivo, do lat.tar. <i>camba,ae</i> ou <i>gamba,ae</i> 'pata, jarrete do cavalo e, mais comumente, dos quadrúpedes', tomado prov., referem Ernout e Meillet, pela língua dos veterinários e criadores ao gr., onde <i>kampé</i> 'curvatura' designa particularmente a 'articulação de um membro', donde it. <i>gamba</i> , logd. <i>kamba</i> , engad. <i>kamma</i> , friul. <i>gambe</i> , fr. <i>jambe</i> , provç.cat. <i>camba</i> ; comentam ainda Ernout e Meillet que a hipótese de uma orig. gaul. não é comprovada (daí por que não se deve associar	cam.bão s.m. 1 Aparelho com que se unem duas juntas de bois à mesma carroça ou a um instrumento agrícola. 2 Peça de madeira a que se prendem os animais que fazem mover a nora. 3 Pau comprido com um gancho ou uma lata amarrados à ponta, us. para apanhar frutas em árvores muito altas. 4 Pau, que se pendura ao pescoço do animal, para que não se afaste muito nem penetre em roças ou cerrados. 5 Junta de bois. 6 Cabo rígido, com uma lacada na ponta, para	cam.bão s.m. 1 Peça de pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta de bois. 2 Pau a que se prendem as bestas que fazem andar a nora. 3 Bras. Pedaco de pau que se pendura ao pescoço da rés bravia para impedi-la de correr. 4 Junta de bois. 5 V. cambo 1.	cam.bão s.m. pau que se junta ao cabeçalho do carro puxado por mais de uma junta'1844. derivado de cambiar vb. 'trocar (moedas ou letras de um país pelas de outro)' 'transformar, altera' XIII, <i>canbar</i> XIII etc. Do lat. <i>cambiare</i> , sem dúvida de um radical celta <i>camb-</i> 'arqueado, curvo' 'alternado, trocado'.	Camão Pau que serve pra parrar boi, fazer junta de boi

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

					fotográfica, cinematográfica ou de televisão; plano, quadro Obs.: cf. <i>contracampo</i> 9 Rubrica: esportes. lugar tecnicamente preparado para a prática de diversos esportes Ex.: c. de golfe, de futebol 9.1 lugar que se destina a justas, torneios etc.; arena 10 Rubrica: física. região que se encontra sob a influência de alguma força ou agente físico como, p.ex., o campo eletromagnético, o campo gravitacional ou o campo de temperaturas 11 Derivação: sentido figurado. área em que se desenvolve determinada atividade Ex.: a questão pertencia ao c. da medicina 12 Derivação: sentido figurado. assunto, motivo, tema Ex.: o cinema é c. para complexas teorias 13 Derivação: sentido figurado. esfera de ação; domínio, âmbito Ex.: o projeto ainda está no c. da experimentação 14 Derivação: sentido figurado. espaço, meio para se realizar ou debater algo Ex.: a assembléia não oferecia c. para aquelas discussões 15 fundo liso ou uniforme de uma superfície pintada, gravada, trabalhada com relevos, estampada etc.	meio-campo.] 9 Grupo que se opõe a outro(s), que entra em disputa com outro(s); facção, partido 10 Espaço destinado a receber determinado tipo de informações num formulário, questionário, base de dados etc. 11 Espaço, terreno que é ou pode ser ocupado; área em que algo pode se espalhar, se disseminar [Tb. fig.] 12 Espaço que é ou pode ser abrangido pelo olhar ou esp. por lente ou aparelho óptico 13 Cin. Fot. Telv. Espaço enquadrado por uma câmera, ou aquele dentro de cujos limites os objetos aparecem em foco [Cf. profundidade de campo.] 14 Fig. (Aquilo que oferece) possibilidade ou oportunidade de desenvolvimento, expansão ou continuação de alguma atividade: Não há campo para novos investimentos 15 Fig. Oportunidade, ensejo; razão de ser, justificativa: O caso é grave, não há campo para hesitação. 16 O local em que se encontra naturalmente o objeto de estudo, e no qual este pode ser observado de modo direto, supostamente sem maior interferência ou modificação causada pelo observador ou cientista: o local em que se realiza uma pesquisa de campo ou um trabalho de campo [Cf. a loc. de campo.] 17 Fis. Região em que se	campo, pôr (um assunto) em discussão. ro.sá.ri.o s.m. Objeto de devoção que consiste numa espécie de colar de contas que se vão passando pelos dedos para contar orações que se vão rezando. (É composto de quinze mistérios ou dezenas de pequenas contas [a cada uma das quais corresponde uma Ave-Maria], sendo cada uma dessas dezenas separada das outras por uma conta maior, que vale um Pai-Nosso. Os rosários terminam por uma pequena cruz, sobre a qual se reza um Credo. O terço, rosário comum, tem apenas uma terça parte das contas do verdadeiro rosário.) / Conjunto de orações rezadas por esse processo. / Fig. Série, enfiada, feia; grande quantidade: um rosário de recriminações, de culpas.		
--	--	--	--	--	--	---	---	--	--

23	capitão-campó (LC)		m.q. <i>lágrima-de-nossa-senhora</i> (Coix lacryma-jobi 'fruto') 4 (1836) Rubrica: engenharia mecânica. mecanismo constituído de corrente e tambor giratório, instalado na borda de um poço e us. para extrair água de seu interior	ca.pi.tão s.m. 1.Rubrica: termo militar: comandante de número expressivo de combatentes. 2 Rubrica: termo militar: posto de oficial superior na hierarquia do Exército brasileiro, logo acima de tenente e abaixo de major. 3 Derivação: por metonímia. Rubrica: termo militar: oficial do Exército brasileiro que ocupa essa patente. 4 Rubrica: termo de marinha. oficial investido no comando de navio ou expedição marítima. 5 Derivação: por extensão de sentido. chefe de qualquer grupo de pessoas. 5.1 Rubrica: futebol. jogador que comanda o time e fala pelos jogadores. 6 Rubrica: pesca. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. bóia da rede de pesca. 7 Regionalismo: Brasil. parte central de uma laranja, quando é cortada à faca. 8 Regionalismo: Maranhão, Goiás. Uso: informal. bocado de comida que se leva com a mão à boca; boneca, capetão. 9 Regionalismo: Pernambuco. empuxo que se imprime a uma pedra grande para fazê-	ca.pi.tão s.m. 1 Mil. Patente militar [Ver quadro Hierarquia Militar Brasileira.] 2 Mil. Militar que tem essa patente 3 Mar. Comandante de navio mercante 4 P.ext. Pessoa que tem poder de mando, autoridade; comandante, chefe de um grupo (militar ou não, formalmente organizado ou não) 5 Esp. Jogador que representa o time perante o árbitro, e que, por vezes, pode ter papel de liderança 6 N.E. Folc. Personagem autoritário do bumba meu boi 7 Pop. Designação dada à parte ou objeto principal, ou de maiores dimensões 8 Bras. Pop. Boia de rede de pescar 9 Bras. Parte do meio da laranja cortada na vertical 10 Bras. Porção de alimento que se amassa com farinha e leva à boca com a mão 11 Deslocamento de uma pedra grande, por meio de empurrão, fazendo-a rolar ou movre-se sobre sua menor dimensão 12 MG Fam. Urinol grande; penico 13 Bras. S. Larva de besouro; forreca, pão-de-galinha 14	ca.pi.tão s.m. 1.V. <i>hierarquia militar</i> . 2.Comandante de navio mercante. 3.Chefe militar, caudilho. 4.Chefe, cabeça. [Pl.: -tães. Fem.: <i>capitã, capitoa.</i>]	Ø	Capitão-campó É o comandante, aquele que comanda no termo
----	-----------------------	--	--	---	--	---	---	--

24	cará-gerimum (LC)	cará-gerimum	la movimentar-se sobre sua menor dimensão, 10 Regionalismo: Minas Gerais, Açores. m.q. perico. 11 Rubrica: angiospermas. m.q. mirindiba (<i>Terminalia brasiliensis</i>). 12 Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. bolinho de feijão e farinha. 13 Rubrica: entomologia. egionalismo: Rio Grande do Sul. m.q. pão-de-galinha. 14 Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. escaravelho ('escarabeíneo'). 15 Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil.m.q. 2capitão-do-mato (<i>Morpho achilles</i>) 16 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. m.q. cardial-do-banhado (<i>Amblyramphus holosericeus</i>)	Bot. Merendiba (árvore combréia). 15 Bras. Zool.Besouro, escaravelho 16 Zool. Capitão-do-mato (borboleta) 17 Zool. Pássaro ictérico (Amblyramphus holosericeus), paludicola, de corpo negro e cabeça e peito vermelhos, encontrado no Sul e Centro-Oeste do Brasil [Pl.: -tães. Fem.: -tã (forma geral e única us. para a acp. 5) e -toa (p. us.) para as demais acps. Entre os militares, a f. usual é a masculina, mesmo ref. às mulheres.] [F.: Do lat. tardio capitānus] cam.pó Ø	ca.rá s.m. 1 Bras. Zool. V. acará(1). 2 Bras. Bot. Designação comum a várias espécies da família das dioscoreáceas, providas de tubérculos alimentares, e de que algumas são ornamentais, caranambu, caratinga. 3 Bras. Bot. Inhame-da-china. je.rí.mum s.m. 1 V. abóbora (1). 2 V. abóboreira. 3 V. abóbora-moganga.	ca.rá s.m. 'nome comum a várias plantas da fam. Das dioscoreáceas' c/1584. DO tupi ka'ra caráETÊ garahité 1799 Do Tupi * karae'te (< ka'ra + e'te 'verdadeiro') caraz. AL 1678. je.rí.mum s.m. 'fruto do jerimuzeiro; abóbora/' gerumu 1587, jeremu 1618, geremu 1619 etc./ do tupi iuru'umil jeimuzEIRO/ gerumuseiro 1876	Ø	cará-gerimum planta que dá uma raiz e a gente come
----	-------------------	--------------	---	---	--	---	-----------------	--

	Casa (LC)	Casa Santa	abóbora'; f.hist. 1889 <i>jirinum</i> , 1889 <i>jurinum</i>	[F.: Do tupi yuru'm u]	ca.sa s.f. Edifício destinado à habitação; vivenda. (Sin.: morada, domicílio, habitação, residência.) / Conjunto das coisas que se relacionam com a vida doméstica	ca.sa s.f. 'morada, vivenda, residência, habitação' XIII. Do latim casa. santo adj. s.m. 'sagrado,, 'que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina', 'segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um de seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina' XIII. Do latim sanctus-a –um.	Ø	Casa Santa Igreja; casa de Deus
25	ca.sa s.f. 1 edifício de formatos e tamanhos variados, ger. de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação 2 Regionalismo: Portugal. cada uma das dependências em que é dividida uma habitação Ex.: <c. de jantar> <c. de banho> 3 família; lar Ex.: a c. é fundamental na educação dos jovens 4 o conjunto dos membros de uma família Ex.: a c. dos Nabuco 5 família soberana ou nobre; linhagem nobre Ex.: a c. de Bragança 6 o conjunto dos bens dessa família Ex.: administrador da c. dos Bragança 7 o conjunto dos negócios e assuntos domésticos Ex.: a administração da c. 8 mobiliário, roupas, louças e demais objetos que são necessários a uma residência Ex.: montar c. 9 lugar destinado a encontros, a reuniões ou à moradia de certas categorias de pessoas, cujos interesses, origens e cultura por vezes representa ou expressa Ex.: <c. do estudante> <c. dos artistas> <c. do Brasil> 10 estabelecimento ou	ca.sa s.f. 1 Construção, ger. com um ou poucos andares, com forma e tamanho diversos, destinada a habitação; MORADIA; RESIDÊNCIA; VIVENDA. [Aum.: casão, casarão, casaréu. Dim.: casinha, casita, casuicha, casebre, casinhola, casinholo, casinhota, casinhoto] 2 Local onde se vive; LAR. 3 O conjunto das pessoas que habitam uma casa (1): "Calisto passou o restante da noite com os amigos da casa (...)" (Camilo Castelo Branco, Queda de um anjo) 4 Os negócios e assuntos domésticos: A mãe é quem cuida da casa. 5 Lus. Cada um dos cômodos de uma residência (casa de banho) 6 Família ou linhagem nobre (Casa d'Orléans) [Nesta acp., ger. com inicial maiúsc.] 7 Fig. Os bens, o patrimônio dessa família ou linhagem 8 Fig. O conjunto dos objetos, eletrodomésticos e mobiliário que compõem uma residência 9 Estabelecimento comercial; LOJA. 10 Fenda no vestuário pela qual passa o botão 11 Nome de determinadas repartições públicas: Casa da Moeda 12 Cada uma das divisões de						

[illegible]

					1 Instituição que provê tratamento e/ou internação hospitalar de enfermos pobres. san.ta s.f. 1 Mulher que foi canonizada (Santa Luzia). [Abr.: S.] 2 Fig. Mulher virtuosa, generosa, pura. 3 Imagem de mulher canonizada. 4 Forma de tratamento carinhoso dado a uma mulher: Obrigada por tudo, minha santa. [F.: Fem. de santib.]				
26	cavaco (LS)	cavaco	ca.va.co s.m. 1 Farpa ou lasca produzida pelo desbaste da madeira; acha, cavaca	ca.va.co s.m. 1 Lasca, fragmento de madeira: um cavaco de lenha. 2 Pop. Mús. Cavaquinho 3 Fig. Pop. Conversa, bate-papo 4 Fig. Demonstração de aborrecimento por quem é ridicularizado ou provocado 5 Zanga, mau humor ou ressentimento passageiros 6 RS Cada pedaço que sobra da carne charqueada [Nesta acp., mais us. no pl.] [F.: cava + -aco1.] Catar cavaco 1 Bras. Gir. Correr curvado para a frente, desequilibradamente, com as mãos quase roçando o chão, na tentativa de não cair, após ter perdido o equilíbrio ao andar ou correr .	ca.va.co s. m. Estilha ou lasca de madeira; cavaca.	Ø	Ø	Ø	Cavaco Todo: lasca; pedaço de pau
27	chamar (LS)	chamá	cha.mar vtd. e i. 1 dizer o nome de (alguém), aguardando comunicação, aproximação ou indicação de	cha.mar v. 1 Pronunciar o nome de (alguém), para que venha ou se apresente 2 Fazer ou	cha.mar v t d. 1.Dizer em voz alta o nome de (alguém) para que venha, ou para ver se está presente.	cha.mar v. 'dizer em voz alta o nome de alguém, convocar' 'nomear, denominar' XIV. Do lat.	Ø	Ø	Chamá chamar

			presença. 2 atrair a atenção de (alguém ou algo), por meio de voz ou gesto. 2.1r unir ou convidar por meio de toque (apito, campainha, sino etc.). 3 atrair (animal) mediante som ou voz característica. 4 Uso: eufemismo. convidar (indivíduo morto ou prestes a morrer) para junto de si (falando-se de Deus ou dos deuses). 5 convidar ou escolher (para destino espiritual particular ou privilegiado). 6 pedir a proteção, o favor, a atenção de; invocar, apelar, clamar. 7 mandar comparecer; convocar, convidar (para cargo ou emprego); nomear. 8 convidar, convocar (para telefone ou similar) como indicação de chamada; tocar. 9 Rubrica: telecom. soar (telefone ou similar) como indicação de chamada; tocar. 10 Rubrica: telecom. contactar (serviço, indivíduo) por sinal telefônico. 11 obrigar, incitar (alguém) a (fazer algo); estimular, provocar. 12 Derivação: sent. fig. exercer ação atrativa sobre; atrair, fascinar. 13 seduzir, aliciar. 14 acionar (circuito elétrico) a fim de trazer a si um objeto. 15 aproximar ajustando (peças ou partes); montar. 16 Rubrica: termo de marinha. impelir, arrastar (embarcação) por força de corrente. 17 carecer de; exigir, clamar, reclamar. 18 tomar (algo) [para si]; avocar, assumir, atribuir-se. 19 despertar (alguém) do sono; acordar. 20 Regionalismo: Brasil. guiar a	tentar fazer vir (usando a voz, gesto, sinal sonoro ou qualquer outro meio para atrair a atenção 3 Enviar ou divulgar instrução ou pedido a, para que se apresente; CONVOCAR. 4 Obter, angariar, atrair 5 Escolher, convidar (para cargo ou emprego); DESIGNAR; NOMEAR. 6 Fazer com que (algo, alguém) se manifeste, aconteça; ATRAIR. 7 Invocar para auxílio, proteção 8 Soar (o telefone ou aparelho similar) em sinal de chamada. 9 Acionar mecanismo (em geral para fazer vir algo) ou circuito elétrico através de um comando ou botão 10 Fazer despertar do sono; ACORDAR. 11 Dar ou atribuir nome, apelido etc. a 12 Conferir qualidade, título, atributo: QUALIFICAR; TACHAR. 13 Ter por nome 14 Incitar (alguém) a (fazer algo). 15 Reclamar, exigir 16 Tomar (algo) como (sua) responsabilidade, arcar com; ASSUMIR 17 S. Andar à frente da tropa (de animais) para guiar a marcha [int.] 18 Inf. Acionar uma rotina ou abrir um arquivo [tc.] [F.: Do lat. vulg. clamare.]	2.Fazer ir ou vir. 3.Fazer despertar: acordar. 4.Dizer, invocando. 5.Convocar pelo toque de campainha, por outro sinal. 6.Pressionar botão para acionar o mecanismo que faz (o elevador) vir. 7.V. convidar (1). vtd e i. 8.Convidar, escolher (para cargo ou emprego). 9.Atrair, despertar. vt d e c. 10.Chamar v trans obj. (2). 11.Qualificar. vt i. 12.Chamar 13.Invocar. vi. (1). 14.Dar sinal, com a voz ou o gesto, para que venha. 15.Dar (o telefone) sinal de chamada. v pron. 16.Ter por nome.	Clāmare chamADA sf. 'convocação' -das pl. 1844 chamADO sm. 'ação de chamar' XIII chamar/Z sm. 'coisa que chama, que atrai' 1813 chamATIVO XX chamo sm. 'chamado' XV. Deverbal de <i>chamar</i>. Cp. CLAMOR.		
--	--	--	--	--	--	--	--	--

			3 Derivação: sentido figurado.verter(-se), espargir(-se). 4 Deriv: sent. fig. chegar sucessiva e abundantemente; sobrevir. 5 dar ou conceder em abundância; proporcionar ou distribuir à farta.	chuva 4 Fig. Vir, sobrevir, acontecer em abundância [V. impress., conjugado somente na 3a. pess. sing. Em sentido figurado, porém, pode-se conjugar em todas as pess.] [F.: do lat. vulg. plovere,]	3.Fig. Cair, sobrevir. [C.: 2 (ô-ô). Impess., conjugado, na 1ª acepç.; só na 3ª pess. sing.; em sentido fig., porém, pode-se conjugar nas demais pess.]	vapor de água contido na atmosfera/ XIII <i>chuvia</i> XIII etc./ Do lat. <i>plūva</i> .		
30	chular (LS)	chulá	vi. Regionalismo: Moçambique. viver à custa de alguém s.f. 1Uso: pejorativo. mulher ordinária, de vida fácil. 2 Regionalismo: Portugal. mulher de chulo. 3 Rubrica: dança, música. dança popular do Norte de Portugal, de andamento vagaroso, com canto acompanhado por rabecas, violas, guitarras e percussão. 4 Rubrica: música. Regionalismo: Nordeste do Brasil. canto seresteiro ou de salão. 5 Rubrica: dança, música. Regionalismo: Rio Grande do Sul. dança agitada de homens, acompanhada de canto, e que consta de sapateado e evoluções ao redor de uma lança fincada no chão.	chula s.f. 1 Mús. Folc. Dança e música popular de origem portuguesa, ger. lenta e acompanhada de rabeca, viola ou guitarra e percussão 2 Gênero de música que acompanha a capoeira 3 N.E. Mús. Folc. Canção e dança de ritmo bem marcado, de origem ou influência africana, ligada ao lundu, típica de serestas e festas ao ar livre 4 RS Folc. Dança masculina, ger. vigorosa e rápida, com sapateado e ao modo de desafio, com cada parceiro devendo repetir a dança do anterior e acrescentar novos passos. 5 Mulher grosseira, ordinária, de comportamento reprovável. [F.: fem. substv. de chulo. Hom./Par.: chula (s.f.), chula (a.f.)]	chula s. f. Espécie de dança e música popular de origem portuguesa.	chula Com esse nome tivemos, no Brasil, canto e dança, independentes. Melo Moraes Filho descreveu-a, no Rio de Janeiro, em meados do século XIX. Guilherme Melo citou-a na Bahia. Pelo Nordeste tradicional, de Sergipe ao Piauí, a Chula era cantada ao violão, buliçosa, lasciva. No Rio Grande do Sul, a Chula se apresenta com uma coreografia que só os homens executam: com sapateado e outras evoluções em torno ou sobre uma lança, no chão. Mesmo sendo improvisada, a coreografia mais elaborada, de movimentos mais complexos, desperta aplausos entusiasmados do público.	chulá Dançar, pular, fazer festa	
31	contramestre (LC)	contra-mestre	s.m. 1 profissional qualificado que dirige operários ou outros trabalhadores numa oficina, numa seção de fábrica, num	con.tra.mes.tre s.m. 1 Profissional encarregado de chefiar um grupo de trabalhadores (contramestre de obra) 2 Mar. Substituto do	con.tra.mes.tre s.m. O responsável por uma equipe ou determinado serviço (numa fábrica, oficina, etc.).	Ø	Ø	contra-mestre aquele que ocupa o lugar do mestre na falta dele

32	Divino (LS)	Divino	canteiro de obras etc. 2 Rub.: termo jurídico, termo de marinha. pessoa que substitui o capitão no comando de um navio. 3 Rub.: termo de marinha. sargento encarregado das faíscas marinheiras do convés. 4 Rubrica: música. violeiro cantador que faz a segunda voz ('parte').	capitão no comando de um navio 3 Mar. Suboficial encarregado dos trabalhos marinheiros a bordo 4 Bras. Mús. Violeiro cantador que faz a segunda voz [F.: contra - + mestre]	di.vi.no adj. 1 Ref. a, de ou próprio de Deus ou de divindade (3, 4) (mandamentos divinos; misericórdia divina); DIVINAL 2 Ref. ao culto a Deus, ou a culto religioso (serviço divino) 3 Excelente, maravilhoso, divino, sublime: um coral de vozes divinas: Seu jantar estava divino! 4 Muito bonito, lindo (dia divino) s.m. 5 Bras. Rel. Nome do Espírito Santo, em certas festas populares [Nesta acp., com inicial maiúsc.] [F.: Do lat. divínus.]	di.vi.no adj. Pertencente a Deus; proveniente de Deus: a misericórdia divina. / Fam. Sublime, perfeito, maravilhoso. s.m. Bras. Nome do Espírito Santo, empregado principalmente na festa de Pentecostes e em outras celebrações populares: a festa do Divino.	di.vi.no adj. 'que diz respeito a Deus, sublime, sobrenatural, perfeito, encanador' XV. Do latim divínus, de divus.	di.vi.no s.m. Festa religiosa, em Portugal, estabelecida nas primeiras décadas do século XIV pela rainha Dona Isabel (1271-1336), casada com o rei Dom Diniz de Portugal (1261-1325). Começou pela construção da Igreja do espírito santo em Alenquer... Devoção rapidamente propagada, tornou-se uma das mais intensas e populares, já regulamentada no Código Afonso. Foi trazida para o Brasil no século XVI...A Folia constitui-se de músicos e cantores, com a Bandeira do Divino, ilustrada pela pomba simbólica, recepcionada devotionalmente por toda a parte...	Divino Sagrado; que é de Deus
----	-------------	--------	--	--	--	--	---	--	---

33	embora (LS)	s'imbora	Obs.: Inicial maiúsc. 4.1 o culto do Divino em.bo.ra adv. 1 em boa hora 2 exprime idéia de retirada conj. 3 conjunção concessiva enquanto, mesmo que, apesar de que, ainda que	em.bo.ra conj.conces. 1 Ainda que; posto que; apesar de que: Embora soubesse do perigo, não tomou precauções [Pode ser intensificado por ' muito': Muito embora soubesse do perigo, não se precaveu.] adv. 2 Expressa ideia de partida, afastamento: "Vou-me embora p'ra Pasárgada!" (Manuel Bandeira, Antologia) 3 Antq. Em boa hora interf. 4 Seja assim; não me importa [F.: Contr. de em boa hora.]	em.bo.ra conj. indica oposição, concessão, ou ausência de condição; ainda que, se bem que, não obstante. / Partícula expletiva de conotação adverbial, quando se junta ao verbo.	em.bo.ra adv. 'em boa hora', conj. 'ainda que'/XVI, embora XV/De em boa hora.	s'imbora que mostra a hora de ir embora.
34	escuro (LS)	escuro	es.cu.ro adj. 1 em que não há luz; que tem pouca ou nenhuma claridade. 2 que tem cor negra ou tonalidade tirante a negro. 3 Deriv: sent fig. que é ou se apresenta triste, melancólico. 4 Deriv: sent fig. cercado de mistério ou de suspeita; escuso. 5 Derivação: sentido fig. que não tem clareza, inteligibilidade. 6 Deriv.: sent. Fig.. que é sombrio, tenebroso. 7 Deriv.: sent. fig. que só pode ser percebido com dificuldade; que tem pouca ou nenhuma sonoridade. adj. e s.m. 8 diz-se de ou indivíduo negro, mulato ou amulatado. s.m. 9 lugar sem luz ou de pouca luz.	es.cu.ro adj. 1 Que não é claro; que tem pouca ou nenhuma luz, claridade (ambiente escuro). 2 Que tem cor fortemente cinza ou de tonalidade próxima do preto 3 Bras. Diz-se de pessoa negra ou de tez muito amorenada. 4 Fig. Que é misterioso, que parece muito suspeito; OBSCURO 5 Sem clareza, inteligibilidade; CONFUSO: OBSCURO 6 Fig. Difícil de ouvir, quase inaudível 7 Fig. Triste, sombrio, melancólico, monótono s.m. 8 Lugar com pouca ou nenhuma luz. 9 Pop. Pessoa de pele escura, preta ou quase preta 10 Fig. Lugar ou situação onde não há liberdade de opinião [F.: Do lat. obscurus.]	es.cu.ro adj. 1.Falta de luz; pouco claro. 2.Trante a negro. 3.Fig. Misterioso, escuso. s.m. 4.Escuridão (2).	es.cu.ro adj. 1.Falta de luz; pouco claro. 2.Trante a negro. 3.Fig. Misterioso, escuso. s.m. 4.Escuridão (2).	escuro Chá de folhas verdes

35	fidalguia (LS)	fidalguia	Ø	fi.dal.gui.a s.f. 1 Característica, qualidade, modos ou ação de fidalgo. 2 Soc. Grupo social constituído pelos fidalgos; a classe dos fidalgos; FIDALGARIA; ARISTOCRACIA; NOBREZA. 3 Generosidade, nobreza de caráter e de comportamento. [Antón.: mesquinhez.] [F.: fidalgo + -iat.]	fi.dal.gui.a s.f. 1.Qualidade ou ação de fidalgo. 2.A classe dos fidalgos.	fi.dal.go s.m. 'indivíduo que tem título de nobreza' <i>filho d'algo</i> XIII/ De FILHO + DE + ALGO (< <i>filho dalgo</i> > fidalgo > fidalgo)	Ø	fidalgui.a Realeza, nobreza
36	filho do Guiné (LC)	fio do guiné	fi. lho s.m. 1 Descendente do sexo masculino em relação a seus genitores; aqueles que o geraram; REBENTO. 2 Etnog. Descendente de certo grupo: os filhos de Israel. 3 Fig. Originário ou oriundo de certo local 4 Indivíduo em relação a Deus ou a quem ou o quê o educou ou influenciou 5 Rel. No cristianismo, o segundo componente da Santíssima Trindade; Jesus Cristo. [Nesta acp. com inicial maiúsc.] 6 Fig. Expressão de carinho. [Dim.: filhote] [F.: Do lat. <i>filius</i>,<i>fili</i>.]	filho s.m. 1.Pessoa do sexo masculino, em relação aos pais. 2.Descendente. 3.Aquele que é procedente (de alguma terra, região, etc.). 4.Ser humano, em relação a Deus, a quem o educou, etc. Adj. 5.Procedente, resultante. gui.né s.f. 1 Bras. Bot. Planta da família das filoláceas; erva-pipi; tipu; tipuana; 2 Bras. PE Zool. V. galinha-d'angola.	fi. lho -a s.m -f. 'indivíduo em relação aos pais, descendente' XIII. Do lat. <i>filius filia</i>	Ø	fio do guiné Negro, escravo.	

37	flechar (LS)	flecho	adj. e s.m. m.q. guineano fle.char vtd. 1 ferir por meio de flecha. 2 Derivação: sentido figurado, magoar ou satirizar com palavras duras, cruéis; ferir, ironizar. vi. 3 despedir flechas vtd. 4 ajustar, colocar a flecha em (arco), para atirá-la. vtd. e i. 5 atravessar velozmente, dirigir-se rapidamente para; varar, correr, investir. vi. 6 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. sentir vergonha; encabular-se.	fle.char vtd. 1Atingir com flecha. 2Atirar flecha 3Fig. Ridicularizar com palavras cruéis ou irônicas; ferir. 4Mover-se velozmente, como uma flecha. 5Fig. Ferir, magoar.	fle.char vtd. 1 Ferir com flecha. 2 Fig. Magoar. vtc. 3 Correr em direção.	fle.char v. → fle.cha fle.cha s.f. 'arma de arremesso que consta de uma haste pontiaguda' 'seta' / <i>fre- XV</i> / do fr. <i>flèche</i> , de origem germânica	Ø	flecho Uso bem um instrumento utilizado pelos índios para caçar e pescar (a flecha)
38	flor (LS)	fulô	flor (ô) s.f. 1 estrutura reprodutiva das angiospermas que, quando completa, é constituída por cálice, corola, androceu (estames) e gineceu (pistilos) e, quando incompleta, deve apresentar, no mínimo, um estame ou um pistilo. Obs.: cf. <i>estróbilo</i> 2 Derivação: por extensão de sentido. desig. comum a qualquer planta cultivada como ornamental por suas flores. 3 fig o que há de melhor, mais bonito, mais livre de impurezas, mais nobre. 3.1 Derivação: sentido figurado. a parte mais fina, mais apurada de uma substância. 3.2 Derivação: sentido figurado, o que há de melhor, ou mais representativo; elite, nata. 3.3 Derivação: sentido figurado. pessoa que se sobressai. 3.4 Derivação:	flor (ô) s.f. 1 Bot. Órgão reprodutor das angiospermas, ger. com cores vivas e odor agradável, constituído por dois conjuntos de folhas (cálice e corola) que protegem as estruturas masculinas (androceu) e/ou femininas (gineceu); uma flor pode ser hermafrodita ou unissexual.N 2 Bot. Qualquer planta cultivada por suas flores (1). 3 Fig. A parte mais apreciada de um todo 4 Fig. Conjunto formado pelos mais talentosos, destacados ou importantes de um grupo 5 Fig. Estado ou condição do que possui viço, frescor: 6 Fig. Pessoa delicada, afável: A nova síndica é uma flor 7 A superfície externa do couro, oposta ao carnal 8 Bolor que se forma na superfície de vinho, cerveja etc. quando em contato com o	flor (ô) s.f. 1.Bot. O órgão reprodutor das angiospermas, e que, ger., tem cores vivas e cheiro agradável. 2.Planta que dá flores. 3.A parte mais fina de uma substância. 4.A superfície exterior do couro. 5.Elite, escol. 6.Pessoa bela e/ou boa.	flor s.f. 'órgão de reprodução das plantas fanerogâmicas' /XIII, <i>flor</i> /XIII/ Do lat. <i>flōs-ōris</i>	flor s.f. Nas tradições populares a flor tem, geralmente, uso medicamentoso. Como elemento decorativo pessoal, sempre foi pouco empregada pelo sexo masculino; pelo feminino tem significação amorosa e intencionalmente simbólica. É de ordem européia. O Conde Francis de Castelnau, visitando Barbacena, em 1843, anotou: "As mulheres, que deviam ter razões particulares para não escrever, têm o costume de se corresponderem por meio de flores, que mutuamente se enviam". (<i>Expedição às Regiões Centrais da América do Sul</i> , Brasileira, São	fulô flor.

39	fogo (LS)	fogo	fo.go s.m. 1 fenômeno que consiste no desprendimento de calor e luz produzidos pela combustão de um corpo; lume cuspidor pelas chaminés 2 grande chama; língua de fogo; labareda 3 m.q. <i>fogaréu</i> ('material')	fo.go [ô] sm. 1 Calor, luz e chama resultantes da combustão de matéria inflamável: LUME. 2 Labareda, língua de fogo 3 Fogaréu, fogueira: As festas juninas são em torno do fogo 4 Fogão, lareira	fo.go [ô] sm. Desenvolvimento simultâneo de calor, de luz e de chama produzido pela combustão viva de certos corpos, como a madeira, o carvão etc. / Fogueira, incêndio, labareda, lume. / Fogão ou lugar onde se cozinha ou se faz fogo	fo.go s.m. 'desenvolvimento simultâneo de calor e luz produzido pela combustão de certos corpos', 'lume, incêndio' XIII. Do latim focus.	fo.go s.m. Portugueses, africanos e ameríndios tiveram o culto do fogo ou sua veneração pelo caráter utilitário...	Fogo Bala de revólver, de arma de fogo	Paulo, 1949.) Muito já se escreveu sobre a linguagem das flores.
			ar 9 Quím. Substância sólida ou volátil produzida pela sublimação ou pela decomposição [F.: Do lat. fibs -oris.] A flor é, na verdade, o suporte dos órgãos de reprodução de certas plantas. Em algumas dessas plantas cada flor contém tanto os órgãos masculinos quanto os femininos (bissexuais); em outras, há flores com os órgãos masculinos e outras flores com os órgãos femininos (flores unissexuais), e há também plantas em que as flores unissexuais masculinas estão num pé e as femininas estão em outro. Uma flor completa compreende a haste, ou cabo, o perianto (a parte mais vistosa, mas estéril) e, no interior deste, os órgãos de reprodução. Independentemente de sua importância funcional, a flor se destaca por sua beleza, seu colorido e seu perfume, o que faz dela um valorizado e requisitado produto, e de seu cultivo e comercialização uma atividade econômica.						

40	fome de cachorro (LC)			navegantes 19 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. bebedeira, pileque, camoeira 20 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. aguardente de cana; cachaça	fo.me s.f. 1 sensação que traduz desejo de comer 1.1 carência alimentar, subalimentação 1.2 Derivação: por extensão de sentido. escassez, miséria viveres; miséria 2 Derivação: sentido figurado. necessidade ou desejo intenso de adquirir algo; sofreguidão, avidez, ambição 3 Derivação: por extensão de sentido. apetite sexual; desejo carnal	fo.me s.f. 1 Necessidade, desejo de comer: Ao meio-dia todos já estão com fome. 2 Falta de alimento: A fome ainda é um problema mundial. 3 Escassez, miséria, penúria (salário de fome). 4 Fig. Vontade intensa; AVIDEZ.: fome de ganhar dinheiro; fome de (jogar) bola. [F.: Do lat. fames, is.] Fome canina 1 Pop. Muita fome, muito apetite. 2 Bulimia. Fome de lobo 1 Ver Fome canina. Apanhar fome 1 Moç. Ter fome. Enganar a fome 1 Comer um pouco, ou algo leve, para atenuar a sensação de fome. Fome de 1 Fig. Vontade de, desejo intenso de, ambição de: Em sua fome de glória, ignorou a ética e sacrificou amizades. Juntar(-se) a fome com a	fo.me s.f. 'grande apetite de comer', fig. 'avidez'/ XIV, <i>fame</i> XIII/Do latim <i>fames</i> .	Ø	fome de cachorro muita fome; faminto
----	-----------------------	--	--	---	--	---	--	---	---

				vontade de comer 1 Associar numa formulação única interesses, vontades, solicitações etc. de pessoas diferentes. Matar a fome 1 Bras. Alimentar-se para aplacar a fome. Morrer de fome 1 Fig. Estar com muita fome.	ga.jei.ro s.m. 1 Marinheiro encarregado de vigiar no cesto da gávea as embarcações ou a terra 2 Que tem agilidade em escalar, que trepa ou sobe com facilidade [F.: Posv. do antigo gage 'prenda, gratificação' (&lt; do fr. gage 'penhor, salário' &lt;frâncico 'wadd i) + -eiro.]	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	Gajeiro Marinheiro da marujada
41	gajeiro (LS)	gajeiro	ga.jei.ro s.m. . (c1538 JCasG 156) MAR <i>ant.</i> 1 marinheiro a quem se confia o serviço de um mastro, suas velas e vergas e respectivo aparelho □ <i>adj.</i> 2 que escala bem, que sobe com facilidade, agilmente □ ETIM orig.obsc.; f.hist. c1538 <i>gajeiro</i>, 1540 <i>gajeiro</i>	ga.jei.ro s.m. 1 Marinheiro encarregado de vigiar no cesto da gávea as embarcações ou a terra 2 Que tem agilidade em escalar, que trepa ou sobe com facilidade [F.: Posv. do antigo gage 'prenda, gratificação' (&lt; do fr. gage 'penhor, salário' &lt;frâncico 'wadd i) + -eiro.]	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	ga.jei.ro s.m. 1 Marinh. Nos navios á vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam, e a quem outrora competia, ainda, subir no cesto da gávea, nas proximidades de terra, a fim de procurar avistá-la antes dos demais elementos da tripulação. adj. 2 Quem tem agilidade para subir ou trepar.	Gajeiro Marinheiro da marujada		
42	garupa (LS)	garupa	ga.ru.pa s.f. (1652 cf. AVFurt) 1 a parte superior do corpo dos equídeos, desde o lombo até os quartos traseiros 1.1 a anca dos quadrúpedes 2 <i>p.ext.</i> mala ou malote que se leva atrás da sela de montaria 3 <i>p.met.</i> cada uma das correias us. para atar essa mala ou esse malote 4 <i>p.ana.</i> lugar atrás do assento de bicicleta, motocicleta etc. salvar de um perigo no último instante □ ETIM frânc.*<i>kruppa</i> 'massa arredondada' (fr. <i>croupe</i>, provç. <i>crope</i>, it.	ga.ru.pa s.f. 1 A parte do dorso de cavalos, burros etc. que vai do lombo aos quartos traseiros; ANCA. 2 <i>P.ext.</i> A parte de uma bicicleta ou motocicleta localizada atrás do assento do motorista 3 Mala ou malote que se carrega atrás da sela de montaria 4 Correia que amarra essa mala ou malote [F.: Do frâncico <i>kruppa</i>] Ir de/na garupa 1 Ir montado atrás do	ga.ru.pa s.f. A parte superior do corpo das cavalgadas que vai do lombo à anca.	ga.ru.pa s.f. A parte superior do corpo das cavalgadas que vai do lombo à anca.	Garupa "Popa" de animal, de cavalo			

43	gente que vem de Lisboa (LC)	gente que vem de Lisboa	gropa, esp. <i>glu/rupa</i> ; ver <i>grup-</i>	gente s.f. (sXIII cf. Fich1VPM) 1 multidão de pessoas; povo 2 os habitantes de uma região, país etc.; povo 3 o género humano; a humanidade 4 número indeterminado de pessoas 5 B grupo de pessoas que têm o mesmo perfil, interesses, profissão etc. 6 B a família 7 B grupo de pessoas a serviço de outrem; cidadagem, serviços; bando 8 B grupo de seguidores de uma ideia, de uma facção ou causa política 9 pessoa que se impõe ao respeito de outrem 10 MIL força armada ETIM lat. <i>gens, gentis</i> 'grupo familiar, clã, a casa em sua totalidade, família, povo, raça, geração, prole; (pl.) estrangeiros, bárbaros (com relação aos romanos); pagãos, gentios, idólatras (por oposição aos judeus e aos cristãos)'; ver <i>gent-</i> ; f.hist. 1873 <i>gente</i> □ COL gentama, gentarada, gentiaga ETIM lat. <i>gens, gentis</i> 'grupo familiar, clã, a casa em sua totalidade, família, povo, raça, geração, prole; (pl.) estrangeiros, bárbaros (com relação aos romanos); pagãos, gentios, idólatras (por oposição aos judeus e aos cristãos)'; ver <i>gent-</i> ;	gente s.f. 1 O género humano 2 Ser humano por oposição a um ser de outra espécie 3 Pop. Pessoa importante 4 Multidão de pessoas; POVO 5 Bras. Conjunto dos habitantes de um país, região, estado etc. 6 Quantidade indeterminada de pessoas 7 Bras. Pessoa a serviço de outra ou protegida desta 8 Bras. A família [F.: Do lat. <i>gens, gentis</i> .] vir v. 1 Transportar-se (algo ou alguém) de um lugar para aquele onde está a pessoa que fala [int.: Venha e traga seus filhos. Antón.: ir.] 2 Ir-se movendo por um caminho (em direção a ou até um lugar) 3 Chegar para ficar algum tempo 4 Alcançar o fim de um caminho; CHEGAR. 5 Chegar a certo limite de altura, comprimento ou extensão 6 Chegar junto aos poucos 7 Fazer-se presente; COMPARECER. 8 Ser proveniente de (algum lugar); PROVIR . 9 Ter como causa: ADVIR ; PROCEDER ; 10 Voltar ao lugar de onde saiu; REGRESSAR ; RETORNAR 11 Ter como origem; derivar de 12 Estar	gente s.f. 1.Quantidade de pessoas indeterminadas: povo. 2.Grupo de pessoas que têm certas características, ou profissão, ou interesses, em comum. 3.O ser humano. 4.População. A gente. A(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós. [Us. com o verbo na 3ª pess.] que ¹ pron.inter. 1.Que espécie de. 2.Que coisa(s). Pron excl. 3.Que espécie ou feito de, etc. vir vtc. 1.Transportar-se, mover-se, dum lugar para aquele onde estamos). 2.Regressar, voltar. 3.Proceder, provir. v t i. 4.Vir (3). 5.Derivar: A palavra amor vem do latim amore. 6.Afluir, concorrer. 7.Ocorrer, chegar. 8.Ser trazido; transportar-se. v i. 9.Vir (1). 10.Caminhar, andar. 11.Audir. 12.Chegar (certo tempo ou ocasião). 13.Comparecer. [C.: 36] Lis.bo.a	gente s.f. 'quantidade de pessoas, família''alguém de importância' XIII. Do lat. <i>gens gentis</i>	Ø	gente que vem de Lisboa Portugueses
----	------------------------------	-------------------------	--	--	--	---	--	---	--

				reverterar com o sucesso de quem lá se apresentou, discursou etc. (teatro, cinema, casa de espetáculo, assembleia etc.)	guer.re.ar v. 1 Fazer guerra a; COMBATER 2 Opor-se a, hostilizar [F.: guerra + -ear2.]				
44	guerrear (LS)	guerrear	guerrear v. (sXIV cf. FichlVPM) 1 <i>t.d.int.</i> travar guerra (com), fazer guerra (a), combater 2 <i>t.d.</i> opor-se a; hostilizar 3 <i>t.d.</i> ir ao encalço de; perseguir □ GRAM a respeito da conj. deste verbo, ver -ear □ ETIM guerra + -ear, ver <i>guer-</i> □ SINVAR ver sinonímia de <i>lutar</i>		guer.re.ar vid. 1.Fazer guerra a; combater. <i>vi.</i> 2. <i>Disputar (com alguém), ou bater-se (por ou contra algo), vi.</i> 3.Fazer guerra, combater.	Ø	Ø		guerrear lutar, brigar.
45	jogar (LS)	joguemo	jo.gar v. (sXIII cf. FichlVPM) 1 <i>t.d.int.</i> divertir-se, entreter-se com um jogo qualquer 2 <i>t.d.int.</i> praticar (desporto, ger. de equipe) 3 <i>t.d.int.</i> praticar um jogo de azar (cartas, dados, roleta etc.), apostando dinheiro ou valores, ou não 4 <i>t.d.t.i.</i> apostar (algo) em jogo de azar 5 <i>t.i.bit.</i> apostar num determinado número, nos jogos de azar como a roleta, ou num animal, no jogo do bicho etc. 5.1 <i>t.d.</i> perder (algo) em jogo de azar 6 <i>int.</i> ter o vício do jogo 7 <i>t.d.int.</i> <i>p.meff.</i> expor à sorte; aventurar, arriscar 8 <i>int.</i> <i>p.ana.</i> fazer opção, marcar preferência; investir, apostar 9 <i>t.i.</i> usar habilmente, tirar partido; basear-se 10 <i>t.d.</i> manejar com destreza ou segundo as regras; lutar 11 <i>t.d.int.</i> mover(-se) alternadamente de um para	jo.gar v. 1 Participar de jogo ou partida (de); praticar (jogo ou esporte), profissionalmente ou como entretenimento. 2 Participar de (jogos de azar), ger. apresentando um comportamento viciado. 3 Fazer apostas ou ter o vício de apostar (em jogos de azar) 4 Fig. Aventurar, arriscar temerariamente, expor à sorte (dinheiro, bens etc.). 5 Atrair, arremessar 6 Empurrar (algo ou alguém), ou saltar, pular, lançar-se. 7 Manejar com destreza ou conforme as regras. 8 Balançar, como aceno ou coreografia 9 Balançar-se, agitar-se, oscilar. 10 Ter como escolha; optar por; investir. 11 Dar destaque a; servir-se de. 12 Utilizar ou combinar (ger. com propósito artístico). 13 Estar em harmonia;	jo.gar vid. 1.Tomar parte no jogo de. 2.Arriscar ao jogo. 3.Arremessar, atrair. 4.Ser praticante de (esporte). 5.Fazer mover-se de um lado para o outro. 6.Dizer de modo repentino. <i>vt.d e i.</i> 7. <i>Jogar. 8.Instigar, açular. T.i.</i> 9. <i>Disputar partida.</i> 10.Fazer apostas em jogo. <i>v i.</i> 11.Ter o hábito ou vício do jogo. 12. Oscilar, balançar-se. <i>v. pron.</i> 3.Atrair-se, lançar-se.	jo.go s.m. A expressão popular compreende apenas o jogo de cartas, de gamão, truco, etc. Como sinónimo de brincadeira infantil, jogo ginástico, motor (amarelinha, por exemplo), é de recente divulgação pedagógica. Duarte Nunes de Leão já registra essa mudança de significação: "E como na palavra <i>jogo</i> , que, querendo dizer, em latim, somente graça ou galanteria de palavras, a confundimos na significação da palavra <i>ludus</i> . E dizemos jogo de cartas, de bola, e todas as más maneiras de jogos". Os mais antigos jogos de baralhos são a bisca, o truque, a espadilha, a sueca, o <i>lasquinê</i> (lansquenete), o	Ø	jo.go s.m. 'brinquedo, divertimento, passatempo sujeito a regras' série de coisas que forma um todo ou coleção' XIII. Do lat. <i>Jocus</i> <i>jocos</i> . IDADE 1813 <i>jocos</i> XVI. DO lat. <i>Jocosus</i> <i>jog</i> ADA 1858 <i>jog</i> ADOR XIII <i>jog</i> AR' XIII, ju- XIII Do lat. <i>Jocare</i> , por <i>jocari</i> <i>jogat</i> INA 1881. De <i>jog</i> atar, var. de <i>joguetar</i> <i>jog</i> ral sm. 'na Idade Média, trovador ou interprete de poemas e canções de caráter épico, romântico ou dramático' XII, -grar XIII, <i>jugal</i> XIII etc. Do lat. <i>jocularis</i> 'divertido, faceto, risível' <i>jog</i> ralESA <i>jog</i> raresa XIV <i>jog</i> ralISA <i>iog</i> laria ZIV <i>jog</i> UET . AR -getar' XIII, -gatar' XVI <i>jog</i> UETE XIV. Do cast. <i>Juguete</i> .	joguemo jogamos.

46	levar o ferro (LC)	leva o ferro	ferro s.m. (1136 cf. JN ⁶) 1 QUIM elemento químico de número	ferro s.m. 1 Quim. Elemento, de número atômico 26, metálico,	fer.ro s.m. 1.Quim. Elemento de número atômico 26, metálico, branco-	le.var v. . 'transportar, retirar, afastar, induzir, tirar, roubar. XlII. Do	Ø	levar o ferro Dá-se mal
			outro lado; agitar(-se); oscilar 12 int. MAR m.q. balançar 13 int. realizar movimentos; trabalhar; mover-se; funcionar 14 t.d.bit. deslocar (algo) pelo ar (até determinado ponto), usando força muscular ou alguma arma; atirar; arremessar, disparar 15 pron. deixar-se cair; saltar; pular 16 t.i.bit. juntar(-se) harmonicamente; ajustar(- se); combinar(-se) □ ETIM lat. <i>joco,as,avi, átum,áre</i> , que suplantou, no vulg., o v.dep. <i>jocor,áris,átus</i> <i>sum,ári</i> 'gracejar, apodar, mofar, zombar; simular, brincar', com acréscimo, no românico, de 'azar, sorte e o aleatório'; no sXIII o port.esp. <i>jogar</i> alternou com <i>jugar</i> , prevalecendo a primeira forma no port. e a segunda no esp.; ver <i>jog-</i> ; f.hist. sXV <i>jogand</i> , sXIII <i>jogaron</i> , sXIII <i>jogavan</i> , sXIV <i>jugar</i> , sXV <i>jogar</i> , sXV <i>jogavees</i> , sXV <i>jugase</i> □ SIN/VAR ver sinonímia de <i>atirar</i> □ HOM <i>jogue</i> (1 ^a 3 ^a p.s.), <i>jogues</i> (2 ^a p.s.)// <i>jogue</i> (adj.2g.s.2g.) e pl.; <i>jogo</i> (1 ^a p.s.) / <i>jogo</i> / <i>ô</i> / (s.m.); <i>joga</i> (3 ^a p.s.), <i>jogas</i> (2 ^a p.s.)// <i>joga</i> (s.f.) e pl. □ PAR <i>jugar</i> (vários tempos do v.); <i>jogada</i> (f.part.)// <i>jugada</i> (fl.jugar e s.f.); jogado (part.)// <i>jogado</i> (fl.jugar e s.m.)	combinar-se; condizer. 14 Funcionar, mover-se. [F.: Do lat. <i>joco</i> , as, <i>avi</i> , atúm, are. Hom./Par.: <i>jogue</i> (s) (fl.), <i>jogue</i> (s) (a2g.s2g.[pl.]); <i>jogo</i> (fl.), <i>jogo</i> (sm.); <i>joga</i> (s) (fl.), <i>joga</i> (s) (sf.[pl.]); <i>jogar</i> , <i>jugar</i> (em várias fl.)]			quatro-réis, o revezinho, modalidade do farol, e no século XIX o bacará e os populares trinta-e-um, sete—melo, abafo, marimbo, tunfo, sete- em-porta e palmeira (no Rio Grande do Sul) etc. Foi o divertimento colonial de todas as classes sociais, e diziam em Portugal "roupas de jogo", valendo as mais vistosas e bonitas, dignas da função.	

			alômetro 26 (símb.:Fe) [Metal abundantemente produzido na natureza e de utilização muito diversificada, p.ex., na construção de edifícios, pontes, estruturas metálicas em geral, em máquinas e veículos de todos os tipos, tb. em ferramentas etc.] 2 <i>p.met.</i> designação genérica para diversos utensílios ou instrumentos cujo material é feito de uma composição desse metal 3 <i>p.ara.</i> qualquer peça metálica 4 a parte cortante e/ou perfurante de certos apetrechos 5 m.q. ferrete ('instrumento') 6 <i>p.met.</i> o sinal (ou a marca) deixado no couro ou na pele por esse instrumento 7 MAR m.q. âncora 8 <i>B infirm.</i> aguardente de cana; cachaaça 9 <i>infirm.</i> aborrecimento, amolação 10 <i>infirm.</i> cr. m.q. dinheiro 11 <i>B tab.</i> o órgão sexual masculino 12 AGR STP peça curva de metal que se fixa na extremidade de uma vara de cerca de 2 m, us. para arrancar frutos das árvores (p.ex., nos cacauais); gancho 13 GAR <i>BA infirm.</i> limonita em blocos e seixos de tamanho variável 14 MUS MA na Casa das Minas, denominação do agogô comum; ogã, gã 15 TAUR m.q. bandarilha ▯ ferros s.m.pl. 16 duas argolas interligadas, para prender alguém pelos pulsos ou pelos tornozelos; algemas, grilhões 17 <i>p.ext.</i> casa de detenção; cadeia, prisão, cárcere 18 par de hastes que giram em torno	branco-acinzentado, duro, tenaz, reativo, que forma ligas com diversas aplicações [Símb.: Fe.] 2 Metal. Metal cinza ou preto, maleável, facilmente oxidável, cuja principal liga é o aço 3 Designação de instrumentos, utensílios, artefatos, ferramentas, compostos, entre outras coisas, desse metal (ferro de passar) 4 Bras. Gir. Arma de fogo, esp. a de pequeno calibre 5 A parte perfurante ou cortante de certas ferramentas 6 O mesmo que ferrete (2 e 3) 7 Marca ou sinal feito com ferrete 8 Gir. Dinheiro 9 Bras. Tabu. O pênis [F.: Do lat. ferrum, i. Hom./Par.: ferro (sm.), ferro (fl. de ferrar).] le.var fer.ro 1 Pop. Dar-se mal, ser malsucedido. 2 Tabu. Ter (ger. a mulher) relações sexuais Malhar em ferro frio 1 Fig. Perder tempo em esforço inútil. Não ser de ferro 1 Não ser insensível ou indiferente a algo Tomar ferro 1 Fig. Pop. Frustrar-se, sofrer decepção, dar-se mal. .. Conhecido desde a pré-história, sendo inclusive referência para uma das eras históricas (a Idade do Ferro), é a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, que o ferro ganhou importância econômica fundamental, como insumo	acinzentado, duro, que forma ligas, como o aço, de aplicações importantes, e tem muitos empregos na indústria e na arte [símb.: Fe]. 2.Instrumento feito de ferro, ou apenas a parte cortante e/ou perfurante desse instrumento.3.Utensílio doméstico de base achatada, ger. elétrico, e que, aquecido, é us. para alisar roupas. 4.Ferramenta de certas artes ou ofícios. le.var fer.ro. Ser malsucedido em (alguma coisa); levar chumbo.	lat. Levare ▯ e]Enlevar XIV ▯ Enlevo 1881. Deverbal de enlevar ▯ leva¹ sf. 'ato de levantar, manejo de lança' XV ▯ leva² sf. 'magote, circunscção militar' XVII. Do it. <i>Leva</i>, de <i>levare</i> ▯ levad . IÇO XVI ▯ levad . IO XVI ▯ levado XVI ▯ levedar XVI. De <i>lêvedo</i> ▯ lêvedo XVI. Do lat. *<i>levitus</i>, part. Pass. De <i>levare</i> 'erguer, lvar' ▯ levedura XVI. Cp. LEVANTAR, LEVE. fer.ro s.m. 'metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte' XIII. Do latim <i>ferrum-i</i>.	
--	--	--	---	---	---	---	--

47	lira (LS)	lira	de um eixo, à guisa de tesoura, e cujas extremidades, de forma variável, servem para agarrar e/ou arrancar qualquer corpo 19 <i>infrm.</i> conjunto de instrumentos cirúrgicos 20 ENC instrumentos (filetes, rodas e punções) com que o dourador estampa os ornatos da capa e do dorso dos livros us. para alisar a roupa por meio de calor; ferro de engomar [Originalmente aquecido na chapa quente ou por meio de carvão em brasa, depois passou a funcionar a eletricidade.] □ levantar ou levar f. MAR 1 içar a âncora; levantar ou levar âncora 2 <i>fig. p.ext.</i> partir em viagem por mar □ levar f. 1 MAR m.q. levantar ferro 2 <i>fig. infrm.</i> ser mal sucedido em alguma coisa 3 <i>B tab.</i> manter relações sexuais (esp. a mulher) □ ter ou tomar f. <i>fig. infrm.</i> sofrer decepção ou aborrecimento; desiludir-se □ GRAM na acp. quim, esta pal. ordinariamente não se empr. no pl. □ ETIM lat. <i>ferum</i>/ferro (metal); ver <i>ferr(i)o</i>-	obrigatório da indústria siderúrgica e da indústria geral. Entra em diversas ligas (com manganês, silício, cromo etc.) mas é com o carbono que o ferro vai constituir o aço, em diversos formatos. O Brasil tem a segunda maior reserva de minério de ferro do mundo.	Ø	li.ra s.f. 1 Mus. Antigo instrumento de cordas, em forma de U.N 2 Fig. Inspiração poética: "...o poeta não sente necessidade de acomodar sua lira ao ritmo da arte circundante..." (Wilson Castelo Branco, "Lira dos cinquentaos - Nota preliminar" in Manuel	li.ra s.f. 'instrumento musical de corda usado na Grécia antiga, como formato de U', fig. Estro poético, constelação do norte' XV. Do lat. <i>Lyra</i>, deriv. Do Gr. <i>lyra</i>.		Lira É de música, de tocar música; instrumento
----	-----------	------	---	--	---	---	---	--	---

			tem direito ou que se deseja 2 <i>t.d.</i> usufruir (algo) que se conquistou; gozar, desfrutar 3 <i>t.d.</i> e <i>pron.</i> tirar proveito ou satisfação; aproveitar(-se) 4 <i>int.</i> surtir efeito, ter o resultado esperado 5 <i>t.d.</i> enganar (alguém) através de artimanhas; iludir, burlar 6 <i>pron. p.us.</i> render, aumentar ETIM lat. <i>lucror,áris,átus sum,ári</i> 'ganhar, obter vantagem, tirar proveito de'; var. pop. divg. da var. erud. <i>lucrar</i> , na f. pop. <i>lograr</i> a noção de 'ganhar, obter vantagem' desloca-se do agente para o meio ou instrumento de enganar o paciente a fim de tirar proveito; o signif. nuclear torna-se 'enganar para roubar, usar de ardis para ganhar' HOM <i>logro</i> (1 ^a p.s.)// <i>logro/ô</i> /(s.m.)			3.Ludibriar vi. 4.Produzir o resultado que se esperava.	XIII. Do lat. <i>Lucrane</i> logrador 1813 logradoiro , logradoiro , logradoiro sm. 'tudo que é ou pode ser fruído por alguém, pastagem publica' 1813: 'as vias e praças publicas de uma cidade' XX logro XV. Do lat. <i>Lucrus</i> . Cp. LUCRAR.		
49	mamãe-vovó (LC)	mamãe-vovó	mamãe s.f. (1813 cf. MS?) <i>B infirm.</i> forma pela qual os filhos se dirigem às mães: mãe, mamã ETIM orig.contrv.; onom. da linguagem infantil, cf. <i>mamá</i> ; de <i>mãe</i> , com redobro, ou de <i>minha mãe</i> , com redução, ou ainda com base em <i>mamã</i> , com infl. de <i>mãe</i> ; ver <i>mam-</i> e <i>matr-</i> ; f.hist. 1813 <i>mamá</i> , 1858 <i>mamãe</i> vo.vó s.f. Ø .	ma.mãe s.f. 1 Bras. Pop. Forma carinhosa e familiar de chamar a mãe [Pl:-mães] [F.: De or. contrv; onom. da linguagem infantil] vo.vó s.f. 1 Fam. Em linguagem afetiva ou infantil, a mãe da mãe ou do pai em relação ao filho ou à filha destes; AVO. [F.: De avó, com aférese e redobrimento.] Morrer sem ver vovó 1 CE Pop. Passar por vexame, sem receber consolo ou apoio.	ma.mãe s.f. [De mamã, com infl. de mãe]. vo.vó s.f. Avó em linguagem infantil o afetiva. Morrer sem ver vovó Bras. CE Pop. 1 Sofrer um fiasco sem ao menos ter o consolo esperado.	Ø	Ø	mamãe-vovó personagem dos caboclinhos	
50	matária (LS)	matária	ma.ta.ri.a	ma.ta.ri.a	matá	Ø	matária		

			s.f. B abundância de mato; área coberta de mato ou mata; matagal, mataréu ETIM mata ou mato + -aria; ver mat(a)-	s. f. (Bras.) Grande extensão de mato	s.f. Grande extensão de mata ou mato; mataréu.	sf. terreno onde nascem arvores silvestres' 'bosqu, selva' XIII. Talvez do lat. Tardio matia 'esteira de junco' AnatUT . ADO XX DESmatAMENTO XX DESmatAR XX matagal XVII. A base do voc. É, sem dúvida, mata; não é, contudo, de fácil explicação a terminação -agal; dada, porém, a significação 'conjunto de coisas densas ou erigidas', poder-se-ia pensar que -g- seja uma consoante de ligação matag . OSO XX matEIRO XVIII mato XIII matOSO XIV matUT . AR 1890 matUT . ICE 1844 matUTO 1844.		Mata densa; matagal
51	mestre (LS)	mestre	mestre s.m. (1255 cf. FichIVPM) 1 pessoa dotada de excepcional saber, competência, talento em qualquer ciência ou arte 2 indivíduo que ensina, que dá aulas em estabelecimento escolar, ou particularmente 3 (sXII) aquele que obteve o mestrado ('grau') 4 o artífice em relação aos que são seus oficiais ou aprendizes 5 (sXIII) chefe ou iniciador de um movimento cultural 6 diretor espiritual; mentor 7 B N.E. título dado a todo bom instrumentista, esp. aos bons tocadores de sanfona 8 B N.E. aquele que dirige um trabalho na qualidade de patrão, que é responsável por um serviço e pela direção e andamento de uma tarefa 9 HIST.ART obsl. artista, pintor ou	mestre s.m. 1. Aquele que dá aulas; PROFESSOR: mestre de desenho. 2. Aquele que é perito, especialista ou versado em qualquer atividade, ciência ou arte 3 Fig. Pessoa que tem muitos conhecimentos. 4 Superior de aprendizes ou operários (mestre marceneiro) 5 Guia espiritual, mentor. 6 Aquele que concluiu o mestrado (1). 7 Tudo que serve de ensino ou de que se tira 8 O que supera outro em qualquer coisa 9 Chefe ou iniciador de uma escola de pintura 10 O chefe de um estabelecimento fabril. 11 Bras. Cap. Título dado a capoeirista de grande habilidade e experiência. 12 Bras. N.E. Título dado a bons instrumentistas, esp. a bons	mestre s.m. 1. Homem que ensina; professor. 2. O que é perito ou versado numa ciência ou arte. 3. Homem de muito saber. 4. Quem se avantajava em qualquer coisa. 5. Artífice, em relação a seus subordinados. 6. Comandante de pequena embarcação; patrão. 7. Aquele que tem o mestrado adj. 8. Que serve de base ou de guia; fundamental.	mes.tre s.m. Sm. 'homem que ensina, professor, homem muito sabedor' XIII, <i>meestre</i> XIII, <i>maestre</i> XIII do lat. <i>magister</i> -lri	mestre s.m. Título dado aos peritos trabalhadores manuais. Mestre-carapina, mestre pedreiro, mestre sapateiro. O que ensina, mestre de cavalos, mestre escola. É uma reminiscência, como nome de tratamento respeitoso, do artesão medieval, consiste de sua dignidade funcional. No sertão nordestino, ninguém dizia "seleiro" mas "mestre-seleiro", respeitando uma propriedade no ritual, que a tradição conservava. Nome dos espíritos que "acostam", "baixam", nas "mesas" (sessões) do catimbó; mestre, mestra.	mes.tre Coordenado, organizador, chefe dos grupos de Congado

					escultor que dirigia um ateliê e formava discípulos que trabalhavam muitas vezes numa mesma obra 10 HIST.MIL <i>ant.</i> o chefe de uma ordem militar, o superior de uma ordem de cavalaria 11 MAÇON aquele que tem o terceiro grau na maçonaria 12 MAR suboficial ou sargento, ger. o mais antigo do navio, que orienta e dirige os trabalhos marinhos de bordo [Tem o tratamento de "senhor" dado mesmo pelos oficiais.] 13 MAR nas embarcações mercantes, marítimo qualificado que comanda e dirige a tripulação do convés 14 MAR oficial marinho que, nos navios, tem a seu cargo o aparelho e o velame 15 MAR <i>ant.</i> comandante de navio mercante; capitão 16 MUS o violino que canta a primeira voz ('parte') e dirige a coreografia 17 REL <i>P/</i> na encanteria, chefe espiritual e administrador da casa, responsável pelo culto 18 tudo que se constitui em fonte de ensinamento, que contribui para qualquer tipo de aprendizado 19 RS o mourão mais grosso colocado no ângulo do aramado □ <i>adj.</i> 20 que é o mais importante; principal, fundamental 21 que ultrapassa os limites habituais; enorme, fantástico 22 que serve de base, de guia 23 <i>fig.</i> hábil, destro ETIM lat. <i>magister, tri</i>	sanfoneiros (mestre Gonzaga). 13 Bras. RS O mourão mais forte posto no ângulo do aramado. 14 Ant. Mar.Merc. Capitão de uma embarcação pequena. 15 Mar. Oficial da marinha que, nos navios de guerra, é responsável pelo aparelho e o velame. 16 Ant. Hist. Mil. Chefe de ordem militar. 17 Maçon. O que recebeu o terceiro grau na maçonaria. [Fem.: mestra Aum.: mestraço] <i>adj.</i> 18 Diz-se de pessoa ou coisa que ocupa lugar proeminente ou distinto em relação aos demais. 19 Que serve de base, de referência; que é principal (viga mestra, estrada mestra, projeto mestre) 20 Fig. Exímio, perito (mãos mestres) 21 De grandes proporções, fora do comum, além do esperado; extraordinário, considerável Fem.: mestra] [F.: Do lat. <i>magister, tri</i>]			
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

52	Nossa Senhora (LC)	Nossa Senhora	o que manda, dirige, ordena, guia, conduz, diretor, inspetor, administrador, o que ensina', prov. por infl. do fr.ant. <i>maistre</i> (c1100 doc. como <i>le plus maistre</i> 'o principal') ou do provç. <i>maestre</i>, como parecem mostrar as f. arcaicas <i>maestre</i> e <i>meestre</i>; cp. erud. <i>magister</i> e <i>maestro</i>; ver <i>mag</i>-. fhist. 1255 <i>maestre</i> 'homem sabedor, professor', sXIII <i>maestre</i> 'comandante', sXIII <i>maestro</i>, sXIV <i>meestre</i>, sXV <i>mester</i>, sXV <i>mestre</i> 'título acadêmico'	no.sa interj. expressa espanto ou admiração; nossa senhora. se.nho.ra s.f. 1 na Idade Média, mulher nobre possuidora de feudo 2 na Idade Média, esposa de senhor feudal 3 dona da casa; patroa 4 mulher que exerce poder, dominação, influência 5 aquela que possui (algo); possuidora, dona, proprietária 6 m.q. <i>senhoria</i> ('proprietária de bens imóveis') 7 mulher nobre, distinta 8 mulher indeterminada; mulher que não é conhecida ou cujo	se.nho.ra s.f. 1 Mulher idosa 2 Esposa 3 Na linguagem corrente, tratamento de respeito e/ou cortesia us. para mulheres [Abr. ger. us. em endereçamento postal: Sra.] 4 Mulher não determinada; qualquer pessoa adulta do sexo feminino: Uma senhora pediu que lhe desse informações sobre o concurso de que participaria. 5 Dona, proprietária 6 Ama, patroa 7 Mulher que exerce influência, autoridade, poder 8 Mulher de alta consideração 9 Ver senhoria (2) [F.: Fem. de senhor.] A senhora	se.nho.ra s.f. Tratamento dispensado a uma mulher casada e, em geral, a qualquer mulher de certa condição social. / Esposa. / Dona de casa. / Proprietária. // Nossa Senhora, designação da Virgem Maria na Igreja Católica Romana.	se.nhor s.m. 'orig. proprietário feudal', 'dono, patrão', 'homem idoso'/XIII, sennor XIII. Do latim <i>sénior-oris</i>. Senhora/XIII, señora XIV/No port. med. ocorria com muito maior frequência a forma <i>senhor</i>, tanto para o masculino quanto para o feminino.	Ø	Nossa Senhora . A Mãe de Deus
----	--------------------	---------------	---	--	---	--	---	---	----------------------------------

55	panelada (LS)	panelada	pa.ne.la.da s.f. (a1858 cf. MS⁶) 1 conteúdo de uma panela grande 2 grande quantidade de panelas 3 chiado produzido pelo ar nas mucosidades da laringe e dos brônquios 4 CUL B N.E.: espécie de cozido que leva mocotó, miúdos de boi, toucinho e legumes; bambiá □ ETIM panela + -ada	pa.ne.la.da s.f. 1 Panela cheia. 2 Grande porção de panela. Ruído de ar nas mucosidades da laringe e dos brônquios. 4 Prato semelhante ao cozido, e que se faz com mocotó, intestinos e alguns miúdos de boi, toucinho e verduras; bambiá.	Ø	pa.ne.la.da s.f. Comida preparada com as tripas, os pés e certos miúdos do boi, misturados com toucinho, linguiça ou chouriço, convenientemente temperada. É prato próprio de almoço, e servido com pião escaldado, feito do respectivo caldo em fervura, com farinha de mandioca. Nas brincadeiras de fim de festa, em outros tempos, figurava o furto da panelada do vizinho, espreitando-se a cozinha, a noite inteira, até que fosse possível tirar a panela em que cozia, para ficar convenientemente preparada pela manhã, a ser servida no almoço, convidando-se, porém o dono espoliado a participar da petisqueira. "Panelada é sempre almoço de sujeito valentão." "O cardápio do almoço compunha-se de sarapatel e panelada." (A Pimenta) "Espere por mim com a minha gente para almoçarmos, queremos panelada gorda e bom vinho."	ritmo à música panelada Comida feita com várias coisas diferentes. Tudo junto; grande quantidade de comida.
56	Pantalão (LS)	Pantalão	pan.ta.lão s.m. (1813 cf. MS²) 1 TEAT o	pan.ta.lão s.m. Homem que traja pantalonas;	Ø	Ø	Pantalão Personagem da marujada que faz

57				bobo nas farsas italianas; pantaleão □ inicial maiúsc. 2 o que usa pantalonas 3 o que se mostra afetado no vestir; janota, peralvêlo 4 (1813) o que se comporta como pessoa importante, mas é ridículo □ ETIM antr. <i>Pantalon</i>, f. veneziana do antr. <i>Pantaleone</i>, (1561) personagem da farsa italiana que tanto pode ser o homem bondoso, como o avaro, o crédulo, o libertino etc., sempre vítima de outro personagem; f.hist. 1797 <i>pantalões</i> 'fantasia de pantaleão'; 1813 <i>pantaleão</i> acp. de teat	peralvêlo F. fr. Pantalon.	pa.pai s.m. 1 (1899 cf. CF¹) 1 forma pela qual os filhos se dirigem aos pais; pai, papá 2 B N. figura dos clubes carnavalescos (um velho de longa barba, empunhando comprido bastão) 3 ICT m.q. bagre-boca-lisa (<i>Tachysurus upsilonophorus</i>) 4 ICT m.q. bagre-cabeçudo (<i>Notarius grandicassis</i>) □ ETIM f. redobrada de <i>paí</i>, por influxo da linguagem infantil; ver <i>pater-</i> vo.vô s.m. 1 Uso: informal. o pai do pai (avô paterno) ou da mãe (avô materno) de um indivíduo; avô 2 Regionalismo: Moçambique. feiteiro, curandeiro 3 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Pará.	pa.pai s.m. 1 Maneira afetuosa pela qual os filhos se dirigem ao pai; PAI, PAPA 2 Bras. N. Figura carnavalesca de um velho barbudo que, em festas de carnaval, em clubes, se apresenta empunhando um bastão. 3 lct. O mesmo que <i>bagre-boca-lisa</i> (<i>Tachysurus upsilonophorus</i>). [F.: F. reduplicada de pai, por influência da linguagem infantil. Hom./Par.: papai (sm.), papai (fl. de papar); papais (pl.), papais (fl. de papar), papais (pl. de papai).] vo.vô s.m. 1 Fam. Em linguagem afetiva ou infantil, o pai da mãe ou do pai em relação ao filho ou à filha destes; AVÔ. [F.: De avô, com aférese e redobrimento.]	2Janota, peralta, peralvêlo, casquilho.	Ø	Ø	gracinha, é brincalhão	papai-vovô personagem dos caboclinhos
----	--	--	--	---	----------------------------	---	--	---	----------	----------	-------------------------------	---

58	parar (LS)	pará	ave passeriforme da fam dos trogloditídeos (<i>Thryothorus genibarbis</i>), encontrada na Bolívia, Venezuela, Peru e grande parte do Brasil, de até 17 cm de comprimento, que possui cabeça cinzenta com estria malar negra e sobancelha branca, dorso marrom-avermelhado e cauda barrada de negro; pai-avô, pia-vovó	parar v. (1130 cf. JM³) 1 <i>t.d.</i> arc. dispor, apresentar 2 <i>t.d.</i> (sXIII) arc. juntar, economizando; poupar, guardar 3 <i>t.d./int.</i> e <i>pron.</i> (sXIV) deter o progresso, a deslocção, o movimento de, ou não mais se mover 4 <i>t.d.</i> (sXV) arc. pôr à disposição; oferecer, expor, dar 5 <i>t.d./i.int.</i> interromper, momentânea ou definitivamente (uma atividade, uma operação, uma ocorrência, algo que se vinha fazendo etc.) 6 <i>int.</i> interromper-se, momentânea ou definitivamente (algo que ocorria, se desenvolvia, se processava); não ter seguimento 7 <i>int.</i> interromper uma viagem, uma deslocção 8 <i>t.i.</i> chegar ao fim; não continuar 9 <i>int.</i> deixar-se ficar (em determinado lugar) 10 <i>int.</i> não se deslocar, por algum tempo, de determinado lugar; ficar parado ou como que parado 11 <i>t.i.int.</i> não ir além (de) 12 <i>t.i.</i> resumir-se a (algo);	pa.rar v. 1 Não deixar continuar ou não continuar (movimento, ação, atividade etc.); DETER(-SE); INTERROMPER(-SE) 2 Permanecer; ficar. 3 Ir dar em ou ter por paradeiro 4 Não ir além de 5 Chegar ao fim; ACABAR 6 Ficar suspenso, imóvel; PAIRAR 7 Fig. Deter (os olhos) em; FITAR; FIXAR. 8 Passar a morar em; RESIDIR; HABITAR. 9 RS Hospedar-se, alçar-se. [Acento agudo no a do radical na 3a pess, sing. do pres. ind. Us. tb. como v. auxiliar, seguido da prep. de + v. principal no infinit., com o sentido de 'interromper a ação' [F.: Do lat. parare. Hom./Par.: para (fl.), para (prep.); paramos (fl.), páramos (pl. de páramo); paráveis (fl.), paráveis (pl. de parável). Ideia de 'parar': -stase (metástase); -stato (termóstato, termostato).]	pa.rar vi. 1.Cessar de andar, de mover-se, de falar. 2.Não continuar. 3.Deixar-se ficar (em algum lugar); 4.Ficar suspenso ou imóvel; pairar. 5.Cessar, deixar. 6.Não ir além. 7.Impedir de andar, ou interromper a marcha de; deter	Ø	Ø	Ø	Pará Parar, não continuar
----	------------	------	---	--	---	--	---	---	---	--

59	passar trabalho (LC)	passa trabalho	limitar-se a [freq. us. com negativa] 13 <i>t.i.int.</i> chegar (a determinado lugar, ponto, situação) 14 <i>int.</i> estar no futuro (falando de uma situação) 15 <i>t.d.bit.</i> aparar, defender (golpe) 16 <i>t.d.pred.</i> transformar (alguém) em; tornar 17 <i>bit.</i> no jogo, fazer uma aposta (de); ariscar 18 <i>int.</i> RS receber abrigo ou hospedagem 19 <i>pron.</i> RS tornar-se por seus próprios meios; fazer-se □ ETIM lat. <i>para.as.âvi.átum, âre</i> 'esforçar-se para obter', donde 'obter, alcançar, adquirir com dinheiro, comprar'; ver <i>para-</i>; f.hist. 1130 <i>parar</i>, sXIII <i>parar</i>; a datação da aqp. 3 (sXIV) é para o v. <i>pron.</i>	pás.sar v. (1055-1065 cf. JM²) 1 <i>t.d.</i> percorrer (distância no espaço); atravessar, transpor 2 <i>t.d.t.i.</i> (sXIII) ir além de, deixar para trás, ultrapassar (determinado ponto no espaço) 3 <i>bit.</i> transportar (seres animados ou coisas) a (determinado lugar); carregar, conduzir, levar 4 <i>t.d.bit.</i> fazer atravessar; fazer (alguém ou algo) chegar a 5 <i>t.i.bit.int.</i> mudar (de um lugar para outro) [falando de pessoa ou coisa] 6 <i>t.i.</i> e <i>pron.</i> transitar de (uma coisa) a (outra) 7 <i>t.i.</i> percorrer (um lugar) sem se deter; transitar 8 <i>bit.</i> pôr (algo) em (determinado lugar); assentar, acomodar.	pas.sar v. 1 Cruzar, percorrer, (distância) ger. ultrapassando (limite, fronteira, obstáculo) 2 Deslocar(-se), mover(-se) (de um lugar a outro) 3 Deixar (algo) por (outro), ou mudar (de condição) 4 Superar ou 5 Transpassar, 6 Estender-se 7 Coar ou peneirar 8 Fazer entrar ou entrar; INTRODUIR(-SE) 9 Correr, 10 Fazer correr, ou espalhar por 11 Decorrer 12 Escapar, acabar, ou esgotar 13 Circular ou difundir(-se) 14 Entregar, outorgar 15 Transferir(-se) tdi. + a, para 16 Transmitir 17 Exibir ou ser exibido 18 Estar por certo tempo (num lugar) 19 Aparentar 20 Achar-se em determinado	pas.sar vtd. 1Percorrer de um lado para outro, atravessar; transpor. 2Ir além de; deixar para trás. 3Ir além de; transpor; ultrapassar. 4Mover, movimentar. 5Aplicar; colocar. 6Furar de lado a lado; perfurar, transpassar, transfixar. 7Ir de uma para outra margem de (mar, rio). tra.ba.lho s.m. 1.Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. 2.Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento.	pas.sar v. 'atravessar, transpor, exceder' XIII. Do latim <i>*passare</i>, de <i>passus</i>. trabalhar v. 'ocupar-se em algum mister' 'exercer o seu ofício' XIII. Do lat. vulg. <i>*trípālāre</i> 'torturar', derivado de <i>trípālūm</i> 'instrumento de tortura composto de três paus'; da idêia inicial de 'sofrer', passou-se à de 'esforçar(-se) lutar, pugnar' e, por fim, 'trabalhar'// trabalho XIII. Dev. de trabalhar	Ø	passa trabalho fica no sufoco; passar aperto
----	----------------------	----------------	---	---	--	--	--	---	---

																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																					</
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	----

					para; legar 29 <i>t.i.</i> tomar-se propriedade de (outrem, uma instituição etc.) 30 <i>t.i.bit.</i> transmitir(-se) por imitação, por linha genética, por contágio etc. 31 <i>t.d.bit.</i> transmitir (um sentimento, uma sensação, uma reação, uma opinião etc.) [a]; comunicar 32 <i>bit.</i> transmitir (informação, notícia etc.); comunicar 33 <i>t.d.t.i.</i> pôr em circulação ou circular 34 <i>t.d.bit.</i> impingir (algo), por ludíbrio, (a) 35 <i>t.d.bit.</i> pôr (algo) à venda; ceder mediante pagamento 36 <i>t.d.int.</i> divulgar ou ser divulgado; tornar(-se) conhecido; fazer circular ou circular; difundir(-se) 37 <i>bit.</i> dirigir (algo) a (um alvo); tomar (uma pessoa, uma instituição) como alvo para (algo); dirigir, endereçar 38 <i>int.</i> manter-se vivo; sobreviver, subsistir, agüentar 39 <i>t.i.</i> alimentar-se de; sobreviver, alimentando-se de 40 <i>t.i.bit.</i> ser submetido ou submeter à ação de 41 <i>t.d.t.i.</i> viver (uma experiência agradável, positiva ou infeliz, problemática) 42 <i>int.</i> sentir-se física e/ou mentalmente, espiritualmente 43 <i>pred.</i> permanecer (em determinado estado ou condição) 44 <i>bit.</i> fazer circular por ou apoiar em 45 <i>bit.</i> envolver (algo) com; embulhar, recobrir 46 <i>t.i.</i> manifestar-se repentinamente, aparecer de súbito; prorrup 47 <i>int.</i>	Trancar 60 Não estar mais em condições de ser ingerido (alimento) 61 Coar ou peneirar [int.] [F.: do lat. tard. passare &lt; lat. Passus. 1 Não levar em consideração (esp. autoridade ou hierarquia), não dar importância a. trabalho. sm. 1 Emprego da força física ou intelectual para realizar alguma coisa 2 Aplicação dessas forças como ocupação profissional 3 Local onde isso se realiza 4 Esmero, cuidado que se emprega na confecção ou elaboração de uma obra 5 A confecção, elaboração ou composição de uma obra 6 Obra realizada 7 Grande esforço; TRABALHO: TRABALHEIRA. 8 Exercício para treino 9 Ação contínua de uma força da natureza e seu efeito 10 Med. Fenômeno orgânico que se opera no interior dos tecidos (trabalho inflamatório; trabalho de cicatrização) 11 Resultado do funcionamento de uma máquina, um aparelho etc 12 Obrigação ou responsabilidade; DEVER; ENCARGO 13 Econ. Conjunto das atividades humanas empregado na produção de bens 14 Tarefa a ser realizada 15 Treinamento durante a semana como preparação				
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

[illegible]

						humano, ao colocar nos objetos externos todas as suas potencialidades subjetivas, descobre e desenvolve plenamente a sua própria realidade
						22 Dervação: por extensão de sentido. Rubrica: filosofia.
						no <i>marxismo</i> , atividade consciente e planejada na qual o ser humano, ao mesmo tempo em que extrai da natureza os bens capazes de satisfazer suas necessidades materiais, cria as bases de sua realidade sociocultural
						23 Rubrica: física. grandeza que pode ser definida como o produto da magnitude de uma força e a distância percorrida pelo ponto de aplicação da força na direção desta [A realização de trabalho transfere energia de um sistema para outro e sua unidade de medida no Sistema Internacional é o <i>joule</i> .]
						24 Rubrica: artes gráficas. prensa primitiva; prelo que se assemelha à prensa de lagar
						25 Rubrica: religião. em cultos afro-brasileiros, esp. umbanda e quimbanda, ação ou prática ritual realizada para supostamente atingir objetivos protetivos, bons, de desenvolvimento espiritual, ou maléficos, feiticeiros
						▢ trabalhos ▢ substantivo masculino plural

60	patrão (LS)	patrão	pa.trão s.m. (1392 cf. FichV/PM) 1 proprietário ou chefe de um estabelecimento privado comercial, industrial, agrícola ou de serviços, em relação aos seus subordinados; empregador 1.1 B dono de seringal 2 p.ext. o chefe de uma repartição pública 3 o dono da casa, tomado em relação aos criados; senhor, amo 4 aquele que protege; padroeiro, patrão 5 <i>infirm.</i> us. como <i>interlocutório</i> pessoal/ 6 MAR chefe da guarnição de embarcação pequena a remos ou a motor □ GRAM fem.: <i>patroa</i> □ ETIM lat. <i>patrōnus</i>; <i>i</i> 'patrono, protetor dos plebeus; advogado,	pa.trão s.m. 1 Dono, diretor ou gerente de uma loja, empresa, repartição etc. em relação aos empregados. 2 O dono da casa em relação aos seus empregados 3 Indivíduo que governa barco de pesca. 4 Em regatas, indivíduo que dirige o leme. 5 Aquele que defende, protege; PATRONO; PADROEIRO. 6 Pop. Tratamento de respeito empregado por pessoas humildes ou incultas ao se dirigirem a outra socialmente superior 7 Pop. Us. informalmente como tratamento pessoal. 8 Amaz. Dono de seringal.	pa.trão s.m. 1Chefe ou proprietário de estabelecimento, fábrica, etc., em relação aos empregados; empregador. 2P. ext. O chefe de um escritório, de uma repartição. 3 O dono da casa em relação aos empregados domésticos ou outros: amo, senhor. 4Senhor, chefe, cavalheiro. 5Mar.Merc. Aquele que comanda embarcação de pesca. 6Nos barcos de regata, aquele que dirige o leme e comanda o ritmo das remadas. 7Patrono, protetor. 8Pop.Tratamento de respeito dado por pessoas humildes a pessoas de condição social	patrão s.m. ' chefe ou proprietário de estabelecimento, fábrica, etc., em relação aos empregados' XIV. Do lat. <i>patrōnus</i> -i patroA , patrona ¹ <i>padrão</i> XIII, <i>patrona</i> XVI, <i>patroa</i> 1813 Do lat. <i>Patrona</i> -ae patronADO 1844. Do lat. <i>patronātus</i> patronAL 1899. Do lat. <i>Patronālis</i> patronATO 1873. DO lat. <i>Patronātus</i> patronO XV, <i>padron</i> XIII Do lat. <i>Patrōnus</i> -i. Cp. PADRÃO ¹ , PAI.	Ø	Patrão Chefe dos marujos que morre no final da batalha
----	--------------------	---------------	---	---	--	--	----------	--

61	piloto (LS)	piloto	defensor; fig. arrimo, apoio'; f.divg. vulg.: <i>padrão</i> e erud.: <i>patrono</i>; ver <i>pater</i>-.; f.hist. 1392 <i>patrom</i>, sXV <i>patroões</i> pi.lo.to s.m. (1438 cf. Desc) 1 MAR aquele que pilota navio mercante, como oficial de náutica ou como prático de porto, subordinado ao comandante 2 MAR <i>B</i> m.q. prático 3 <i>p.ext.</i> aquele que dirige qualquer embarcação 4 indivíduo que dirige uma aeronave 5 <i>B</i> motorista de provas automobilísticas 6 TURFE <i>B</i> m.q. '<i>Joquei</i> 7 <i>fig.</i> aquele que guia, que orienta, diretor, dirigente 8 TV capítulo inicial de um programa ou de uma série de TV, que tem como um dos principais objetivos sondar a reação do público 9 TV ponto luminoso de cor vermelha que, colocado na câmara, indica o momento de transmissão de uma imagem 10 <i>B</i> nos aquecedores a gás, bico de onde a chama se propaga aos demais bicos 11 ICT <i>B</i> m.q. peixe-piloto (<i>Naucrates ductor</i>) 12 ORN <i>BA</i> m.q. atobá-pardo (<i>Sula leucogaster</i>) 13 RS medidor de terras; agrimensor 14 campo de experimentação para novos métodos ou processos 15 <i>adj.s.m.</i> 15 diz-se de ou pessoa cega de olho; zabolho 16 ETIM it. <i>piloto</i> (1396, atual <i>pilota</i> 1532) 'id.'; ver <i>pilot</i>-.; f.hist. sXV <i>pilloto</i>	[P]i.:-trões Fem.: -troaj [F.: Do lat. <i>patronus</i>] pi. lo. to [ô] s.m. 1 Indivíduo que dirige uma embarcação, aeronave ou automóvel. 2 Pop. Indivíduo que dirige qualquer veículo 3 <i>Fig.</i> Aquele que serve de guia, mentor. 4 Telv. Capítulo de um programa ou de uma série de TV, feito para servir de experiência e modelo para futura produção. 5 Qualquer experiência inovadora que sirva de modelo ou exemplo (aula piloto; projeto piloto). [Nesta acp., com valor adjetivo se posposto a outro substantivo.] 6 Nos aquecedores a gás, bico que se mantém aceso e serve para acender os demais bicos. 7 Bras. Hlp. Joquei. 8 Pessoa que não tem um olho; ZAROLHO. 9 Bras. lct. Peixe (<i>Naucrates ductor</i>) da fam. dos caranguejeiros; PEIXE-PILOTO. 10 RS Agrimensor. 11 Bot. Planta hipericácea (<i>Helianthemum lasianthum</i>). a2g2n. 12 Bras. Diz-se de quem não tem um olho; ZAROLHO. [F.: Do it. piloto. Hom./Par.: piloto (sm.), piloto (ft. de pilotar).] 1 Piloto automático 1 Dispositivo que mantém um veículo (navio, avião, espaçonave) na rota	superior, ou, às vezes, tratamento simplesmente carinhoso ou afetuosamente irônico dado a pessoas de igual condição. 9Seringalista. pi.lo.to [ô] s.m. 1Mar.Merc. Aquele que dirige a navegação e a manobra de uma embarcação mercante, subordinado ao comandante. 2Ant. V. prático 3Pessoa que dirige uma aeronave. 4P. ext. Aquele que dirige embarcação qualquer. 5Fig. Guia, dirigente, diretor.	Ø	pi.lo.to s.m. 'aquele que dirige embarcações, aeronaves etc.' XV. Do it. <i>Piloto</i> (mais comumente <i>pilota</i>), deriv. Do lat. '<i>pedōta</i> e, este, do gr. Bizantino '<i>podōtes</i>, de <i>pedōn</i> 'leme' pilotAGEM XVI pilotAR 1881.	Piloto Personagem da marujada
----	-------------	--------	---	--	--	-----------------	--	---

				especificada e corrige os desvios, sem necessidade de manobra de piloto ou tripulante. 2 Fig. Modo de agir ou de se comportar sem consciência ou sem atenção especial, por hábito, instinto, etc., ou segundo uma rotina fixa; estado caracterizado por ter-se a atenção voltada para outro assunto, mais distante, que não as ocupações ou tarefas imediatas.	pom.bo 1 s.m. 1 Zool. Ave da fam. dos columbáceos (Columba livia), encontrada em todo o mundo, ger. em áreas urbanas.N 2 CE Pop. Emburlo de fezes jogado na rua. [Sin., nesta acep., em AL e MG: pombo sem asa.] 3 Lus. Pop. O mesmo que mentira a. 4 Diz-se de cavalo branco. [F.: Do lat. palumbus, i, 'pombo bravo'.] re:al 2 adj. 2 g. 1 Ref. ou pertencente ao rei, à rainha ou à realeza (bodas reais); RÉGIO. [F.: Do lat. regalis, e.]	pom.bo s.m. O macho da pomba. re.al adj. 2 g. 1.Relativo ao rei ou à realeza ou próprio dele ou dela; régio, realengo. s.m. 2.Unidade monetária e moeda brasileira (símbolo: R\$), a partir de 1.7.1994, dividida em 100 centavos. [Pl., nessas acepç.: reais.] 3.Antiga unidade do sistema monetário de Portugal e do Brasil. [Pl., nesta acepç.: réis.] le.al adj. 2 g. 1.Sincero, franco e honesto. 2.Fiel aos seus compromissos.	pom.ba s.f. 'designação comum a todas as aves columbiformes, da fam. dos columbáceos/' <i>pomba</i> XIII, <i>paomba</i> XIII/ do lat. <i>palumba</i> —ae re.al adj. 2 g. que existe de fato, verdadeiro/ XV, rayal XVI/ do b. lat. <i>reális</i>, de <i>rés</i> rei 'coisa' le.al XIII do lat. <i>legális</i>. lei s.f. 'relação constante e necessária entre fenômenos' 'princípio, norma, regra' 'norma de direito tomada obrigatória pela força coercitiva do Estado'/ XIII, <i>ley</i> XIII, <i>lee</i> XIII, <i>leix</i> XV, <i>lex</i> XV etc./ do lat. <i>lex</i> /légis.	Ø	pombo real "du divinu" (Espírito Santo); fiel	
62	pombo real (LC)	pombo real			pu.ba adj. Regionalismo: Brasil. 1 mole, macio; pubo s.f. Regionalismo: Brasil. 2 Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. massa de mandioca fermentada	pu.ba s.f. Mandioca amolecida na água, depois de alguns dias de molho, perdendo assim a sua substância venenosa, e preparando-se então a <i>massa de mandioca</i>, de usos diversos.	Puba Massa mole de mandioca usada pra fazer bolo			
63	puba (LS)	puba	pu.ba s.f. 1 Bras. Massa de mandioca deixada de molho até amolecer e fermentar; CARIMÁ; MASSA PUBA 2 Bras. Terreno úmido e coberto de capim 3 N.E. Pop. Demasiado apuro no vestir: FACEIRICE.	pu.bo, pu.ba adj. 'mole, cansado' 'podre, impretável' XX. Do tupi '<i>puua</i>. O voc. Ocorre, também, como elemento de composição, na formação de alguns compostos de origem tupi: <i>tapiopuba</i>, <i>vipuba</i>, etc.						

				3 terreno úmido coberto de capim, ger. nas margens dos rios 4 Uso: informal. excessivo apuro no vestir ▯ substantivo masculino Regionalismo: Nordeste do Brasil. 5 boi gordo, de corte	s.m. 4 N.E. Boi gordo; boi de corte adj. 5 Bras. Mole, molengão [F.: Do tupi pubae 'fermentado'.]				A puba e a tapioca, Que é todo o mimo [e a flor da mandioca.	
64	quejeme (LS)	quejeme	que.je.me s.m. Regionalismo: Bahia. maloca de índio.	que.je.me s.m. (Bras., Bahia) maloca (de índios).		Ø	Ø	Ø	Quejeme Cabana feita para prender a mamãe vovó e o papai-vovó	
65	Rei da Glória (LC)	Rei da Glória	rei s.m. 1 chefe de Estado investido de realça; príncipe soberano de um reino; monarca, soberano 2 Derivação: por extensão de sentido. aquele que detém o poder absoluto ou grande parcela de poder 3 Derivação: sentido figurado. o que se destaca entre os que pertencem ao mesmo grupo, profissão, classe etc. 4 Derivação: sentido figurado. o maior produtor Ex.: o rei do petróleo 5 Rubrica: etnografia. imperador das festas do Espírito Santo 6 Rubrica: ludologia. peça importante do jogo de xadrez 7 Rubrica: ludologia. cada uma das quatro figuras (uma de cada naipe) de maior valor no baralho	rei s.m. 1 Soberano de um reino; MONARCA 2 Título dado ao marido da rainha, em certos países 3 O que se considera como o principal num conjunto ou série: O leão é o rei dos animais. 4 Indivíduo notável em determinada área: Pelé continua sendo o rei do futebol. [Antôn.: rainha.] 5 Indivíduo que é grande produtor de algo (rei do gado; rei da cachaca; rei do petróleo) 6 Pessoa que detém grande poder em uma certa região 7 Pej. Indivíduo com forte tendência a ter determinada atitude ou comportamento: Ele é o rei de contar vantagens. [Antôn.: rainha.] 8 Lud. Peça importante do jogo de xadrez, cuja tomada, com o xeque-mate, determina o fim de uma partida 9 Lud. Nas cartas de	rei s.m. Chefe de Estado investido de realça; príncipe soberano de um reino; monarca, soberano: alguns países da Europa ainda são governados por reis. / Fig. O maior produtor: o rei do petróleo; o rei dos enlatados. / Fig. O que se destaca entre os que pertencem ao mesmo grupo ou classe: o leão é o rei dos animais; Luís Gonzaga, o rei do baião. / Peça mais importante do jogo de xadrez. / Cada uma das quatro figuras (um de cada naipe) de maior valor do baralho: rei de copas. // Rei absoluto, monarca que governa discricionariamente, em regime de autocracia ou absolutismo. // Rei dos deuses, Zeus ou Júpiter. / Reis dos reis, título dos reis persas, partos e dos soberanos da Etiópia. // Bras. Rei Momo, figura de homem obeso, bonachão e folião que comanda os festejos	rei s.m. 'soberano que rege ou governa um estado monárquico'/XIV, <i>rey</i> XIII, <i>rex</i> XIV/Do latim <i>rex</i> regis. gló.ri.a s.f. 'bem-aventurança, renome, esplendor, grande mérito'/XIII, <i>goloria</i> XIV, <i>grorea</i> XVI Do latim <i>glória</i> .		Ø	Rei da Glória Deus Pai Todo Poderoso	

[illegible]

66	remo à forra (LC)	remos à forra	re.mo s.m. 1 Rubrica: termo de marinha. haste de madeira ou metal leve, com extremidade achatada, plana ou curva, us. para impulsionar embarcação à força dos braços humanos 2 o esporte de remar Ex.: era um praticante do r. for.ra s.f. 1 entretela ou chumaco us. como reforço em peças do vestuário 2 madeira us. para encher determinada grossura 3 Rubrica: construção. Regionalismo: Brasil. peça delgada de cantaria, us. para revestir paredes; forro de cantaria 3.1 Derivação: por metonímia. Rubrica: construção. Regionalismo: Brasil. esse revestimento 4 Rubrica: termo de marinha. faixa de lona us. para proteger as velas do navio; entreforro, percinta.	re.mo s.m. 1 Haste de madeira com uma extremidade chata, que é introduzida na água e movida pelo remador para fazer deslocar o barco. 2 Esp. Atividade ou esporte de remar em barcos esp. projetados para isso: Faço remo desde menino. [F.: Do lat. remus -i. Hom./Par.: remo (sm.), remo (fi. de remar).] A remo 1 Que se desloca impulsionado pela movimentação dos remos na água (diz-se de embarcação). Enforçar um remo Bras. 1 Marinh. Deixar um remo pressionado contra o costado, ger. devido a descontrolo da remada. for.ra [ô] s.f. 1 Bras. Pop. Ação feita com o propósito de obter algum tipo de compensação material ou psicológica de alguma agressão ou ofensa sofrida: DESFORRA; VINGANÇA: Foi à forra de tudo que lhe haviam feito. [F.: Fem. substv. de forro.] Ir à forra 1 Bras. Vingar-se, desforrar-se.	re.mo s.m. 1 Instrumento de madeira, composto de um cabo roliço terminado por uma parte espalhada, e que serve para impulsionar, manobrar ou fazer parar pequenas embarcações. 2 O esporte de remar. for.ra (ô) s.f. 1Náutica Faixa que serve para fortalecer as velas. 2 Entretela ou chumaco para reforçar alguma parte da roupa. 3 Bras. Peça de mármore para revestir uma construção.	re.mo s.m. 1 Instrumento de madeira, composto de um cabo roliço terminado por uma parte espalhada, e que funciona como alavanca interfixa para mover pequenas embarcações. XIV. Do lat. remus -i.	Ø	remos à forra jogar os remos no mar para fazer o barco andar
67	reparar (LS)	repare	re.pa.rar vtd. 1 pôr em bom estado de funcionamento o que se havia estragado; restaurar, consertar, recondicionar 2 efetuar recuperação em; recobrar, restabelecer 3 retratar-se, dar satisfação	re.pa.rar v. 1 Fazer que volte a funcionar; CONSERTAR. 2 Atenuar o efeito de, corrigir, remediar. 3 Ter a atenção despertada por; NOTAR; PERCEBER 4 Importar-se com, ligar para. 5 Indenizar(-se), ressarcir(-se).	re.pa.rar vtd. 1Consertar, restaurar. 2.Corrigir. 3.Eliminar ou remediar as consequências de (erro, ou mal cometido). 4.Dirigir ou fixar a vista, a atenção em; notar, perceber. 5.Reparar. 6.Dar importância; ligar.	re.pa.rar v. 'restaurar' XIV. Do lat. <i>reparare</i>.	Ø	Repare Prestar atenção

				4 efetuar melhora ou aperfeiçoamento em; aprimorar 5 fazer correção em; remediar, emendar Ex.: r. uma injustiça vtd. e pron. 6 compensar a (alguém ou si mesmo) por dano, prejuízo ou transtorno causado; indenizar, ressarcir(-se), recuperar(-se) vtd e i. 7 fixar ou dirigir a vista ou a atenção; nolar, observar, perceber vti. 8 tomar tento, cautela v. pron. 9 dar proteção a si mesmo, abrigar-se, proteger-se, resguardar-se 10 recuperar(-se), ressarcir(-se)	6 Recuperar, recobrar. 7 Desculpar-se de, retratar-se. 8 Tomar cautela, acautelar-se. 9 Observar (algo) atentamente; VIGIAR [F.: Do v.lat. reparare. Hom./Par.: reparáveis (pl. de reparável [adj. 2 g.]); reparo (fl.), reparo (s.m.),]	re.para.ção s.f.; re.pa.ra.dor (ô) adj. s.m.			
68	ressoar (LS)	ressoar	res.so.ar v. 1 soar com força; retumbar, ecoar. 2 fazer soar; cantar, entoar. 3 repetir, reproduzir (sons); repercutir, ecoar.	res.so.ar v. 1 Produzir som; SOAR. 2 Tornar a soar; ECOAR; REPERCUTIR. 3 Produzir sons cadenciados; CANTAR; MODULAR. 4 Soar com estrondo; RETUMBAR. [F.: Do v.lat. resonare, por via pop.]	res.so.ar vtd. 1.Fazer soar, ressonar. 2.Repetir, propagar, prolongar ou intensificar (som), refletindo-o, ou recebendo suas vibrações e passando a vibrar também. vi. 3.Soar de novo; continuar a soar; ecoar. 4.Ser, ou produzir som forte; soar com força; ressonar. [ressuar.] res.so.an.te adj. 2 g.	res.so.ar v. → SOM som s.m. 'Fenômeno acústico que consiste na propagação de ondas sonoras produzidas por um corpo que vibra em meio material elástico', 'ruído/ XIII, son XIII, são XIII, ec./ Do lat. sonus -i.	Ø		Ressoar Responder; rebater as idéias
69	romper (LS)	rompe	rom.per v. 1 criar abertura ou passagem à força; arrombar 2 abrir, penetrando; passar para o interior de; dilacerar, penetrar, rasgar	rom.per v. 1 Dividir(-se) em partes; separar(-se) em pedaços; PARTIR(-SE); QUEBRAR(-SE) [ld. : "...como um homem que dum arranco extremo	rom.per v.t. e v.i. Abrir à força, arrombar. as águas romperam o dique. / Partir, fender, despedaçar, quebrar, arrebentar. romper as cadeias, as amarras. / Estragar, rasgar, destroçar.	rom.per v. 'destroçar, rasgar' XIII. Do lat. <i>rumpere</i> .	Ø		rompe começa

																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																									</
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	----

70	Rosário (LS)	Rosário	ro.sá.ri.o s.m. 1 Rubrica: liturgia católica. fileira de 165 pequenas contas dispostas de maneira sucessiva, representando cada uma delas uma oração 1.1 (1789) Rubrica: liturgia católica. oração em honra de Nossa Senhora em que se intercalam ave-marias com a meditação dos mistérios, iniciados pela oração do padre-nosso e encerrados pelo glória [Divide-se em três partes, das quais cada uma é composta de cinco dezenas de ave-marias e de cinco padre-nossos.] Obs.: cf. <i>terço</i> 2 Derivação: sentido figurado. grande quantidade; seqüência ininterrupta; enfiada, série, sucessão Ex.: um r. de mentiras 3 Rubrica: angiospermas. m.q. <i>lágrima-de-nossa-</i>	ro.sá.ri.o s.m. 1 Enfiada de 165 contas: 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos, para serem rezados como prática religiosa 2 O conjunto dessas orações: orar um rosário 3 Fig. Sucessão, série: um rosário de queixas 4 Bras. Bot. Capim da fam. das gramíneas de cujos frutos se fazem rosários , colares, etc.; BIURÁ	ro.sá.ri.o s.m. Objeto de devoção que consiste numa espécie de colar de contas que se vão passando pelos dedos para contar orações que se vão rezando. (É composto de quinze mistérios ou dezenas de pequenas contas [a cada uma das quais corresponde uma Ave-Maria], sendo cada uma dessas dezenas separada das outras por uma conta maior, que vale um Pai-Nosso. Os rosários terminam por uma pequena cruz, sobre a qual se reza um Credo. O terço, rosário comum, tem apenas uma terça parte das contas do verdadeiro rosário.) / Conjunto de orações rezadas por esse processo. / Fig. Série, enfiada, fileira; grande quantidade: um rosário de recriminações, de culpas.	ro.sá.ri.o s.m. → ROSA ro.sa s.f. 'a flor da roseira'XIII. Do lat. rosa –ae..rosário/rosário XVI//Do lat. ecles. <i>rosarium</i>.	Ø	Rosário Igreja da padroeira das festas de agosto, no centro de Montes Claros
----	--------------	---------	--	---	--	---	-----------------	--

71	sagrado (LS)	sagrado	sa.gra.do adj. 1 relativo ou inerente a Deus, a uma divindade, à religião, ao culto ou aos ritos; sacro, santo 2 que recebeu a consagração, que se sagrou 3 relativo a tudo quanto, por pertencer à divindade ou ser considerado como tal, participa do culto e respeito que se tem a essa mesma divindade 4 que inspira ou deve inspirar respeito religioso ou profunda veneração. 5 que não se deve infringir; inviolável. 6 que não se pode deixar de cumprir. 7 muito estimado, em que não se deve tocar ou mexer. s.m. 8 o que é ou foi consagrado (pelas cerimônias do culto). 9 (sXIII) lugar vedado à profanação; local privilegiado.	sa.gra.do adj. 1 Que se sagrou; que foi alvo de consagração 2 Que se refere às coisas divinas, aos cultos religiosos etc.; SANTO; SACRO 3 Fig. Que é divino, puro, imaculado; que está acima das necessidades e dos valores terrenos 4 Que não deve ser tocado, mexido; SACROSSANTO: Cuidado, para minha avó esse camafeu é sagrado! 5 Que deve ser respeitado de maneira profunda; VENERÁVEL 6 Que não se pode infringir ou desrespeitar: Os direitos do cidadão são sagrados 7 Que se deve cumprir (deveres sagrados; obrigações sagradas) sm. 8 Aquilo que foi sagrado ou consagrado em cerimônias de culto [F.: Do lat. <i>sacratu</i>s, a, um. Ant. . ger.: profano. Ideia de 'sagrado': hier (o)- (hierônimo).]	sa.gra.do adj. 1.Que se sagrou. 2.Relativo às coisas divinas, à religião; sacro, santo. 3.Venerável; santo. S. m. Aquilo que é sagrado; sacro	sagrar v. 'consagrar, dedicar a Deus, aos deuses, ou ao serviço divino' XIII. Do lat. <i>sacrare</i>// sagrado XIII. Do lat. <i>sacratu</i>s. Cp. SACRA.	Ø	Sagrado Abençoado, divino, de Deus
72	São Benedito (LC)	São Benedito	são s.m. f.apoc. de santo, aquele que foi canonizado [abrev.: s.]	são s.m. 1 Santo canonizado (são João) [abr.: S.]	são s.m. f. apocópata de santo., usada antes de nomes que se	São s.m. → SANTO san.to s.m. adj. 'sagrado', 'que vive segundo	Ø	São Benedito Padroeiro das festas de agosto

73	sentido (LS)	sentido	sen.ti.do adj. 1 que se ofende ou melindra facilmente; suscetível, sensível 2 que causa pesar, piedade ou saudade; plangente, lamentoso, compungido 3 repassado de mágoa; melindrado, ressentido 4 impregnado de sentimento; proferido com sentimento, com dor, com convicção 5 percebido pelos sentidos; pressentido 6 que está em começo de decomposição, um tanto podre ou estragado s.m. (sXII) 7 Rubrica: fisiologia. faculdade de perceber uma modalidade específica de sensações (como o calor, as ondas sonoras, o sabor), que corresponde, <i>grosso modo</i>, a um órgão determinado, cuja estimulação dá início ao processo interno de recepção	sen.ti.do adj. 1 Magoado, melindrado, ressentido: Ficou sentido com as acusações do amigo. 2 Que se ofende com qualquer coisa: SENSÍVEL; SUSCETÍVEL. 3 Contristado, pesaroso, triste. 4 Que é acusado pelos sentidos; PRESENTIDO. 5 Lamentoso, plangente: um pranto sentido. 6 Repassado de mágoa ou de sentimento: Estava com o peito sentido pela separação. 7 Meio podre, que está em começo de decomposição, um tanto estragado (alimento sentido; fruta sentida); CEDIÇO; COMBALIDO 8 Hip. Diz-se do cavalo muito sensível às ajudas e solicitações do cavaleiro. s.m. 9 A faculdade que tem o homem e os animais de receberem as impressões externas por meio de certos órgãos 10 Sentimento, faculdade de gostar, de apreciar. 11 Faculdade de	[Esta forma se emprega antes de nomes masculinos iniciados por consoante: são Nicolau, são Francisco, são Pedro etc.] [F.: Do lat. sam. Hom./Par.: são (sm.) / são (fl. de ser).]	principiam por consoante: São Francisco, São Paulo, São João [abrev.: S.jad]. Que tem constituição não viciada por elementos mórvidos; sadio: homem são. / Que não está estragado: esta fruta ainda está sã. / Salubre, que contribui para a saúde: ar são. / Fig. Concorde com a razão; sensato, justo: política sã. / lleso, incólume: são e salvo.	os preceitos religiosos, a lei divina', segundo a tradição judaico-cristã, atributo de Deus e um de seus nomes, sublinhando a transcendência da natureza divina' XIII. Do latim sanctus-a –um. São s.m. 'santo' XIII. Forma proclítica apocopada de santo.	Ø	sen.ti.do s.m. → SENTIR sen.tir v. 'experimental, pressentir, conjecturar' XIII. Do lat. <i>sentire</i>. sentido XIII.	Sentido atenção
----	--------------	---------	---	---	---	--	---	----------	--	-----------------------------------

74	surucucu (LC)	surucucu-assu	lexicologia, lingüística. cada um dos significados de uma palavra ou locução, que ger. vêm separados nos dicionários 19 Rubrica: lingüística, lógica. aquilo que uma palavra ou frase podem significar num contexto determinado; significado 20 Rubrica: matemática. qualidade de um segmento orientado ou de uma semi-reta.	su.ru.cu.cu s.f. Regionalismo: Brasil. 1 Rubrica: herpetologia. serpente venenosa da fam. dos viperídeos (<i>Lachesis muta</i>), encontrada da América Central ao Norte da América do Sul, e nas matas do Leste brasileiro (de PE ao RJ); de grande porte, pode alcançar 2 m ou mais de comprimento, e apresenta colorido marrom-amarelado com grandes manchas triangulares pretas; cobra-topete, surucucu-de-fogo, surucucu-pico-de-jaca, surucucutinga, surucutinga [É a maior serpente venenosa da América do Sul.] 2 Rubrica: herpetologia. m.q. <i>Jararacuçu</i> (<i>Bothrops jararacussu</i>) 3 Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Guiné-Bissau.	su.ru.cu.cu s.f. Bras. Zool. Grande cobra venenosa da fam. dos viperídeos (<i>Lachesis muta</i>), das Américas Central e do Sul, de coloração marrom-amarelada com manchas triangulares pretas.; SURUCUCUTINGA; SURUCUCUTINGA. [F.: Do tupi surukuku.]	su.ru.cu.cu s.f. Bras. Árvore leguminosa-minosácea	su.ru.cu.cu s.f. 'reptil ofídio da fam. Dos viperídeos (<i>Lachesis muta</i>)', ext. indivíduo de mau gênio, irascível// a 1576, çurucucú c 1584 etc./ Do tupi surukuku.	surucucu-assu cobra
----	---------------	---------------	---	---	---	--	--	------------------------

75	tenção (LS)	tenção	m.q. <i>bituta</i> (<i>Bitis arietans</i>) 4 Rubrica: angiospermas. árvore frondosa (<i>Piptadenia biuncifera</i>) da fam. das leguminosas, subfam. mimosoídea, nativa do Brasil (PI a BA), com madeira us. em marcenaria e construção civil, flores em espigas e vagens compridas; jeguíri, jiquiri, jucurutu, juquiá [O nome da cobra aplica-se à planta pela picada dolorosa de seus espinhos.] s.f. ten.ção 1 o que se pretende fazer; propósito, designio, intenção 2 objeto de especial adoração; devoção 3 conteúdo, assunto, tema, matéria 4 Diacronismo: antigo. estado de hostilidade; briga; má vontade 5 Rubrica: heráldica. divisa; figura nos escudos alusiva a feitos gloriosos 6 Rubrica: termo jurídico. voto escrito e fundamentado que, num tribunal de segunda instância, é dado em separado pelo juiz, quando do julgamento de determinadas causas 7 Rubrica: literatura. na poesia provençal, cantiga dialogada por um ou dois trovadores e na qual se discute uma questão de amor.	s.f. ten.ção 1 Intenção, propósito, designio. 2 Assunto, tema 3 Her. Divisa do escudo alusiva a algum feito memorável. 4 Devoção, adoração. 5 Jur. Voto fundamentado que os juizes dão em separado nos julgamentos de segunda instância. [Pl.: -ções.] Hom./Par.: tenção (sf.), tensão (sf.) Tenções dobradas 1 Trocadilho, jogo de palavras.	s.f. ten.ção 1Intento, propósito, designio. 2Devoção. 3Heráld. Divisa de brasão alusiva a feitos heróicos. 4 Direito Voto em separado que os juizes proferem por escrito nos autos, em julgamento de segunda instância.5Poética Na poesia provençal, cantiga dialogada em que os trovadores disputam, numa espécie de desafio, sobre uma questão teórica. 6Na poesia trovadoresca portuguesa e galega, cantiga satírica, na qual os interlocutores se exprimem em estrofes idênticas em metro e rima: tenção de escárnio, tenção de mal dizer.	s.f. ten.ção 'resolução, plano, intenção' XIII. Do lat. (con)tentio –ônis tencionAR 1813. Cp. TENDER, TENSÃO	tenção Intenção; que pretende fazer
----	-------------	--------	--	---	--	--	---

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

							a (alguém); contestar; negar 23 afastar (alguém) de (uma ideia, uma decisão etc.); demover, dissuadir 24 causar (embaraço ou impedimento) a; tolher 25 afastar (alguém) de (hábito ou procedimento mau ou bom); desviar 26 atingir (determinado número, quantidade, avaliação académica etc.); alcancar; obter, receber 27 auferir (determinado resultado) de; colher, obter 28 fazer cobrança de; receber, recolher, arrecaadar 29 receber certificado de conclusão de (curso de nível médio, universitário etc.); graduar- se, formar-se 30 extrair (um texto) de (determinada fonte), copiando-o, transcrevendo-o ou reproduzindo-o de outra maneira 30.1 Rubrica: artes gráficas. reproduzir (texto, ilustração etc.) 31 captar (imagem), desenhando, pintando, fotografando ou através de algum meio técnico-científico 32 ter (alguma imagem sua) captada em (retrato fotográfico, digital, radiografia etc.) 33 obter (de), por transferência de uma superfície para outra 34 Regionalismo:			
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

				uma morada, um pouso, um emprego etc.; partir, sair 47 Regionalismo: Brasil. cumprir (sentença); pegar 48 Regionalismo: Brasil. formar conceito ou opinião sobre (alguém ou alguma coisa); julgar, avaliar 49 Rubrica: futebol. Diacronismo: obsoleto. efetuar cobrança de (falta, tiro de canto ou de meta, lateral etc.); bater.	to.ma.ra interj. Regionalismo: Brasil. exprime desejo e equivale a <i>oxalá</i> , <i>provera a Deus</i>	to.ma.ra interj. 1 Expressa desejo de bons resultados, de sucesso; OXALÁ [F.: Do v. tomar (na 1a pess. sing. do mais-que-perfeito do ind.)]	to.ma.ra interj. Prouvera a Deus; oxalá.	Ø			Tomara Expressão que indica esperança de coisas boas
77	tomara (LS)	tomara									
78	trapo (LS)	trapo	tra.po s.m. 1 pedaço de pano gasto, velho, usado 2 roupa muito gasta, surrada 3 sedimento de alguns líquidos que apresenta a aparência de um trapo, de um pano gasto 4 Dervação: sentido figurado. indivíduo muito velho 4.1 Dervação: sentido figurado. indivíduo de aparência muito cansada, abatida, em virtude de doença ou de problemas materiais ou morais 5 indivíduo	tra.po s.m. 1 Pedaco de pano velho e usado 2 Fig. Roupa muito velha, gasta 3 Fig. Pessoa excessivamente velha, ou de aparência cansada 4 Sedimento de garrafas de vinho que, ao se descolar, tem aparência de farrapos 5 Fig. Indivíduo mole, preguiçoso ou covarde [F.: Do lat. tardio drappus,] Trapos quentes 1 Ver Panos quentes no verbete pano.	tra.po s.m. 1.Pedaco de pano velho ou usado. 2.P. ext. Roupa muito surrada.	tra.po s.m. 'pedaço de pano velho ou usado' 'farrapo' 1813. Do lat. Tard. <i>Drappus</i> , de origem céltica ou pré-céltica AtrapALH . AÇÃO 1813 AtrapALH . ADO XVII AtrapALH . AR vb. 'confundir, embarçar, perturbar' 1813 trapALH . ADA² sf. 'porção de trapos' 1813 trapEIRO sm. 'vendedor de tecidos' -EYRO XIV. Cp. TRAPA¹	Ø			Trapô Pedaço de pano velho, rasgado	

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

[illegible]

83	vír	évem	10.1 Derivação: por extensão de sentido. comunista, socialista ou esquerdista.	vír v. 1 encaminhar-se ou ser transportado (algo ou alguém) de um determinado lugar para (o lugar em que estamos no momento dessa ação, ou para suas proximidades) 2 Ir-se deslocando por um caminho (em direção a ou até um local) 3 chegar para permanecer algum tempo 4 caminhar ou ir, acompanhando algo ou alguém; seguir 5 atingir o fim de um trajeto; chegar 6 atingir ou chegar a (certo limite de uma extensão, um comprimento, uma altura) 7 fazer-se presente; apresentar-se, comparecer 8 partir de (certo local), ser proveniente de; proceder, provir 9 tornar ao local de onde saiu; chegar, regressar, retornar, voltar 10 ter como causa; advir, originar-se, provir, resultar 11 ter como origem, derivar de; provir 12 estar prestes a ocorrer ou chegar; estar	vír v. 1 Transportar-se (algo ou alguém) de um lugar para aquele onde está a pessoa que fala [int.: Venha e traga seus filhos. Antôn.: ir.] [tp.: O trem vinha vazio.] [ta.: Eles virão para cá hoje.] 2 Ir-se movendo por um caminho (em direção a ou até um lugar) [ta.: A frente fria vem em direção à cidade.] [int.: Ouvimos o zunido da ventania que vinha aneçadora.] 3 Chegar para ficar algum tempo [ta.: O bolsista veio a Coimbra.] [int.: No próximo ano virá um substituto.] 4 Alcançar o fim de um caminho; CHEGAR. [int.: Sua encomenda veio hoje de avião.] 5 Chegar a certo limite de altura, comprimento ou extensão [ta.: Suas tranças vêm até os ombros.] 6 Chegar junto aos poucos [ta.: O verdadeiro amor vem com o tempo.] 7 Fazer-se presente; COMPARECER. [int.: O pai ordenou que o filho viesse rapidamente: Convidou familiares e amigos para seu aniversário, mas poucos vieram.] 8 Ser proveniente de (algum lugar); PROVIR. [ta.: O chá	vír v.i. Transportar-se ou deslocar-se de um lugar para outro (onde se acha a pessoa que fala); chegar; veio ontem da Europa. / Ser originário; proceder, provir: esta palavra vem do grego; o suspiro veio das profundezas da alma. / Acontecer ou suceder segundo uma ordem cronológica: depois da tempestade vem a bonança. // Vir abaixo, cair, desabar, ruir. // Fazer vír, chamar: fazer vir o médico; trazer ou mandar trazer: fazer vir as armas do Sul. // Vir à luz ou ao mundo, nascer: veio à luz um menino.	vír v. 'transportar-se de um lugar (para aquele em que estamos)/<i>ujir</i> XIII, <i>viñr</i> XIII etc./Do lat. <i>venire</i>.	évem usado quando ta vindo alguém ou alguma coisa
----	------------	-------------	--	---	--	---	---	--

[illegible]

84	Virgem do Rosário (LC)	Virgem do Rosário	vir.gem s.f. 1 mulher que nunca teve relação sexual completa	vir.gem s.f. 1 Mulher, ger. jovem, que nunca teve relações sexuais.	vir.gem s.f. Mulher que se conserva em continência, que não teve	vir.gem s.f. 'mulher que não teve relações sexuais com homem',	vir.gem s.f. o estado virginal confere poderes sobrenaturais...	Virgem do Rosário Nossa Senhora do Rosário
			nova geração virá mais rebelde.] 20 Aparecer para acudir (algo ou alguém) [int.: Gritamos por socorro, mas não veio ninguém.] 21 Propagar-se a partir de; EMANAR-SE. [tr. + de: Toda sabedoria vem de Deus.] [It.: Esse cheirinho bom vem do restaurante.] 22 Apresentar, expor (argumentos, queixas etc.) [tr. + com: Esses chatos sempre vêm com queixas.] 23 Ser apresentado ou oferecido (em certa condição) [tr. + com: Esse carro já vem com rádio.] 24 Chegar a um ajuste ou a uma combinação; estar de acordo; CONCORDAR. [It. + a, em: vir a um acordo.: Os irmãos vinham em tudo.] [NOTA.: Us. tb. como v. aux.: a) seguido da prep. a + v. no infinit., com o sentido de 'resultar': Eles vieram a se casar poucos meses depois; b) seguido de v. no gerun., para indicar ação repetida ou progressiva: Há meses venho tentando acertar na loteria.] [F.: Do lat. venire. Hom./Par.: veio (fl.), velo (sm.); vinha(s) (fl.), vinha(s) (sf.pl.); viremos (fl.), viremos (fl. de virar); vêm (fl.), veem (fl. de ver); vireis (fl.), vireis (fl. de ver).]					

				e ainda possui intacto o himen; donzela 1.1 Uso: sentido absoluto. a mãe de Jesus Cristo; Virgem Maria. Obs.: inicial maiúsc. 1.2 Derivação: por metonímia. pintura ou imagem que a representa 2 Derivação: por extensão de sentido (<i>da acp.</i> 1). mulher solteira; moça 3 menina que, em certas festas e procissões católicas, usa túnica e coroa de flores na cabeça 4 Regionalismo: Sul do Brasil. alavanca que gira a haste do moinho 5 Regionalismo: Nordeste do Brasil. viga de madeira fixada à prensa da mandioca, cuja parte superior tem um orifício onde se encaixa a vara 6 Regionalismo: Minho. cada uma das duas pedras em cuja parte saliente se fixa, através de um eixo denominado <i>verdugo</i>, a vara da lagariça 7 Rubrica: astronomia. sexta constelação zodiacal, situada entre Leão e Libra Obs.: inicial maiúsc. 8 Rubrica: astrologia. sexto signo do zodíaco (de 23 de agosto a 23 de setembro) Obs.: inicial maiúsc	2 A mãe de Jesus Cristo; a Virgem Maria [Nesta acp., com inicial maiúsc.] 3 Imagem ou retrato da Virgem Maria. 4 Rel. Em procissões ou festas católicas, menina que usa túnica branca e diadema de flores na cabeça. 5 Astron. A sexta constelação do Zodíaco, que se encontra entre Leão e Libra [Nesta acp., com inicial maiúsc.] 6 Astrol. O sexto signo do zodíaco (de 23 de agosto a 23 de setembro). [Não raro ocorre em uso elíptico: Ele é (do signo de) Virgem; Elas são (de) Virgem. (Por tratar-se de elipse, não há flexão.)] 7 Bras. Pop. Cachaca. adj. 2 g. 8 Que nunca manteve relações sexuais (moça virgem; rapaz virgem). 9 Que nunca foi fecundado (óvulo virgem). 10 Que se encontra intato, intocado. 11 Que é casto, puro. 12 Que nunca foi visto ou cultivado (terras virgens). 13 Met. Diz-se do metal bruto, tal como sai das minas. 14 Que ainda não foi usado; que está pronto para ser usado (filme virgem). 15 Diz-se do vinho mosto que escorre das uvas por pressão. 16 Diz-se de cera que ainda não foi derretida nem usada. 17 Diz-se de papel que ainda está em branco, sem ter sido usado.	cópula carnal; donzela. / Em sentido especial, a mãe de Jesus Cristo. / Bs-art. A imagem da mãe de Cristo. / adj. Que não teve relações carnaís: mulher virgem. / P. ext. Que nunca entrou em funcionamento; novo: motor virgem. / Fig. Inocente, ingênuo. // Azeite virgem, azeite extraído de azeitonas esmagadas sem uso de água quente. // Mata ou floresta virgem, trecho de mata ou de floresta onde o homem civilizado ainda não penetrou. rosário s.m. Objeto de devoção que consiste numa espécie de colar de contas que se vão passando pelos dedos para contar orações que se vão rezando. (É composto de quinze mistérios ou dezenas de pequenas contas [a cada uma das quais corresponde uma Ave-Maria], sendo cada uma dessas dezenas separada das outras por uma conta maior, que vale um Pai-Nosso. Os rosários terminam por uma pequena cruz, sobre a qual se reza um Credo. O terço, rosário comum, tem apenas uma terça parte das contas do verdadeiro rosário.) / Conjunto de orações rezadas por esse processo. / Fig. Série, enfiada, feira; grande quantidade: um rosário de recriminações, de culpas.	'donzela XIII. Do lat. <i>virgō -inis</i>. rosário s.m. → ROSA rosa s.f. 'a flor da roseira XIII. Do lat. <i>rosa -ae</i>. rosário/rosario XVII Do lat. ecles. <i>rosarium</i>.	
--	--	--	--	--	--	---	---	--

85	Virgem Maria (LC)	Virgem Maria	vir.gem s.f. 1 mulher que nunca teve relação sexual completa e ainda possui intacto o hímen; donzela 1.1 Uso: sentido absoluto. a mãe de Jesus Cristo; Virgem Maria. Obs.: inicial maiúsc. 1.2 Dervação: por metonímia. pintura ou imagem que a representa 2 Dervação: por extensão de sentido (<i>da acp. 1</i>). mulher solteira; moça 3 menina que, em certas festas e procissões católicas, usa túnica e coroa de flores na cabeça 4 Regionalismo: Sul do Brasil. alavanca que gira a haste do moijolo 5 Regionalismo: Nordeste do Brasil. viga de madeira fixada à prensa da mandioca, cuja parte superior tem um orifício onde se encaixa a vara 6 Regionalismo: Minho. cada uma das duas pedras em cuja parte saliente se fixa, através de um eixo denominado <i>verdugo</i>, a vara da lagarça 7 Rubrica: astronomia. sexta constelação zodiacal, situada entre Leão e Libra	vir.gem s.f. 1 Mulher, ger. jovem, que nunca teve relações sexuais. 2 A mãe de Jesus Cristo; a Virgem Maria [Nesta acp., com inicial maiusc.] 3 Imagem ou retrato da Virgem Maria. 4 Rel. Em procissões ou festas católicas, menina que usa túnica branca e diadema de flores na cabeça. 5 Astron. A sexta constelação do Zodíaco, que se encontra entre Leão e Libra [Nesta acp., com inicial maiusc.] 6 Astrol. O sexto signo do zodíaco (de 23 de agosto a 23 de setembro). [Não raro ocorre em uso elíptico: Ele é (do signo de) Virgem; Elas são (de) Virgem. (Por tratar-se de elipse, não há flexão.)] 7 Bras. Pop. Cachaça. adj. 2 g. 8 Que nunca manteve relações sexuais (moça virgem; rapaz virgem). 9 Que nunca foi fecundado (óvulo virgem). 10 Que se encontra intato, intocado. 11 Que é casto, puro. 12 Que nunca foi visto ou cultivado (terras virgens). 13 Met. Diz-se do metal bruto, tal como sai das minas. 14 Que ainda não foi usado; que está pronto para ser usado (filme virgem). 15 Diz-se do vinho mosto que escorre das uvas por	vir.gem s.f. 'mulher que não teve relações sexuais com homem', 'donzela' XIII. Do lat. <i>virgō -inis</i>.	vir.gem s.f. o estado virginal confere poderes sobrenaturais...	Virgem Maria Nossa Senhora, mãe de Deus
----	-------------------	--------------	---	--	---	--	---

86	Virgem Senhora (LC)	Virgem Senhora	que, na pintura, não é misturado com outro (diz-se de tinta) 19 Derivação: por extensão de sentido. que ainda se encontra em branco (diz-se de papel de impressão) 20 Derivação: por extensão de sentido. que não sofreu ação da água (diz-se de cal).	vir.gem s.f. 1 mulher que nunca teve relação sexual completa e ainda possui intacto o hímen; donzela 1.1 Uso: sentido absoluto. a mãe de Jesus Cristo; Virgem Maria. Obs.: inicial maiusc. 1.2 Derivação: por metonímia. pintura ou imagem que a representa 2 Derivação: por extensão de sentido (<i>da acp.</i> 1). mulher solteira; moça 3 menina que, em certas festas e procissões católicas, usa túnica e coroa de flores na cabeça 4 Regionalismo: Sul do Brasil. alavanca que gira a haste do monjolo 5 Regionalismo: Nordeste do Brasil. viga de madeira fixada à prensa da mandioca, cuja parte superior tem um orifício	vir.gem s.f. 1 Mulher, ger. jovem, que nunca teve relações sexuais. 2 A mãe de Jesus Cristo; a Virgem Maria [Nesta acp., com inicial maiusc.] 3 Imagem ou retrato da Virgem Maria. 4 Rel. Em procissões ou festas católicas, menina que usa túnica branca e diadema de flores na cabeça. 5 Astron. A sexta constelação do Zodíaco, que se encontra entre Leão e Libra [Nesta acp., com inicial maiusc.] 6 Astrol. O sexto signo do zodíaco (de 23 de agosto a 23 de setembro). [Não raro ocorre em uso elíptico: Ele é (do signo de) Virgem; Elas são (de) Virgem. (Por tratar-se de eclipse, não há flexão.)] 7 Bras. Pop. Cachaça. adj. 2 g. 8 Que nunca manteve relações sexuais (moça virgem; rapaz virgem). 9 Que nunca foi fecundado (óvulo virgem).	vir.gem s.f. Mulher que se conserva em continência, que não teve cópula carnal; donzela. / Em sentido especial, a mãe de Jesus Cristo. / Bs-art. A imagem da mãe de Cristo. / adj. Que não teve relações carnaís: mulher virgem. / P. ext. Que nunca entrou em funcionamento; novo: motor virgem. / Fig. Inocente, ingênuo. // Azeite virgem, azeite extraído de azeitonas esmagadas sem uso de água quente. // Mata ou floresta virgem, trecho de mata ou de floresta onde o homem civilizado ainda não penetrou. se.nho.ra [ó] s.f. Tratamento cortês, dispensado a uma mulher casada e, em geral, a qualquer mulher de certa condição social. / Esposa. / Dona de casa. / Proprietária. // Nossa Senhora, designação da Virgem Maria na Igreja Católica	vir.gem s.f. 'mulher que não teve relações sexuais com homem', 'donzela' XIII. Do lat. <i>virgō</i> - <i>inis</i> . se.nhor s.m. 'orig. proprietário feudal', 'dono, patrão', 'homem idoso' XIII, 'senhor XIII. Do latim <i>sénior-oris</i> . Senhora/XIII, senhora XIV/No port. med. ocorria com muito maior frequência a forma <i>senhor</i> , tanto para o masculino quanto para o feminino.	vir.gem s.f. o estado virginal confere poderes sobrenaturais...	Virgem Senhora Nossa Senhora, mãe de Deus
----	---------------------	----------------	--	---	--	---	--	--	--

[illegible]

89	zabelé (LS)	zabelé	outras aves. za.be.lê s. 2 g. Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Bahia, Espírito Santo. m.q. jaó (<i>Crypturellus noctivagus</i>)	outras aves; o mesmo que xole. za.be.lê s. 2 g. 1 Mesmo que jaó.	za.be.lê s.f. Ave brasileira da família da perdiz e da codoma. Habita as matas existentes desde o Piauí até o Rio Grande do Sul, sendo que no centro e sul do país é mais conhecida pelo nome jaó.	za.be.lê s.f. 1899. De origem obscura; talvez se trate de uma formação onomatopaica.	Ø	Zabelé Passarim do mato
90	zão-zão (LC)	zão-zão	zão. zão s. m. som repetido, monótono; zunzum.	zão. zão s. m. Palavra onomatopaica usada para designar um som repetido e monótono.	zão zão s.m. Onomatopéia usada para indicar um som repetido e monótono.	Ø	Ø	zão-zão usado pra dar o som, o ritmo das músicas